

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Aline Cristina Laier

ENSINO “ALÉM MAR” : TRAJETÓRIAS E TRAVESSIAS
DE ESTUDANTES AFRICANOS NO ENSINO SUPERIOR
EM JUIZ DE FORA - MG

Juiz de Fora

2014

ALINE CRISTINA LAIER

ENSINO “ALÉM MAR” : TRAJETÓRIAS E TRAVESSIAS
DE ESTUDANTES AFRICANOS NO ENSINO SUPERIOR
EM JUIZ DE FORA - MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), área de concentração “Diversidade e Fronteiras Conceituais”, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Rogéria Campos de Almeida Dutra

Juiz de Fora

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de
geração automática da Biblioteca Universitária da
UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Laier, Aline Cristina . Ensino "Além Mar" : trajetórias
e travessias de estudantes africanos em Juiz de Fora - MG
/ Aline Cristina Laier. -2014.
167 f. : il.

Orientadora: Rogéria Campos de Almeida Dutra
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal
de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa
de PósGraduação em Ciências Sociais, 2014.

1. Antropologia Urbana. 2. Migração estudantil. 3.
Estudantes Africanos. 4. Identidade . 5. Cultura. I.
Dutra, Rogéria Campos de Almeida, orient. II. Título.

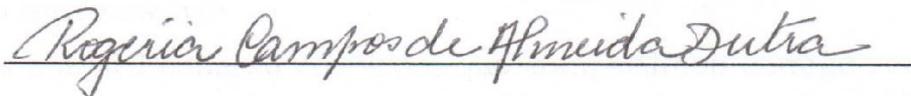
ALINE CRISTINA LAIER

ENSINO "ALÉM MAR": TRAJETÓRIAS E TRAVESSIAS DE ESTUDANTES
AFRICANOS NO ENSINO SUPERIOR EM JUIZ DE FORA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de concentração: Cultura, Poder e Instituições, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção de grau de mestre.

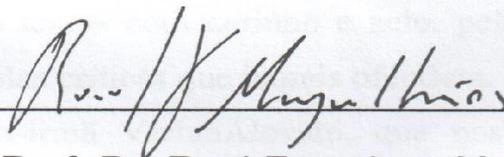
Aprovada em 10 de março de 2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Rogéria Campos de Almeida Dutra

Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães

Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof^a. Dr.^a Alessandra Siqueira Barreto

Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que contribuíram para que este trabalho fosse possível. Agradeço em primeiro lugar ao meu filho, Gabriel Laier Campo Dall’Orto por ter sido compreensivo, doce e inspirador. Por ter se tornado minha maior fonte de inspiração, força e determinação nesta trajetória. Aos seus avós paternos , Alcione Vale Campo Dall’Orto e José Aguilar Campo Dall’Orto, e também sua tia paterna, Elisa Vale Campo Dall’Orto por dividirem comigo a difícil tarefa de cuidar, amar e protegê-lo desde seu nascimento. Por estarem do meu lado em todas as escolhas e projetos que tracei, desde a decisão de me tornar antropóloga. Por serem meus amigos e meus parceiros nesta caminhada e principalmente por vibrarem comigo em cada vitória conseguida.

À minha orientadora Rogéria Campos de Almeida Dutra, que sempre acreditou em meu potencial, apoiou, incentivou e proporcionou grandes oportunidades. Por ser um exemplo acima de tudo, de uma grande intelectual e excelente pessoa, que empreende seu trabalho com serenidade e elegância. Pela paciência e por uma orientação que jamais deixou margens para que eu descreditasse que a conclusão deste trabalho seria possível.

Ao meu amigo Leonardo Azevedo, que compartilhou comigo seu entusiasmo pela antropologia. Pela disciplina com a qual desempenha tudo a que se propõe, em todas as atividades acadêmicas e políticas – que são muitas -, e por compartilhar comigo a esperança, que de alguma forma possamos contribuir para um mundo melhor. Por ler meus textos com carinho e zelo, pelas risadas compartilhadas que aliviam o espírito e pelas críticas que jamais ofendem.

À minha amiga-irmã Vívian Alevato, que nos tempos de graduação viveu comigo o fascínio antropológico e do mundo novo que se abria. Pela amizade incondicional e motivadora e por sempre estar por perto nos momentos felizes ou difíceis, mesmo agora, que milhares de quilômetros nos separem fisicamente.

À minha amiga-irmã Tarcília Nascimento, por me motivar diariamente tanto ao trabalho acadêmico como a todas as demandas que surgiram em meio a ele. Por ser minha parceira de todos os momentos e por me dedicar uma amizade tão bela e forte que me faltam palavras para defini-la – ou nos definirmos.

À minha amiga SÍntiaHelpes, com quem muito aprendi. Pela parceria que desenvolvemos nesta época de mestrado, pela generosidade e bom humor, por ser sempre tão disponível para as discussões acadêmicas e por se tornar um grande exemplo de trabalho, dedicação e superação neste período de produção da dissertação.

Às minhas grandes amigas Jéssica Fashineto e Bianka Cardoso, por vibrarem comigo em cada vitória.

À minha irmã Edna Laier e meus sobrinhos e afilhados Natan Laier e Lucas Laier por alegrarem minha vida. À minha mãe Vanda Marques por se orgulhar tanto do meu trabalho, mesmo quando ele parecia interminável e incompreensível para ela.

Aos colegas e amigos do departamento do Programa de Pós- graduação em Ciências Sociais da UFJF, com quem dividi muitas angústias e alegrias nas aulas e nas conversas pelos corredores da universidade.

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora pelos bons conselhos, pelo conhecimento compartilhado, instruções e esclarecimentos.

À toda minha família, que mesmo à distância, esteve presente, cada um a sua maneira, nos momentos importantes.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, e aos órgãos financiadores da pesquisa, FAPEMIG e CAPES.

E por último, mas não menos importante, agradeço aos interlocutores desta pesquisa, os estudantes africanos que se encontram no Brasil, e especialmente os que moram em Juiz de Fora. Agradeço imensamente a vocês por compartilharem comigo suas experiências, expectativas e trajetórias de vida. Por acolherem a mim e a todas as minhas indagações de pesquisa neste contexto. Aos grandes amigos que fiz nesta empreitada, solícitos, alegres e compreensivos. Donos de histórias de vida fascinantes que permitiram todas as reflexões desta pesquisa. A vocês, com todo carinho, dedico inteiramente este trabalho.

Resumo:

A presente pesquisa tem por objetivo apreender as trajetórias e travessias dos estudantes africanos que migram para a cidade de Juiz de Fora para cursarem o ensino superior, notadamente os estudantes atrelados ao Programa estudante convênio graduação – PEC-G. Partindo do pressuposto de que a migração estudantil, para além do deslocamento espacial, traz em seu cerne transformações acerca das identidades dos indivíduos e se realiza por intermédio das redes sociais estabelecidas entre o país de origem e o país de destino, busca-se refletir como estudantes africanos se inserem no seio do universo estudantil da sociedade brasileira e de que forma a interação dentro desta nova realidade social contribui para que indivíduos e os grupos por eles formados acionem novas categorias identitárias, operando transformações no plano individual e social. “Ser africano” no contexto da vivência da sociabilidade de uma juventude universitária, é uma faceta identitária que se (re)afirma cotidianamente. Esta faceta também é celebrada através de eventos organizados por estes estudantes; através dos discursos do que é ser africano no contexto migratório, forma pela qual alguns elementos simbólicos são acionados. Também se pretende refletir acerca do projeto da migração estudantil, da decisão de migrar para cursar o ensino superior, a chegada e as experiências vivenciadas, assim como os planos para depois da formação. Como método, utilizou-se a etnografia, através da observação participante e de entrevistas abertas. E para um entendimento maior do universo social do qual estes estudantes são oriundos e sobre as origens e implicações das migrações estudantis, fez-se necessário uma pesquisa acerca da história das relações Brasil-África; sobre a (re)configuração de uma identidade negra à partir do século XX; a questão dos PALOP e a língua portuguesa como um patrimônio cultural em comum; assim como os acordos governamentais empreendidos pelo governo brasileiro e os países africanos de modo a fomentar as migrações .

Palavras chave: Migração estudantil; identidades; redes sociais; estudantes africanos; Programa Estudante Convênio Graduação – PEC-G.

Abstract:

The current research aims at gathering the path and crossings of African students migrating to the city of Juiz de Fora to take a college degree, notoriously students related to the ProgramaEstudanteConvênioGraduação – PEC-G. Assuming that student migration, beyond spatial displacement, brings in its core shifts regarding individual identity and carries itself out through social networking established between home country and destination country, we aim to think over on how African students settle at the bosom of schooling universe of the Brazilian society and in what ways the interaction amongst this new social reality contributes for individuals and groups formed by them to activate new identity categories, operating changes individually and socially-wise. “Being African” in the context of sociability living of a college youth, is an identity facet reassured daily. This facet is also celebrated through events which are organized by those students; through speeches of what is being African in the migration setting, a way by which some symbolic elements are triggered. We also intend to reflect on the project of student migration, the choice of migration to take a college degree, the arrival and experiences lived, as much as plans after graduation. For a method, ethnography was used, through the observation of participants and open interviews. Also, for a better understanding of those students’ original student universe and about the origins and implications of student migration, a research about the Brazilian-African relation was necessary; about the (re)setting of a black identity at the 20th century; the question of Portuguese-speaking African countries and Portuguese language as a common cultural inheritance; as well as governmental agreements moved by the Brazilian government and African countries in order to encourage migrations.

Keywords: Student migration; identities; social networking; African students; ProgramaEstudanteConvênioGraduação – PEC-G.

Sumário

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 - NEGROS E A MODERNIDADE: DIÁSPORA, IDENTIDADE E ATUAÇÃO POLÍTICA | 13 |
| 1.2 –O Atlântico Sul-Sul: mudanças e perspectivas | 15 |
| 1.3 –“Preto também é gente”: movimentos sociais e a (re)configuração dos papéis sociais dos negros a partir do século XX..... | 22 |
| 1.4 – África e Brasil: relações econômicas, políticas e culturais..... | 43 |
| 2 – OS PALOP,A CPLP E A INCLUSÃO DOS PÁISES AFRICANOS NO PEC-G...52 | |
| 3 – MOBILIDADE ESTUDANTIL AFRICANA: POLÍTICAS EDUCACIONAIS, CONHECIMENTO CIENTÍFICO E A DESIGUALDADE SOCIAL.....62 | |
| 4 – FLUXOS CULTURAIS, IDENTIDADES, REDES SOCIAIS E COMUNIDADES NO CONTEXTO MIGRATÓRIO.....70 | |
| 5 – CAMPO: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS.....75 | |
| 5.1 – Subjetividade erótica no trabalho de campo: quais os limites das relações na pesquisa | 77 |
| 6 – AS FESTAS ORGANIZADAS POR AFRICANOS: “VENHAM CURTIR O MELHOR DA ÁFRICA COM A GENTE” | 91 |
| 6.1 - Reveillon Conexão África em Juiz de Fora..... | 100 |
| 6.2 – XV Festa Africana: celebração e confraternização dos estudantes africanos em Juiz de Fora. | 112 |
| 6.3 – Música, dança e performance: a celebração de um pertencimento comum..... | 120 |
| 7 – TRAJETÓRIAS E TRAVESSIAS: OS ESTUDANTES AFRICANOS EM JUIZ DE FORA | 123 |
| 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS | 157 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 162 |

Introdução:

A migração estudantil Africana para o Brasil não é um fenômeno novo. Desde a década de 1960, estudantes oriundos de países como Guiné Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Thomé e Príncipe cruzam o Atlântico em busca da formação no ensino superior. E a partir da década de 90, este movimento vem aumentando substancialmente, sendo inclusive foco de diversas análises antropológicas (MUNGOI, 2004; GUSMÃO, 2008).

A presente pesquisa busca refletir acerca das vivências e trajetórias de estudantes africanos que migram para a cidade de Juiz de Fora, no intuito de cursarem o ensino superior – notadamente os estudantes atrelados ao Programa Estudante Convênio Graduação – PEC-G. Esta migração não se restringe ao PEC-G, e muitos são os que buscam por conta própria as faculdades privadas no Brasil. Mas através do programa oficial, estes estudantes têm a real oportunidade da formação superior nas universidades públicas do país. No entanto, há especificidades para o ingresso e permanência dos mesmos, de acordo com as normas e objetivos do programa: ao mesmo tempo em que promove a migração, o PEC-G cria mecanismos facilitadores para a formação destes futuros profissionais, ressaltando e normatizando a não permanência em terras brasileiras após a conclusão de seus percursos acadêmicos.

Importante aspecto dos fluxos culturais da contemporaneidade, as migrações estudantis operam em diversos níveis e principalmente, realizam-se por intermédio das redes sociais estabelecidas entre o país de origem e o país almejado. O “projeto migratório” não se faz apenas como escolha individual ou familiar: ele conecta conterrâneos nos países de origem e de destino, motivando-os através dos relatos da experiência dos que migraram anteriormente; criando estratégias facilitadoras de todo o processo, do deslocamento à inserção e adaptação nesta nova sociedade que os acolhe. Outro ponto importante do trabalho é compreender de que forma a interação dentro desta nova realidade social contribui para que indivíduos e os grupos por eles formados criem novas categorias identitárias, operando transformações no plano individual e social. “Ser africano” no contexto da vivência da sociabilidade de uma juventude universitária, é uma faceta identitária que se (re)afirma cotidianamente.

A partir do método etnográfico, inicialmente através da observação participante, e na segunda fase da pesquisa, com a realização de entrevistas abertas, foi

realizado um relato dos eventos – encontros, festas e churrascos – organizados pelos estudantes em terras brasileiras. O objetivo é o de compreender de que forma os africanos, através destes eventos, celebram a ideia de uma África que se pretende rememorar e apresentar aos brasileiros de forma positivada. Eventos como “Conexão África”, que apresentam o *slogan* “venham curtir o melhor da África com a gente” nos leva a pensar na possibilidade de que estas festas se apresentam como um “produto”, pois além de ser um contexto de confraternização e celebração das culturas africanas, mostra-se também como um empreendimento financeiro, no qual a organização busca atrair o maior número possível de pessoas – inclusive os brasileiros - através de publicações e páginas em redes sociais como o Facebook.

É pressuposto deste trabalho, que a migração estudantil, para além do deslocamento espacial, opere transformações significativas acerca das identidades dos indivíduos envolvidos no processo. Envolve também todo um universo de transformações sociais, que abarcam os países de origem e de destino, das quais são ao mesmo tempo fomentadoras e resultantes do processo. Através dos discursos do que é “ser africano” no contexto migratório, estes estudantes manipulam elementos simbólicos que permitem que sejam identificados como tal pela população de acolhimento: as festas, o sotaque, a língua, por vezes, os trajes e adereços. Esta é a forma pela qual alguns elementos simbólicos são acionados para a afirmação do discurso desta identidade africana, ou seja, uma identidade coletiva que se forma no contexto migratório, de modo afirmar como referência a marca que é a do pertencimento comum, e uma possível “identidade continental”.

Também se pretende refletir acerca do projeto da migração estudantil, da decisão de migrar para cursar o ensino superior, da chegada e das experiências vivenciadas, e do retorno ao país de origem. Assim como a permanência no Brasil ou outros deslocamentos, possibilidades que se abrem com a ampliação dos horizontes nas vivências adquiridas.

Durante a pesquisa surgiram muitas questões acerca das sociedades das quais estes estudantes eram oriundos, questões estas que se mostravam importantes para uma compreensão mais ampla das migrações estudantis de africanos para o Brasil. Para uma melhor observação de seu universo social, assim como de suas sociedades de origem, e após a constatação dos contrastes e lacunas entre as descrições das leituras acadêmicas disponíveis e a realidade relatada e apresentada por esses

africanos, uma breve análise histórica das relações Brasil-África foi realizada no intuito de esclarecer de que forma as mesmas foram forjadas nestes cinco séculos de intercâmbios culturais. Apesar da migração estudantil para a cidade de Juiz de Fora não se restringir aos Países da Língua Oficial Portuguesa – PALOP –, a presente pesquisa enfatiza estes países, pois o PEC-G e também outros acordos diplomáticos e governamentais entre estes países e o Brasil possuem discurso orientado para uma proximidade histórica devido ao passado colonial, à metrópole em comum que deixa por herança o português como um idioma que se apresenta como ponte: um aspecto de unidade entre os dois extremos de um mesmo oceano, potente fomentador e facilitador destas migrações.

Na medida em que o campo se desdobrava, questões como a diáspora africana, as diversas faces do racismo e a possibilidade de uma identidade negra - mesmo que não homogênea - a nível mundial, mostraram-se de suma importância para a compreensão dos deslocamentos de africanos na contemporaneidade. Análises sobre a diáspora africana permitem que não vejamos a questão da “raça”, mas formas “geopolíticas e geoculturais” da vivência desses sujeitos, como resultantes da interação de sistemas comunicativos, em contextos nos quais elas não só incorporam, mas também transcendem e modificam. (GILROY, 2012)

Desta forma, entender a migração de estudantes africanos para o Brasil na contemporaneidade perpassa uma visão mais ampla que busca contemplar os negros como agentes políticos e atores na construção da modernidade tal qual a temos, e não vítimas passivas de um passado de escravidão e submissão colonial. Entendimento este que possibilita a compreensão de uma dimensão justa da atuação socio-política dos africanos que estão a construir suas trajetórias individuais em novas travessias do Atlântico rumo ao ensino superior, atrelados a um projeto que busca a projeção dos seus países e da África como um todo no cenário internacional. Projeto este, no qual o Brasil se propõe a participar.

1 - Negros e a modernidade: diáspora, identidade e atuação política

Refletir acerca da migração dos africanos traz à tona diversas facetas da história do povo negro no mundo. Isto leva a muitas indagações e até a necessidade de se entender amplamente a história e os africanos desde a chegada dos Europeus na África, a escravidão e o tráfico negreiro, a diáspora e configuração de sociedades pós-coloniais, com um número significativo de afrodescendentes em sua população. Historiadores, antropólogos e estudiosos de diversas áreas vêm buscando elucidar a complexidade que rege a história destes negros assim como suas contribuições para o que chamamos de modernidade. No que se refere à presente pesquisa, um breve levantamento de alguns aspectos dessa história serão ressaltados. Refletir acerca das trajetórias de um mundo denominado por Gilroy(2012) como o “Atlântico Negro” é ir de encontro a uma historiografia que possui uma visão integrada das sociedades e diáspora africana – entendendo-os como um só povo negro, mesmo que não homogêneo. Tais questões devem ultrapassar análises meramente nacionais, são processos também políticos, não estando circunscritos “na esfera da edificação de uma cultura nacional coesa”.(GILROY, 2012, p.10)

No espírito do que pode ser chamado de história “heterológica”, gostaria que considerássemos o caráter cultural e as dimensões políticas de uma narrativa emergente sobre a diáspora que possa relacionar, senão combinar e unificar, as experiências modernas das comunidades e interesses negros em várias partes do mundo; mas seria também uma forma de adquirir uma perspectiva mais complexa sobre a modernidade e uma compreensão mais rica, pós-antropológica, de suas culturas coloniais e pós-coloniais.(GILROY, 2012:11)

O mar para Gilroy remete tanto a mistura quanto ao movimento, no qual se fez as infundáveis viagens para que o mundo se configurasse como é hoje. Mundo que se globalizava antes mesmo que os veículos de comunicação como o rádio e a televisão acelerassem os fluxos de informações e os intercâmbios culturais. As viagens de navio que interligaram os povos africanos à Europa e ao Novo Mundo fornecem uma gama de reflexões acerca das histórias de uma “transcultural negra”.

[...] esta abordagem cosmopolita nos leva necessariamente não só a terra, onde encontramos o solo especial no qual se diz que as culturas nacionais têm suas raízes, mas ao mar e à vida marítima, que se movimenta e que cruza o oceano Atlântico, fazendo surgir culturas planetárias mais fluídas e menos fixas .(GILROY, 2012, p.14-15)

Gilroy não incluiu o Brasil no que ele denominou de “Atlântico Negro”. Suas análises – que priorizam as condições dos negros ingleses e norte-americanos – perpassam uma cultura negra fluída, politicamente atuante, tendo como um dos seus principais meios de comunicação a música e as manifestações artísticas. O que o autor denominou como a “contracultura da modernidade”.

Uma vez que a multiculturalidade emergiu como um objeto ético e político contestado, esta instância não só gera argumentos que devem desafiar as suposições da teoria política liberal, por apontar continuamente para aquele ponto onde o poder corrosivo e excludente do pensamento racial tem prejudicado e reestruturado suas inocentes noções de justiça e democracia, Ela também sugere que as dúvidas, mas sem dúvidas atraentes, promessas de uma perspectiva liberal só podem ser consideradas se se prestar atenção de forma consistente a brutalidade da história da racilogia e seus efeitos excludentes.(GILROY, 2012, p.15)

Alguns estudiosos apontam para esta que seria uma “falha de Gilroy”¹ ao buscar explicar uma identidade negra de certa forma compartilhada, que conectou negros do mundo inteiro e suas histórias, de forma singular tanto no seu intercâmbio como na forma de assimilar as influências. Em seu prefácio a edição brasileira de 2012, Gilroy faz um esforço reflexivo para atenuar esta “falha”. Afirma que “a longa e específica história do Brasil sobre os contínuos contatos com a África deveria também ser produtivamente acrescentada às narrativas fundamentais da história do Atlântico Negro”(Ibid., p.12). Mais ainda, que uma correção proporcional deveria ser fornecida pela ideia de um “Atlântico sul negro”, sendo assim mais precisa, no que concerne ao entendimento da cultura da diáspora e uma abordagem capaz de mapear as condições e as delicadas consequências da influência mútua. Aponta, por exemplo, para o fato de que os movimentos negros no Brasil e sua história de lutas terem recentemente conseguido forçar o reconhecimento do racismo como um aspecto estruturante da sociedade brasileira, ajudando a conter os desejos românticos – que depois de Gilberto Freyre inspirou análises substanciais - de empregar a cultura brasileira como um signo que antecipa a possibilidade de um mundo sem raças. E fornece também uma perspectiva

¹ Marc Hertzman (Universidade de Illinois, Estados Unidos), durante sua conferência “*Um contrapeso brasileiro: música, propriedade intelectual e diáspora africana no Rio de Janeiro (1910 s – 1930 s)*” na UFJF em novembro de 2013, afirma que o problema do Atlântico Negro de Paul Gilroy é não incluir o Brasil, não percebendo que “a luta do negro no Brasil também é a luta do negro no mundo.” <http://www.ufjf.br/ppgcs/cha-das-5-e-meia/>

analítica sobre a diáspora que inevitavelmente levanta questões sobre o escopo e o alcance da política negra. É neste contexto que as relações entre o Brasil e os países africanos sob o domínio português devem ser pensadas além da ótica comercial, mesmo que a mercantilização de mercadorias humanas - os escravos – tenha sido a principal atividade a ligar os dois lados do Atlântico até o século XIX. Pensar a formação do Brasil - e dos países africanos - implica pensar em um paradoxo histórico no qual os países também se formam fora deles; nas relações comerciais, políticas e sociais engendradas desde a ocupação portuguesa e dos intercâmbios culturais resultante destas relações. Sendo assim, a nossa história colonial não deve ser confundida com a delimitação territorial do Brasil colônia. O Brasil sempre foi pensado também fora dele, porém de maneira incompleta, como se fosse apenas um prolongamento da Europa, devido a hegemonia das trocas culturais “formais” e as influências de pensadores políticos, econômicos e intelectuais do continente. (ALENCASTRO, 2000).

É possível que o “mito da democracia racial” e a conjuntura da situação social dos negros brasileiros possa ter impedido um entendimento mais amplo das complexas consequências da diáspora dos africanos na conexão sul-sul, além das influências do movimento pelos direitos civis nos EUA nas décadas de 50 do século passado em diante. O preconceito e o tipo de segregação ao qual foram submetidos, é ao mesmo tempo, causa e efeito desta época de invisibilidade na qual não se trata seriamente o problema do racismo na sociedade brasileira.

Portanto, uma reflexão que investigue as conexões entre os dois lados do Atlântico e que possa servir para o entendimento dos fluxos culturais do “Atlântico Negro” e suas consequências para a modernidade são importantes na medida em que não se veja o fenômeno migratório de estudantes africanos para o Brasil como algo novo e isolado. Mas sim imbricado nas transformações identitárias – culturais e políticas – dos negros e as influências mútuas das várias lutas e experiências desses sujeitos pelo mundo.

1.2 – O Atlântico Negro sul-sul: mudanças e perspectivas

É possível entender as relações atuais entre o Brasil e os países africanos refletindo sobre de que forma a colonização e a escravidão marcaram ambos os lados do Atlântico, e principalmente sobre a repercussão destas relações no tipo de

nações que se tornariam. Desta forma, compreender a complexa relação identitária que se forjou com as trocas culturais recíprocas, e de “como[no período colonial] essas duas partes unidas pelo oceano se complementam num só sistema de exploração colonial cuja singularidade ainda marca profundamente o Brasil [e a África] contemporâneo”(ALENCASTRO, 2000, p.9).

Desde o início da colonização, tanto nos territórios africanos como no Brasil, quando os conquistadores ibéricos buscavam caminhos vários para assegurar a exploração e o domínio destas colônias, os novos territórios que os portugueses assumiam como seus eram ocupados e repartidos entre os colonos que os desbravavam através de missões cristãs e organizavam estruturas sociais e políticas próprias. Estas eram sociedades outras, que se formavam mesmo sob o jugo do colonizador². A presença de colonos em determinado território não assegurava a exploração colonial, e de modo semelhante, a dominação colonial não se apresentava como uma decorrência da exploração colonial. Neste contexto, agentes sociais específicos eram formados.³

Desta forma a colonização e a exploração econômica que posteriormente desemboca no tráfico negreiro e no sistema escravagista se dará de forma intensa entre África e Brasil. Vale ressaltar que os sujeitos escravizados no Brasil - e demais colônias espanholas e inglesas - originavam-se, a despeito do que se pensava até meados do século passado, de sociedades bastante complexas. Muitos eram nobres ou reis em seu lugar de origem, eram indivíduos membros de sociedades e portadores

² Alencastro afirma que a exploração mercantil e toda a estrutura econômica e política engendrada não foi posta de forma passiva e total, como durante muito tempo se pensou. Os próprios colonos em diversos momentos históricos se voltam contra a coroa em busca de autonomia das atividades desenvolvidas na colônia. Houve resistência e rearranjos nos dois lados do atlântico. “Por isso mesmo, antes do término do século dos Descobrimientos (1450-1550), as metrópoles reorientam as correntes ultramarinas a fim de colonizar seus próprios colonos.” (ALENCASTRO, 2000, p. 11)

³ Segundo Alencastro, mesmo nos lugares onde a relação de forças se figurava favorável aos invasores europeus, não adiantava “cair matando”: a escravidão e outras formas de trabalho compulsório facilitavam o domínio dos nativos, mas podiam não resultar na exploração das conquistas. Ocorria de o excedente econômico regional ser consumido pelos próprios colonos ou trocado fora dos mares singrados pelos navios das metrópoles.[...] As transações oceânicas e o ascenso dos comerciantes faziam emergir novas forças sociais nas metrópoles e nas conquistas, alterando o equilíbrio das monarquias europeias. De maneira que o domínio ultramarino nem sempre desemboca na exploração colonial, como também não instaura de imediato a obediência do colonato e dos negociantes ao poder metropolitano.” (ALENCASTRO, 2000, p.12)

de valores e costumes culturais que viriam a influenciar fortemente as sociedades para qual se dirigiam como escravos.

Precisamos relembrar esse longo processo de desenvolvimento da humanidade, acima de tudo, para enxergar as características humanas designadas por termos como 'previsão', 'inteligência', 'civilização' ou 'individualização', não como uma coisa estática e dada para sempre, mas como algo que evolui e evoluiu, como aspectos de um processo (ELIAS, 1994, p.107).

A extensão continental da colônia portuguesa na América, associada às dificuldades de exploração de todo território, fizeram com que as relações comerciais e sociais internas fossem menos intensas e frequentes do que as relações estabelecidas externamente, no cone sul, através do tráfico negreiro e do comércio predominante no Atlântico até meados do século XVIII. A emergência do sistema escravocrata e o enorme contingente de negros que seriam transportados de suas origens ao Brasil será o grande motor para o povoamento do território brasileiro, assim como a importância que a mão-de-obra escrava viria assumir para a produção mercantil.⁴

As relações comerciais - e os fluxos culturais engendrados neste contexto - também vão intensificar a acumulação de bens e trocas de mercadorias nas sociedades negras. Para além do papel do escravismo moderno e dos produtos africanos na formação do mercado mundial, é necessário considerar a importância das trocas intracontinentais africanas e a variedade de produtos europeus, americanos e asiáticos importados pelo continente negro neste período. Trocas que trarão novas formas de viver e guerrear nas sociedades africanas, já que dentre as mercadorias europeias importadas, duas tiveram impacto direto na produção mercantil de escravos: os cavalos e as armas de fogo. Tais circunstâncias mostram como, desde o período colonial, os fluxos culturais - e políticos - perpassam os fluxos econômicos e vice-versa. E foi assim até o fim do século XVIII e início do século XIX. A

⁴ Em suma, ao tráfico negreiro se deve a posição de potência europeia alcançada por Portugal entre os séculos XVI e XVIII e ao Brasil como principal fonte de suas riquezas: "Submetido durante três séculos à potência europeia que maneja o maior mercado de africanos, o Brasil converte-se no maior importador de escravos no Novo Mundo [...] Elo perdido da nossa história, esse sistema avassalador de mercantilização de homens impede que se considere o tráfico negreiro como um efeito secundário da escravidão, obriga a distinguir o escravismo luso-brasileiro de seus congêneres americanos e impõe uma interpretação aterritorial da formação do Brasil."(ALENCASTRO, 2000,p.42)

estimativa é de que mais de 4 milhões de africanos⁵ tenham sido traficados para o Brasil, comprovando que a escravidão foi a mais marcante relação histórica entre os dois lados do Atlântico.

As transformações no cenário mundial ocorridas no início do século XIX repercutiram fortemente nos intercâmbios Brasil-África. Este período é marcado por um aguçamento dos nacionalismos na Europa e nas duas margens ao Sul do Atlântico, principalmente na América através do processo de independência das colônias portuguesas e espanholas. Também neste período a Inglaterra tenta apoderar-se das rotas comerciais no Atlântico, fazendo com que as ligações bilaterais entre América e África⁶ sejam parcialmente desfeitas. Por outro lado, as sociedades africanas começam a se “integrar” sob novas formas de exploração – o chamado neocolonialismo ou imperialismo – e sobre outras perspectivas as estruturas políticas mundiais. (SILVA, A., 1994)

Enquanto isso, no território brasileiro, reis e nobres africanos, vendidos na maioria das vezes por seus inimigos como escravos, lograram tentar algumas vezes

⁵ As análises de Alencastro afirmam que as prerrogativas para a mercantilização de seres humanos irá passar por diversas fases, que ao final implicam em contradições. A primeira visava à conversão dos negros traficados em cristãos. Narrativas acerca da estranheza do clima e da fauna do continente ampliam o caráter “desantropomórfico” e “desnaturante” das perversões atribuídas às sociedades do continente negro. Tais circunstâncias faziam da África o continente de todas as bestialidades, o território de eleição do demônio. Canibalismo e guerras intertribais (onde muitos prisioneiros convertidos em escravos eram vendidos aos negreiros portugueses) também irão justificar a desumanização dos negros transformados em mercadorias. Duzentos anos depois as justificativas são outras: “no século XVIII, o conceito laico de ‘civilização’ complementa os benefícios pretensamente recebidos pelos africanos na América. Ainda assim, na primeira polaridade (paganismo/ evangelização), como na segunda (barbárie/ civilização), o argumento ideológico tem o mesmo feitiço: o tráfico negreiro continua sendo apresentado como a via de passagem que carrega o indivíduo do pior para o menos ruim. Da natureza nativa cercada de propalada morte para a comunidade ultramarina aberta a alegada redenção espiritual.” (ALENCASTRO, 2008, p. 53)

⁶ As análises de Silva (1994) perpassam a ideia de que no século XIX os vínculos comerciais estabelecidos entre certos pontos do litoral africano e as costas atlânticas das Américas como resultante do tráfico de escravos aprofundavam as trocas culturais. Para além das praias onde os contatos entre africanos, europeus e americanos eram intensos; notícias, hábitos, costumes e novidades; expandiam-se rapidamente. Quando africanos “africanizaram a rede, a mandioca e o milho, enquanto o Brasil e Cuba faziam seus o dendê, a malagueta e a panaria da Costa. [...] As trocas deram-se nas duas direções, e a cada um dos lados do Atlântico não era de todo desconhecido e indiferente o que se passava no outro. A independência do Brasil, por exemplo, não ficou despercebida na África — e o prova terem sido dois africanos os primeiros reis a reconhecê-la, o Obá Ósemwede, do Benim, e o OlogumAjan, de Eko, Onim ou Lagos. Em Angola, os acontecimentos de 1822 tiveram enorme impacto, chegando a gerar uma corrente favorável à separação de Portugal e à união ao Brasil” (SILVA, A., 1994, p. 22).

reconstruir estruturas políticas e religiosas semelhantes aos lugares de onde haviam partido. Os fluxos culturais estabelecidos através dos contatos oceânicos seculares eram intensos e constantes. Cativos que chegavam ao Brasil traziam notícias de suas nações, e marinheiros, mercadores e os ex-escravos que retornavam levavam as novas do Brasil e dos africanos que aqui viviam para uma “África que era ainda, no início do século XIX, um continente sem senhores externos.[...]De colônias havia somente o Cabo da Boa Esperança e as possessões portuguesas. Não tinham elas, porém, as dimensões territoriais com que figurariam depois nos mapas” (SILVA, A., 1994, p. 23).

Em contrapartida, libertos que retornavam a África - principalmente da Bahia e do Recife - contribuíram para o desenvolvimento das regiões do continente para a qual retornavam, pois o percurso migratório e as experiências por eles adquiridas foram úteis, devido à intimidade com ofícios e profissões, atendendo a uma demanda necessária às cidades litorâneas, cuja influência europeia e as inovações técnicas advindas com ela iam se impondo. As transformações urbanas ocorridas na África se devem muito à influência do regresso de libertos brasileiros.⁷

Outro aspecto da história do século XIX, que concerne às transformações em África e suas relações no cenário mundial, é o da luta contra o tráfico humano e a pressão pelo fim da escravidão. A batalha travada pelo fim do tráfico de escravos serviu de alibi à política britânica de controle do Atlântico e das rotas da Índia. E também na busca pela consolidação do capitalismo mundial, que objetivava a ampliação de mercados consumidores principalmente através da emergência de mão de obra assalariada nas antigas colônias da América. Este embate acerca do destino dos negros nas colônias e da própria África como um todo, terá um fim trágico, como nos lembra Alberto Silva:

⁷ Silva afirma a importância dos escravos que regressavam do Brasil a África :“negociantes em grande de gente e coisas, lojistas e vendedores de esquina, plantadores de algodão, tabaco, cacau e café, mestres-de-obras e pedreiros, modistas e alfaiates, padeiros e doceiras, marceneiros, músicos e professores, fundaram cidades como Atouetá e Porto Seguro e se uniram em bairros próprios em Acra, Lomé, Agoué, Anécho, Ajuda, Porto Novo, Badagri e Lagos, onde construíram, para si mesmos ou para outros grupos, igrejas, mesquitas, palácios, edifícios, sobrados e arruamentos de casas térreas e de parede e meia, com uma, duas, quatro ou mais janelas. Tudo num estilo arquitetônico derivado das formas barrocas, rococós e neoclássicas aprendidas no Brasil. Criaram, assim, em pequenino e por iniciativa própria, as suas Serras Leas e as suas Libérias”(SILVA, A., 1994, p. 30).

O movimento generoso e humanitário para destruir a ignomínia do comércio de negros confundiu-se com o que iria transformar, num espaço curto de tempo, quase toda a África em colônia europeia. Sob pretexto do combate ao mercadejo de escravos, ingleses e franceses ocuparam cidades e portos africanos, humilharam e depuseram chefes, sobas e reis, depois de debilitá-los, vedando-lhes a compra de armas e pólvora, impedindo a cobrança de taxas de passagem pelas terras sob sua soberania e destruindo o monopólio comercial em que muitos deles fundavam o seu poder. (2004, p. 30)

É assim que com o fim do tráfico negreiro⁸ as grandes rotas mercantis se desviam da América. A Europa passa a ter controle de praticamente todas as trocas comerciais com o continente Africano⁹: “os que haviam em nome da liberdade de comércio combatido o monopólio dos reis africanos fazem-se, vencida a luta, monopolistas.”(SILVA, A.,2004, p. 30) Na penúltima década do século XIX acelerou-se a corrida da divisão da África pelas potências europeias¹⁰. A Conferência

⁸ Segundo Silva o tráfico negreiro não termina com a partida do último barco de escravos para Cuba em 1865. O autor afirma que o tráfico de negros para o trabalho escravo continuará até “bem depois da Primeira Guerra Mundial, numa direção que já percorria muitos séculos antes do descobrimento da América: através do Saara, do Índico e do mar Vermelho, para o mundo islâmico. Mais importante ainda: crescem a escravaria na África e o comércio inter-regional de cativos. A fim de atender à demanda europeia e por estímulo daquelas mesmas nações que haviam combatido o tráfico transoceânico de escravos, expande-se na África uma agricultura de exportação — de óleo de palma ou azeite de dendê, de amendoim, de cravo, de pimenta, de café, de algodão, de cacau, de sisal(...)” (SILVA, A. 2004, p.30).

⁹ Da perspectiva brasileira, é no ano de 1851 que se inicia o neocolonialismo da África pelas grandes potências. Neste ano os ingleses, para findar o comércio negreiro, bloqueiam a cidade de Lagos – na atual Nigéria. O conflito que se segue com a chegada dos britânicos colocava fim as trocas comerciais com o Brasil e, por consequência, do predomínio comercial que tinham tido no continente africano até então. Se até meados do século XIX a exploração do continente africano ocorria através do tráfico de escravos e de relações comerciais, configurando assim uma ocupação pelas margens litorâneas. A partir de ano de 1900, imensos espaços vazios de desconhecimento dos europeus viriam a ser ocupados; onde antes grande parte das comunidades africanas ignoravam a existência do homem branco, ainda que fizessem uso de produtos por eles manufaturados, mas que nem faziam ideia “*de que suas terras estivessem sob o domínio de um povo além-mar.*” (SILVA, A., 2004, p. 32)

¹⁰ “Agravou-o e precipitou-o terem assumido os britânicos, e atrás deles os outros europeus, o que se chamou de *missão civilizadora*, e, mais tarde, de *fardo Ao homem branco*, máscaras de um darwinismo sociológico, que se traduzia, nas relações humanas, em racismo e arrogância cultural. Não havia a menor compreensão pela diferença de modos de vida: tudo o que se afastava dos padrões europeus era uma demonstração de selvageria e barbárie. Os cônsules e administradores de enclaves europeus na África queriam que se transformassem, pela adoção dos modelos prevaletentes na Europa, as estruturas políticas e os costumes sociais das comunidades que os consideravam como hóspedes. Queriam que as diferenças se reduzissem a uma uniformidade imposta de fora, e a imposição desse querer, frequentemente através de ações armadas, não podia deixar de desembocar no império.”(SILVA, A., 2004, p. 33)

de Berlim - em 19 de Novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885 - visava concretizar o controle e a divisão da África, e a que se seguiu, a Conferência de Bruxelas (1890) –apesar de chamada de forma incoerente de “conferência anti-escravagista”, produz um programa claramente colonizador.¹¹A liberdade do comércio foi esquecida e fez-se a partilha dos mercados. As metrópoles europeias excluíram ao máximo os demais países que buscavam comércio nos portos africanos por elas controlados, incluindo o Brasil.¹²

Na perspectiva deste trabalho, os fluxos culturais África-Brasil ao longo dos séculos repercutiram em algumas semelhanças de cunho econômico, cultural e social. Estranho seria se assim não fosse, devido a intensidade das relações e trocas empreendidas entre os dois lados do Atlântico. Podemos considerar que o Brasil é um país extremamente africanizado, mesmo que durante muito tempo nossas elites o tenham negado. Há muito de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver e no sentimento estético dos brasileiros e vice-versa. Nos dois lados do Atlântico é possível reconhecer comidas, danças, tradições, técnicas de trabalho, palavras, músicas e instrumentos musicais e comportamentos sociais que insinuam a intensidade dos contatos engendrados por mais de 500 anos. Como afirma Silva (2004), é comum que de ambas as partes se ignore a influência mútua em alguns aspectos, e por outro lado, se reafirme esta mesma influência, como no apreço pelo futebol e pelos ritmos de batidas fortes.

O escravo ficou dentro de todos nós, qualquer que seja a nossa origem. Afinal, sem a escravidão o Brasil não existiria como hoje é, não teria sequer ocupado os imensos espaços que os portugueses lhe

¹¹ “Imposto o domínio colonial, a consciência europeia deixou de considerar urgente o fim da escravidão. Esta continuou a existir como atividade legal até 1901 no sul da Nigéria, até 1910 em Angola e no Congo, até 1922 em Tanganica, 1928 na Serra Leoa e 1935 na Etiópia; e subsistiu *de facto* por muito mais tempo, até quase os nossos dias no Sudão e até ontem na Mauritânia. Novas formas de servidão viram-se, além disso, criadas pelos administradores coloniais, como o trabalho compulsório, de que deu testemunho, entre tantos outros, o André Gide das páginas indignadas de *Voyage au Congo e Le Retour du Tchad*.” (SILVA, 2004, p. 36)

¹² O cerco completo da África – entre os últimos anos do século XIX e o início do século XX - não durou muito tempo. A não ser as colônias portuguesas, a colônia do Cabo e o território *boers*, o controle político do continente africano durou aproximadamente meio século, com algumas pequenas variações temporais de acordo com a região. Inclusive, em algumas regiões detiveram apenas o controle da exploração econômica, que por conveniência política, a metrópole conservava as estruturas de poder, cabendo às últimas a resolução do cotidiano popular, exercendo a polícia e julgando em primeira instância, segundo as leis locais ou a sharia islâmica. (Silva, 2004)

desenharam. Com ou sem remorsos, a escravidão é o processo mais longo e mais importante de nossa história (SILVA, A., 2004, p. 39).

1.3 – “Preto também é gente”¹³: movimentos sociais e a (re)configuração dos papéis sociais dos negros a partir da segunda metade do século XX

Após a Segunda Guerra Mundial novas reflexões acerca das relações entre os povos surgem como reflexo dos horrores vivenciados no conflito. A criação da Organização das Nações Unidas em 1945 é bastante significativa, pois ilustra novas configurações acerca das ideias compartilhadas entre os países participantes da reunião sobre os limites que dizem respeito ao direito internacional, segurança internacional, desenvolvimento econômico, progresso social, direitos humanos e a busca da “paz mundial”.¹⁴

A Declaração Universal dos Direitos humanos foi adotada e proclamada pela Organização das Nações Unidas em 1948¹⁵. Neste momento as prerrogativas evolucionistas que fomentaram muitos discursos pró-colonialismo começam a ser refutadas. O imperialismo das nações europeias na África e em alguns países asiáticos passa a ser reconsiderado, a ponto de se tornar ilegítimo, frente às novas opiniões¹⁶ sobre os limites para controle político, econômico e social das grandes potências.¹⁷

¹³ Esta expressão surgiu em contexto de brincadeira, em uma das festas Africanas que participei em meu trabalho de campo. A expressão foi de um brasileiro negro, numa discussão acerca do racismo, quando ele já cansado da conversa diz que o racismo é uma bobeira, pois “preto também é gente”. Seu valor simbólico e político propiciou novas reflexões para a pesquisa.

¹⁴ Fonte:
<http://www.oas.org/dil/port/1945%20Carta%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas.pdf>.
Acesso em: 28 mar. 2013.

¹⁵ Fonte: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm . Acesso em: 19 mar. 2013.

¹⁶ Opinião aqui entendida no conceito de Gabriel Tarde: “A opinião, diremos, é um grupo momentâneo e mais ou menos lógico de juízos, os quais, respondendo a problemas atualmente colocados, acham-se reproduzidos em numerosos exemplares em pessoas do mesmo país, da mesma época, da mesma sociedade”. E sobre as transformações na opinião pública através da intensificação dos fluxos culturais, podemos também recorrer a Tarde, que foi visionário ao afirmar: “(...) essa similitude crescente das conversações simultâneas num domínio geográfico [devido principalmente ao advento da imprensa escrita] cada vez mais vasto é uma das características mais importantes de nossa época, pois explica em grande parte o poder crescente da opinião contra a

Devido às *opiniões* refratando as relações coloniais em franca transformação no cenário mundial, e aos fluxos das ideias que levaram a essas transformações, a condição dos países africanos, e também dos negros como categoria social discriminada nas antigas colônias como EUA e Brasil, passarão por uma ressignificação identitária, empreendida tanto nas lutas pela independência na África quanto nos movimentos pelos direitos civis das minorias nos EUA. Movimento que irá se expandir e reverberar também nos movimentos contra a discriminação racial no Brasil.

Estar ao mesmo tempo dentro e fora do ocidente – a “dupla consciência” – teria produzido um enfrentamento, uma recusa em aceitar a cumplicidade e a interdependência entre pensadores brancos e negros e ao fato de que muitas das lutas políticas dos negros tenham sido construídas como sendo automaticamente expressivas das diferenças étnicas e nacionais com que são associadas (ALMEIDA, 2002, p.34).

No que se refere aos países africanos, nas décadas de 50 e 60 passavam por processos de efervescência política¹⁸. A contestação dos papéis que até então as populações negras desempenhavam no cenário político de um mundo em franca intensificação dos intercâmbios culturais, não deixava mais margem para que a

tradição e a própria razão; e essa dessemelhança crescente das conversações sucessivas nos explica do mesmo modo a mobilidade da opinião, contrapeso do seu poder”(TARDE, 1992, p.111)

¹⁷ Os ideais lusotropicalistas contidos na obra de Gilberto Freyre foram usados pela metrópole portuguesa como discurso para exaltar os benefícios das singularidades da colonização que empreendiam. No que concerne ao presente trabalho, a importância das ideias de Freyre se liga ao fato de que a interpretação que dera ao encontro de raças no Brasil no contexto colonial foi utilizada por Portugal entre as décadas de 1950 e 1970 para justificar a presença colonial portuguesa em África em tempos de descolonização. Pois ao propagar um colonialismo humanista, multicultural, universalista e miscigenador, Portugal buscava exaltar o aspecto positivo no Brasil como algo que deveria ser seguido na África. (Almeida, 2002)

¹⁸ Desde o fim da primeira Guerra Mundial que ocorria uma reconfiguração imperialista na Europa. Os países perdedores do conflito - Itália e Alemanha- tiveram abdicar de sua condição imperialista. Entre 1941 e 1945 mantiveram-se como grandes potências colonialistas Portugal, Inglaterra, França e Bélgica. Em 1960, a maioria dos países africanos já haviam alcançado suas independências. Portugal foi o país mais resistente em “conceder” a independência as suas colônias, que só veio ocorrer de fato em 1974 através da luta armada, iniciada pelos países – Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Angola – No início da década de 1960. Fonte: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Uniao-Africana-Possibilidades-e-desafios.pdf>; [http://www.infopedia.pt/\\$descolonizacao-de-africa](http://www.infopedia.pt/$descolonizacao-de-africa). Acesso em: 14 mar. 2013.

colonização pudesse ser considerada legítima, embora os países africanos tenham logrado a aquisição de tais direitos para seus territórios e seus povos tardiamente.¹⁹

No processo de independência dos países africanos alguns autores como Gilroy, considera necessária uma avaliação crítica pelas quais as noções de etnia foram negligenciadas em favor do modelo de Estado Nacional, que segundo a ótica ocidental, supõe a homogeneidade interna. O autor propõe na história do Atlântico Negrotornar visível a participação política dos sujeitos negros²⁰- ex-escravos; intelectuais; médicos; artistas entre outros²¹ -para o desenvolvimento das noções de modernidade e para as reflexões e transformações políticas do continente europeu e também dos EUA. O movimento pelas independências dos países africanos, se inserem portanto, num contexto mais amplo, pois permite refletir as influências do modelo de Estado Nação sendo apoderado e ressignificado pelos países africanos que logram se tornarem autônomos. Ao mesmo tempo que permite questionar o

¹⁹ A Organização da Unidade Africana proclamou em 1981 a Carta Africana de Direitos Humanos e de Povos, que reconhecia princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e adicionava outros que tradicionalmente se tinham negado na África como o direito de livre determinação ou o dever dos Estados de eliminar todas as formas de exploração econômica estrangeira. Fonte: http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/sociedade/2012/11/49/Assinala-segunda-feira-Dia-Internacional-dos-Direitos-Humanos,27a793b5-fdc6-4094-afdc-1fe954d73290.html . Acesso em: 08 mar.2013.

²⁰ Segundo o autor “calcula-se que ao final do séc. XVIII um quarto da marinha britânica era composta por africanos, para os quais a experiência da escravidão fora uma poderosa orientação rumo às ideologias de liberdade e justiça.”(Gilroy, 2012, p.53)

²¹ Gilroy narra a trajetória de Martin Robson Delany(1812-1885): um afro-americano que se tornou jornalista, editor, médico, cientista, juiz, soldado, inventor, fiscal de alfândega, orador, político e romancista. Delany é um personagem importante na trajetória da reconfiguração de uma identidade negra tanto nos EUA, como na Europa e na África. Delany é saudado regularmente como o principal progenitor do nacionalismo negro na América e sua trajetória política pelos abolicionismos e emigracionismos, dos republicanos aos democratas. Chegou a passar uma temporada de sete meses na Inglaterra - exílio em Chatham. Fez também viagens pelo sul e pela África e nutria sonhos de uma colonização negra autônoma nas Américas Central e do Sul. Foi o primeiro a liderar uma expedição científica à África a partir do hemisfério ocidental, em conjunto com Robert Campbell. Foi um negro que estudou e praticou medicina em um período em que o desejo dos escravos de fugir da escravidão ainda era por vezes racionalizado pela opinião médica como uma doença - drapetomania. Suas aspirações como um homem culto da ciência se entrelaçavam de diversas maneiras com sua radicalização política. Ímpeto adicional pela amarga reação ao lhe ser negado em 1852 o direito de patente por sua invenção de transportar locomotivas por terreno montanhoso, porque embora livre, ele não era formalmente cidadão dos EUA. Delany ainda seria um homem importante na Guerra civil dos EUA, sendo o primeiro negro oficial em campo do Exército dos Estados Unidos (Gilroy, 2012, p.33 - 100).

discurso da supremacia ocidental para o desenvolvimento da modernidade, tende a negligenciar e obscurecer o poder político deste segmento da população mundial.²²Já que as demandas políticas dos países africanos, como a longa história da diáspora negra, por muito tempo possuiu o foco único da análise ocidental.

Moldada por essas circunstâncias, a ideia da diáspora nos encoraja a atuar rigorosamente de forma a não privilegiar o Estado-nação moderno e sua ordem institucional em detrimento dos padrões subnacionais e supranacionais de poder, comunicação e conflito que eles lutaram para disciplinar, regular e governar. O conceito de espaço é em si mesmo transformado quando ele é encarado em termos de um circuito comunicativo que capacitou as populações dispersas a conversar, interagir e mais recentemente até a sincronizar elementos de suas vidas culturais e sociais. Esta versão da diáspora é distinta, porque ela enxerga a relação como algo mais que uma via de mão única. (GILROY, 2012, p.21)

Mais pertinente para a presente pesquisa, é o fato de que nas sociedades ditas modernas, as reivindicações das chamadas minorias repercutiram em transformações e reconhecimento de cidadania para as mesmas. Passam a ser percebidas como um conceito simbólico, que “carrega uma intencionalidade ético-política”, simbolismo este que se insere numa “luta contra-hegemônica presente em diversos setores da vida social, permeando sua cultura e sua arte”. (RIBEIRO, R., 2008, p.139) É possível concluir que na segunda metade do século XX a emergência da reivindicação por novas políticas raciais no mundo ocidental; e as reivindicações pela independência política das nações africanas intensificaram as reflexões que buscarão redefinir positivamente o papel dos negros na sociedade atual.

É imperativo, embora muito difícil, combinar a reflexão sobre essas questões com a consideração da necessidade urgente de se fazer com que as expressões culturais, as análises e histórias negras sejam levadas a sério nos círculos acadêmicos(...) é a luta para tornar os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual – atributos negados pelo racismo moderno - , que é para mim a razão primordial para escrever esse livro.(GILROY, 2012, p.40)

²²Gilroy fala, por exemplo, da característica de ser negro e europeu ao mesmo tempo, o que ele afirmou ser formas específicas de uma dupla consciência. Afirma ainda que os discursos “racista, nacionalista ou etnicamente absolutista orquestram relações políticas de modo que essas identidades pareçam ser mutuamente exclusivas, ocupar o espaço entre elas ou tentar demonstrar sua continuidade tem sido encarado como um ato provocador e mesmopositor de insubordinação política.”(2012, p.34)

A trajetória do movimento negro estadunidense é um exemplo: com a abolição da escravidão (1863), a população de afrodescendentes - principalmente os que viviam nos estados do sul do país - continuou a viver sob forte regime de segregação racial. Até meados da década de 1960 os negros americanos não tinham direito de votar nas eleições; não podiam frequentar as mesmas escolas e universidades que a população branca; as instalações públicas como banheiros e bebedouros eram separados, assim como os vagões de trens e os ônibus urbanos.²³

Apesar do racismo e da perversa desigualdade sofrida pelos negros terem sido sentidas em diversos países, nos Estados Unidos – país que na década de 60 e 70 já se constituía como grande potência difusora de valores, normas, inovações técnicas e científicas -elas fomentaram conflitos e protestos denunciando a incoerência entre os valores democráticos da sociedade americana e o que ocorria na prática. Na sociedade dos ideais democráticos, ser negro e livre requeria bem mais: era necessário se tornar um cidadão de direitos e deveres; de ser respeitado; de ser livre para ir e vir.²⁴

Através da expressão artística, principalmente através da música, os negros iniciaram um processo de reconfiguração de seus papéis sociais na sociedade americana. O Blues e o Jazz²⁵ marcam o início da trajetória de uma manifestação

²³ Para além da opressão econômica e a segregação que os levava a categoria de “sub-indivíduos”, os negros americanos continuaram a vivenciar violências físicas assustadoras: “Capitaneada por movimentos como o “KluKluxKlan”, os negros começaram a vivenciar um pesadelo de proporções incríveis para os nossos padrões atuais. Linchamentos, proibição do direito ao voto, prisões ilegais e julgamentos sumários, são apenas alguns dos elementos presentes em seu cotidiano. Em 1910, a maior parte dos estados do Sul havia criado mecanismos constitucionais que aboliram qualquer direito político aos negros.”(RIBEIRO, 2008, p.74)

²⁴ A migração para os grandes centros urbanos situados ao norte do país se tornou uma estratégia que se expandiu rapidamente. O rápido crescimento industrial de década de 20 do século passado por que passara os EUA, atraiu fluxos cada vez maiores de migrantes de diversas regiões e também dos afrodescendentes. O contexto urbano propiciou a essa população negra o convívio com outros horizontes possíveis e o experimento de novas realidades. Cidades como Nova York e Chicago já contavam com uma expressiva população negra. (RIBEIRO, R., 2008)

²⁵ O blues foi o primeiro gênero musical americano originado majoritariamente dos afrodescendentes, marcando o início da trajetória da *blackmusic* no século XX. Sua origem é atribuída a uma fusão de cânticos negros aos lamentos dos africanos escravizados nos campos estadunidenses. Iniciou-se no meio rural, e se concretiza no final do século XIX e início do século XIX, quando a maioria dos negros da região Sul migram para os centros urbanos. “O blues é um estado de espírito e a música que da voz a ele. O blues é o lamento dos oprimidos, o grito de independência, a paixão dos lascivos, a raiva dos frustrados e a gargalhada do fatalista. E a agonia

artística predominantemente negra nos EUA já na década de 1920. Posteriormente, o *gospel e soul* irão participar no fomento das reivindicações pelo fim da segregação e da discriminação racial. Movimentos como o *Black is Beautiful* e o *Black Power* – entrelaçados com o movimento musical *soul e gospel* – que merecem, inclusive, uma análise detalhada que ultrapassa os objetivos deste trabalho – foram fundamentais para o entendimento de como os negros operariam numa categoria de ex-escravos e de sub-indivíduos, em prol de transformar a forma como participam da sociedade americana, ao ponto de alcançarem o status de indivíduo, antes restrito a população branca. É através da transformação dos sentimentos em música, da música em mobilização social e de mobilização social em organização política que o negro americano irá “ressignificar” seu papel e sua identidade como negro e cidadão americano²⁶. E como afirma Gilroy:

[...] a discussão contemporânea sobre o conceito de diáspora surge como uma resposta mais ou menos direta aos ganhos trans-locais advindos do movimento Black Power durante a Guerra Fria. Primeiro, ela circulou como parte de um argumento que propunha a reconfiguração da relação entre a África e as populações parcialmente descendentes de africanos do hemisfério ocidental. Sustentada por frutíferas revisões da ideia de libertação nacional, esta iniciativa cada vez mais audaz se dirigiu contra argumentos mais gerais que iluminaram as limitações políticas reveladas pelas formas essencialistas de conceituar a cultura, a identidade e a identificação. (2012, p.17)

Uma camada intelectual nos EUA – como nos movimentos nacionalistas empreendidos em África desde a década de 1950 - será responsável pela disseminação dos ideais que figuram a luta pela demanda por direitos iguais entre

da indecisão, o desespero dos desempregados, à angústia dos destituídos e o humor seco do cínico. O blues é a emoção pessoal do indivíduo que encontra na música um veículo para se expressar. Mas é também uma música social: o blues pode ser diversão, pode ser música para dançar e beber, a música de uma classe dentro de um grupo segregado. (RIBEIRO, R., 2008, p. 71 *apud* MUGGIATI, 1995, p.27)

²⁶ Almeida, trazendo uma análise de Gilroy, propõe que a contracultura expressiva não seja mais vista como uma sucessão de tropos e gêneros literários, mas antes como um discurso filosófico que recusa a separação, moderna e ocidental, entre ética e estética, cultura e política. Assim, a passagem da escravatura à cidadania terá levado os afrodescendentes a inquirirem sobre as melhores formas de existência social, mas a memória da escravatura – preservada como recurso intelectual na sua cultura política expressiva – levou-os a procurar respostas para essa pergunta. (ALMEIDA, 2002 p.43)

brancos e negros.²⁷ Dentre os atores envolvidos²⁸, haviam brancos e afrodescendentes que começaram a se mobilizar frente às injustiças e discriminações sofridas pela população negra, combatendo o conservadorismo burguês, alegando o aspecto incoerente frente aos ideais democráticos proclamados nos EUA. No campo da arte e da literatura e também nas ciências jurídicas, emerge a contestação da ordem vigente e a valorização do cidadão negro na sociedade americana. (RIBEIRO,R., 2008)

As culturas do Atlântico negro criaram veículos de consolação através da mediação do sofrimento. Elas especificam formas estéticas

²⁷ Foi no campo jurídico e no ativismo negro que lograram êxito as primeiras mudanças da ordem racial norte-americana. Uma das primeiras ações bem sucedidas foi o processo iniciado em 1954, pela NAACP a *Brown VS. Boardofeducation*, que leva a dessegregação nas escolas públicas. Outras progressos nas demandas foram alcançadas como o direito ao voto, ao uso de locais de uso público e habitação. Mas aconteciam lentamente e eram fortemente combatidas por outros setores da sociedade. Mobilizações pacíficas conseguiram alguns avanços até 1962, mas o recrudescimento da resistência violenta no sul implicará posteriormente em outros movimentos de cunho não pacifista. (RIBEIRO, R.,2008)

²⁸ Uma atitude individual contra o preconceito, foi por assim dizer, o estopim para que os movimentos ganhassem ainda mais peso e que chegassem ao ponto de serem considerados um movimento de comoção nacional. Numa noite de primeiro de dezembro de 1955, a costureira negra Rosa Parks estava em um ônibus numa cidade do Alabama quando foi solicitado que cedesse seu lugar a um homem branco – como previa a legislação - , recusando enfaticamente, foi presa e multada na quantia de 14 dólares. Sua prisão desencadeou manifestações simultâneas nos EUA, principalmente através da recusa da segregação em ônibus, restaurantes e bares. (Ribeiro, 2008) “A prisão de Parks desencadeou um boicote de 381 dias ao sistema de ônibus, tendo a frente o pastor da Igreja Batista, Martin Luther King Jr., que viria a ser o grande líder dos movimentos pacifistas pelos direitos civis dos afro-americanos. O boicote aos ônibus de Montgomery acontecido em 1955 marca o início da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. Encabeçada, a princípio, pelo reverendo Martin Luther King Jr. (1929-1968) que pregava ações de desobediência civil não violenta, inspiradas no ideário do líder indiano Mahatma Gandhi, o movimento, amplamente apoiado por setores religiosos, logo começa a despontar com ações que chamam a atenção da mídia e atraem a simpatia da população branca.”(RIBEIRO, 2008: 89) A marcha dos 250 mil, liderada por Martin Luther King, foi o auge do movimento. No dia 23 de agosto de 1963, 250 mil pessoas marcharam em direção ao Washington a fim de “forçar” a aprovação de uma nova lei dos direitos civis americanos, que já havia sido aprovada pelo presidente Kenedy, mas coibida pela coalizão que representava os líderes racistas do sul do país e os conservadores do Norte. O famoso e emocionante discurso de Luther King, “I have a dream”, apresenta a síntese da luta pelos direitos civis e ainda, usa de forma coerente os valores propagados pelo ideal democrático americano de forma a mostrar e legitimidade do movimento: “*Eu tenho um sonho no qual um dia esta nação se erguera e vivera o verdadeiro principio do seu credo: Nos acreditamos que esta verdade e auto-evidente, de que todos os homens são criados iguais. Quando nos deixarmos o sino da liberdade tocar, quando o deixarmos tocar em qualquer vilarejo ou aldeola, de qualquer estado, de qualquer cidade, nos estaremos prontos para nos erguer neste dia, quando todos os filhos de Deus, brancos ou negros, judeus ou gentios, protestantes ou católicos, estaremos prontos para nos dar as mãos e cantar as palavras de um velho espiritual negro: Por fim livres! Por fim livres! Graças senhor Todo-Poderoso, estamos livres enfim.*” (RIBEIRO, 2008, p. 90 *apud* BROWN, 1989, p. 49-51)

e contraestéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o de pertencer. Tais culturas de consolação são significativas em si mesmas, mas também estão carregadas e contrapostas a uma sombra: a consciência oculta e dissidente de um mundo transfigurado que tem sido ritual e sistematicamente conjurado por pessoas que agem em conjunto e se abastecem com a energia fornecida por uma comunidade mais substantivamente democrática do que a raça jamais permitirá existir(GILROY, 2012, p.13).

Segundo o autor, grande parte do legado intelectual reivindicado por intelectuais afro-americanos – como substância de sua particularidade – é apenas parcialmente sua propriedade étnica absoluta, ou seja, fazem parte de um contexto mais amplo. Parte desse legado foi desmerecido, pois estes devem ser baseados na estrutura da diáspora africana no hemisfério ocidental: o Atlântico como um sistema cultural e político; matriz histórica e cultural da *plantation* – “ o capitalismo sem ‘roupas’”.“Crioulização ou sincretismo são conceitos inapropriados para padrões fractais de troca e transformação política, que indicam como etnias e ao mesmo tempo as culturas políticas tem sido renovadas de maneira extremamente significativas.”(Ibid., p.58)

A partir do final dos anos 60 as transformações sociais e políticas buscadas pelos movimentos negros nos EUA começam a se concretizar²⁹. O combate a pobreza que associada a discriminação racial levava os negros a revolta, e ao fervor religioso - desencadeado pelo gospel que os nutriram de esperança -, se uniram as manifestações culturais dos anos 60, tornando-se sinônimo de reação e da busca pela igualdade entre os homens e pela manifestação do orgulho racial³⁰. Além do “prazer” que podemos encontrar nessas histórias de resistência, o mais importante é interpretá-las política e filosoficamente em momentos no qual ela manifestou e

²⁹ Uma nova lei de direitos civis é aprovada em 1963, pelo presidente Johnson que substituiu J.F.Kenedy após seu assassinato (1963). A nova lei abolia formalmente a segregação entre negros e brancos, e também buscava atender as demandas da população negra, como o acesso ao ensino universitário e a melhores oportunidades de emprego. Porém, tais políticas não foram alcançadas de forma pacífica, tampouco mudaram de imediato os conflitos raciais na sociedade americana (RIBEIRO, 2008).

³⁰ A biografia de cantores consagrados pela *soulmusic* – Como Ray Charles, Nina Simone, Billie Holiday, Areta Franklin, James Brown entre outros – revela que foi forjada neste contexto um processo de identificação da comunidade negra com eles, pois suas canções revelavam também as condições de milhares de negros no mundo todo.

incorporou críticas ao mundo tal como ele é, como a utopia do “sublime escravo” – “combinação de dor e prazer “que Gilroy considera como uma “característica distintiva de comunicação próprios das culturas construídas pelos escravos e seus descendentes” (Ibid., p.13).

O fim da segregação racial formal nos EUA nos permite refletir sobre alteração dos limites encontrados pelos negros, sobre suas possibilidades de deslocamento, espacial e cultural, da penetração das culturas desenvolvidas por eles; reconstruídas sobre as matrizes africanas e suas influências específicas em cada país. Considera-se aqui que a concomitância dos movimentos negros nos EUA - influenciando na reconfiguração de movimentos negros no Brasil - as lutas pela emancipação política de países africanos, como Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde e Moçambique, a exemplo do Movimento de Libertação de Angola, liderado por Agostinho Neto³¹ - como um momento em que se ganha maior visibilidade e aumenta-se a discussão sobre a cidadania do negro no mundo.³²

Já no Brasil, a independência ocorreu em 1822, como em outros países sul-americanos foi alcançada por e a favor das elites locais de origem europeia. Após este período, o debate em torno dos negros e da escravidão fizeram com que a questão racial e cultural se tornasse o foco de análises que perpassaram pela construção do Estado-nação e também da identidade nacional; momento em que as

³¹ O MPLA – Movimento Popular pela Libertação de Angola - foi criado em 1961 por um grupo de intelectuais exilados, em sua maior parte, mestiços angolanos. Um dos fundadores do grupo foi o ensaísta, nacionalista e sociólogo Mario de Andrade. Agostinho Neto, médico e poeta, viria a juntar-se ao MPLA somente em 1962, depois de escapar da prisão. Até então, Agostinho Neto não tinha nenhuma vinculação com o MPLA porém, era um dos mais conhecidos líderes nacionalistas em Angola, vindo a ser o primeiro presidente angolano, entre 1975-1979. Devido a existência de rivalidades políticas entre os três grupos que haviam participado na luta pela independência de Angola é deflagrada em março de 1976 um confronto armado entre as forças da MPLA, UNITA e FNLA, que marcaram o início de uma guerra longa e sangrenta que só viria de fato a terminar com a assinatura de um tratado de paz em 4 de abril de 2002 (SILVA, M., 2008). Mais informações em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0492.pdf>

³² No contexto da globalização, se o Atlântico Negro é a base desterritorializada, múltipla e antinacional para a afinidade ou “identidade de paixões” entre diversas populações negras, o complexo de semelhança e diferença que levou à consciência de uma intercultural diaspórica tornou-se mais extensivo na era da globalização do que nos tempos do imperialismo. Mas Almeida afirma que a diáspora não deve ser vista como saída de um ponto de origem, mas antes como algo mais caótico, que possibilite compreender as relações complexas entre colonizador e colonizado, entre diversos povos colonizados, bem como a reprodução pós-colonial dessas conexões”(ALMEIDA, 2002, p.31).

teorias racistas que alegavam a degenerescência nacional devido às influências da raça negra na constituição do povo brasileiro se tornam bastante influentes. Pouco tempo depois tais teorias seriam substituídas por elogios à miscigenação. Porém, segundo Almeida

[...] estes processos nunca deixaram de ser vistos como simultâneos a um desejável branqueamento da nação; não evitaram o acantonamento dos aspectos africanos no campo da cultura expressiva; não desafiaram a manutenção das desigualdades sociais mantidas através de mecanismos do preconceito de cor (embora não através da segregação legal). Proclamado como democracia racial, mercadorizado internacionalmente como paraíso do hibridismo, a formação racial brasileira subsiste graças a marginalização econômica e a um efeito de hegemonia que consiste na reprodução da desigualdade racial, ao mesmo tempos que sua existência é negada e os seus denunciadorees etiquetados como racistas (ALMEIDA, 2002, p.31).

O Brasil e as representações raciais construídas em torno da sua realidade³³ assumem maior importância na medida em que o mundo se torna cada vez mais preocupado com as consequências – potencialmente violentas – e dramáticas do contato entre os povos, culturas e religiões; principalmente através dos meios de imprensa, que aceleram os fluxos de comunicação. Já em meados da década de 40 – num contexto efervescente da 2ª Guerra Mundial – propagava-se a ideia de que na América latina, no Brasil em particular, as relações interétnicas eram diferenciadas, mais permissivas, se comparado aos Estados Unidos, à Europa ou aos continentes colonizados no último período imperialista³⁴.

³³ Segundo Thomaz, uma das reflexões a respeito de tal conjuntura – influenciado também pelo hibridismo proposto por Freyre - era o fato de que o colonialismo influenciado pelo catolicismo teria deixado marcas universalistas, fazendo com que a relação entre diferentes grupos étnicos e raciais fosse propensa ao surgimento de sociedades miscigenadas cultural e racialmente, “no interior das quais polos antagônicos, distanciados pela situação colonial, acabariam por se aproximar num processo de superação de conflitos seculares. Neste contexto, o Brasil representava uma situação paradigmática: a formação do país estava ligada a uma “escravidão sistêmica, havia a ideia de que o país havia mantido uma unidade política; muitos intelectuais, diplomatas e viajantes que por aqui passaram; observaram um contexto que primeiramente parecia resistente a criação de “guetos”; que obstante de ser hierárquico, desigual e injusto, cultivava uma relação no mínimo fraterna entre os diferentes grupos étnicos e sociais que compunham a nação. (THOMAZ, 2002, p. 46)

³⁴ Thomaz (2002) afirma que neste período a Europa encontrava-se em conflito diante de uma “tentativa radical e trágica de lidar com a diversidade étnica e religiosa no interior de uma mesma fronteira nacional; para os Estados Unidos que ainda não tinham superado a divisão entre o Norte e o Sul do país, esta última região marcada por rigorosas leis que amputavam a cidadania da

Do ponto de vista institucional – sob a ótica do Estado – a participação política e social dos negros foi historicamente neutralizada no Brasil. Até mesmo o movimento abolicionista foi articulado a objetivos colaboracionistas. A inserção do negro na sociedade brasileira, dada as suas condições históricas³⁵ e sua libertação da condição de escravos, a princípio sem quaisquer políticas de favorecimento a sua cidadania e no seio de uma sociedade de base secularmente racista, levaram a uma segregação não formal, que corroborou o vislumbamento da perversidade da condição dos negros no mundo.

Mas também houve importantes mobilizações: a política de resistência dos negros e negras ocorreu na organização de suas entidades, como a Frente Negra Brasileira nos anos 20/30- colocada na ilegalidade em 1937 por Getúlio Vargas -; o Movimento Negro Unificado, organizado em 1978; e também na emergência do Movimento de Mulheres Negras, que no ano de 1995, ganha visibilidade ao interferir nos fóruns nacionais e internacionais que preparavam a Conferência de Beijim(Pequim) 95, no objetivo de incluir a questão racial na pauta das discussões feministas. Frentes de resistências foram criadas também através de associações comunitárias negras, do candomblé e outras religiões afro, das escolas de samba, da imprensa negra, e por último, na participação em movimentos [estudantis] e partidos políticos (SILVA,O., 2004).

Descontinuidades marcam estes movimentos assim como as reivindicações de suas demandas, fato que se deve principalmente às diferentes fases políticas do país, como a ditadura de Vargas (1937-1945) e do período do governo militar (1964-1985),que tinha dentre as suas ações a opressão e desarticulação de quaisquer movimentos de luta e reivindicação popular. Apesar dos avanços na participação política da população negra, a questão racial não atingiu até os anos noventa uma

população de afro-descendentes; para a África do Sul que caminhava a passos largos em direção à institucionalização do *apartheid*; e para todos aqueles que previam a inevitável descolonização violenta da África e da Ásia, a simples ideia de uma possível superação de conflitos pela via relacional e mesmo pela miscigenação, poderia ser um alento.(Ibid., p.53)

³⁵ Os libertos foram preteridos do mercado formal de trabalho, em nome do projeto elitista de branqueamento da nação, com a política de inserção de imigrantes europeus na substituição da mão-de-obra nas lavouras de café. Disputaram com estes as mais precárias oportunidades de trabalho assalariado.

pauta importante nas políticas brasileiras³⁶. E a despeito das adversidades que a luta anti-racista tenha sido historicamente submetida no Brasil, a cultura negra viria a traçar uma política não institucional de resistência³⁷.

As especificidades do racismo na sociedade brasileira, principalmente a sua caracterização sócio-econômica e a conseqüente marginalização desse segmento social, assim como o “mito da democracia racial” (apesar de atualmente serem refutados no meio acadêmico, nos movimentos negros e em políticas reparatórias como as cotas) no senso comum brasileiro e também entre a grande maioria dos estudantes africanos com quem abordei o assunto ainda são vistos, ou como um tabu, ou como um preconceito infundado nas práticas sociais, considerado um problema criado na “cabeça dos próprios negros. Durante a realização de uma das entrevistas para a presente pesquisa, Paulo³⁸, um estudante guineense do curso de Ciências Contábeis da UFJF ajuda a esclarecer meu argumento: ele havia me explicado que antes de migrar para o Brasil havia pensado em ir estudar na Rússia. Seu tio vive no país desde 1983, onde estudou, se graduou e formou uma família. Paulo desistiu de ir por dois motivos principais: o primeiro era por ter que aprender a língua russa, que ele considera muito difícil, o segundo foi o racismo que os russos têm com os negros, relatado pelo próprio tio que disse ter sofrido muito nos primeiros anos. Já que ele havia ponderado sobre o racismo russo como um dos motivos que o impediram de migrar para lá, indaguei sobre o racismo no Brasil, se ele havia passado por alguma

³⁶ Podemos constatar que a passagem para o meio urbano, o desenvolvimento industrial e as novos meios de comunicação aceleram os intercâmbios culturais. Com o advento das novas mídias, como o rádio e a televisão, mesmo a mídia impressa, colocaram em contato as atrocidades cometidas aos negros e as suas crescentes reivindicações por justiça social.

³⁷ As influências da *soul music* e do *Black is beautiful* chegam ao país na década de 70. Os meios de comunicação de massa já presentes no país foram os grandes responsáveis pela disseminação; também através da influência de músicos brasileiros como Tony Tornado, Wilson Simonal e Tim Maia que moraram nos EUA e vivenciaram o clima de agitação do movimento Black Power. Fazendo com que, a partir da década de 70 o movimento negro – apesar dos limites impostos pela ditadura neste período – ganhasse novo fôlego. (Ribeiro, R., 2008)

³⁸ Os nomes apresentados são fictícios para que os verdadeiros nomes dos sujeitos participantes e colaboradores dessa pesquisa sejam mantidos em sigilo.

situação de preconceito, se ele achava que o racismo afetava as relações e a sociedade em geral.

P:*Não, não. Pode até ter racismo, pois em qualquer parte do mundo tem, mas[não] com pessoas que são do meu “nível”. Tipo não é racismo cara, por exemplo aqui no Brasil eu não vejo racismo cara!... a história do Brasil, eu não gosto de comentar isso cara...*

A:Por que?

P:*...ah acho não... tipo assim, eu sou estrangeiro, não vou entrar nessa política... mas acho tipo, as pessoas que não conhecem o mundo, que nunca saiu para ver o mundo como é que é, que têm esse negócio na mente... preconceito ainda com os negros, sei lá! Porque o mundo agora tá mudado cara. Os EUA você chega lá, você vê as pessoas, os negros cara, o jeito[segundo ele depoimento de amigos que viajaram para lá e perceberam que os negros não sofrem preconceito, que conquistaram seu espaço, além do que ele já viu na mídia e sobre a história dos negros americanos]. Tipo assim, os negros que eu vejo aqui no Brasil eles mesmos é que fazem preconceito comeles... eu sinto que eles se sentem inferiores.... Eu vejo que pra história do Brasil mudar o negro tem que se sentir orgulhoso assim, tipo não sentir preconceito. Se alguém me chamar de preto, negro eu não vou sentir preconceito, aqui no Brasil não... têm esse negócio de afrodescendente aqui cara!*

Paulo afirma entender a história da África, o que os negros “passaram”, as atrocidades da escravidão, mas que agora o mundo tá mudado, não devia se manter a atenção nisso – diferenças raciais –, enfatiza que o preconceito no Brasil muito se deve ao fato de que os próprios negros não se valorizam. E volta a falar dos EUA, como há vários negros bem sucedidos, ao fato do presidente Barack Obama ser negro, e de que como essa postura mudou a situação; mudou a condição de cidadania dos negros naquela sociedade.

Ao mesmo tempo, há uma contradição no seu argumento ao dizer que vê preconceito, principalmente na universidade brasileira. O fato, por exemplo, dele ser “o único negro da sua turma na universidade”. Mas em seguida volta ao seu argumento inicial, dizendo que são os negros brasileiros que se isolam e se comportam como inferiores. Argumentei com Paulo a questão dos negros na

sociedade brasileira. A situação de ser a maioria da população de baixa renda, a falta de acesso à educação engendrada num contexto histórico de não cidadania após a abolição da escravidão e a condição de marginalidade que isso gerou. Mas Paulo era imune aos meus argumentos.

P:*Pobre por quê? Mas isso acabou, isso pode de mudar....*

A: Não só pode como têm que mudar, a questão das cotas por exemplo, é uma medida para isso. Visa à inclusão dos negros nas universidades públicas.

P:*Pode mudar sim, cara! Porque o Brasil... Não gosto de comentar isso por que sei lá... eu sou negro, eu ando “orgulhoso” em qualquer parte do mundo que eu vou. Na Espanha meu pai é casado com branca, meu tio na Rússia também é casado... Não quero falar mal, mas vejo que o negro bem sucedido no Brasil quer fugir da verdade, cara. É só começar a mexer com os brancos que ele já fica se enganando...*

A: Você acha que ele[o negro bem sucedido] finge não ser negro?...

P:*Não, não sei... é diferente. Branco e negro é tudo igual cara, não têm diferença. Mas não quero falar mal... Sei que nunca senti preconceito aqui, graças a Deus.*

A: E entre os africanos, há uma amizade mais geral aqui. Ou você acha que pode haver mais uma divisão entre países, ou também por afinidade?

P:*Não, não. Acho que rola tudo, a gente é irmão aqui cara. Africano cara, a gente é tudo negro. A gente sabe cara, não tem esse negócio de país. Eu moro com Hilton de outro país – Congo – a gente se dá muito bem aqui, ele é meu irmão. Até nos EUA cara, pela história dos EUA era preconceito cara, os negros só vacilavam... Você viu aquela história do menino negro que foi confundido com assaltante e morto pelo policial. Ow, todos os negros lutaram, até o Barack Obama, os negros famosos... Mas se fosse aqui no Brasil quem ia importar? Morreu, morreu é bandido cara. Os negros no Brasil não são unidos, eu acho isso! Pra história do Brasil mudar os negros têm que se unir, tem que sentir orgulhoso...*

Paulo também afirma que esse “auto-engano” dos negros repercute nas relações amorosas entre negros e brancos no Brasil. Para ele, quando um negro

brasileiro alcança um nível diferenciado ele vai preferir se relacionar com mulheres brancas. *Vemos isso na mídia o tempo todo, os jogadores de futebol com as loiras... E diz ainda que quando as pessoas na rua veem um negro com uma branca “vão logologo achando que é porque o negro tem dinheiro...e outra coisa, aqui também tem brancos pobres. Para ser bom você tem que estudar. Não é dançar funk ou ser bandido. Mas no Brasil o homem que nasce na favela pra provar que é homem tem que ser bandido, E muitas vezes a família incentiva pra isso... pô, os brancos estudam pra caramba, por isso.*

Em outra entrevista, desta vez com Carlos, congolês de 28 anos, aluno do curso de engenharia civil, surgiram argumentos parecidos acerca do racismo na sociedade brasileira, inclusive em comparação com os negros na sociedade norte-americana. Perguntei a Carlos se ele se havia sentido o racismo no Brasil: *“aqui, falar a verdade não! Aqui o racismo existe sim, mas só que a gente ... a gente conversa muito sobre esse assunto entre nós ... mais aqui a gente sente o racismo com os próprios negros daqui. Esse racismo de cor a gente não sente muito não, só que os neguinhos daqui, o que acontece - porque a gente fica brincando também e rindo com os amigos - os negros daqui já crescem com o preconceito dentro da cabeça. Os negros brasileiros acham que são superiores aos negros africanos, já fizemos bastante testes e vimos que funcionou.”* Então pedi que Carlos me desse um exemplo do que seriam esses “testes”: *o negro no meio acadêmico já se acha superior que os outros negros, uma coisa que a gente nunca entendeu.* Indaguei então quantos negros havia na sala dele, quando entre risos ele disse: *só eu.*

Assim como Paulo, Carlos afirma que no Brasil se um negro se relaciona amorosamente com um branco – homem ou mulher – ele fica metido, se acha melhor que os outros. *“Essas neguinhas aqui da universidade não querem saber de negro não, elas acham que se ficarem com um negro vão ser mal vistas. As vezes a gente vai num baile e dá em cima de uma negra – brasileira – ela não te dá mole não, mas se depois ela vê que você tá pegando uma branca ela já te olha diferente, já te acha respeitável. E se você chegar nela de novo, na mesma noite, ela vai querer. Já aconteceu isso comigo mesmo. E depois cheguei na dela e falei sobre isso, dela ser metida. Hoje ela nem olha mais na minha cara. A gente não entende isso não.*

Em relação aos brancos, Carlos disse que nunca sentiu preconceito. No entanto, ele disse que na sua turma há uma divisão entre pessoas ricas e pessoas pobres, algo

que ele não havia percebido até que uma colega o convidou para um churrasco e outro convidou para outro churrasco. Ele a princípio achou que era o mesmo, mas então a garota do churrasco dos “mais pobres” perguntou a ele afinal em qual dos churrascos ele iria e disse ainda: *Carlos, esse pessoal é muito metido, chega aqui de carrão, não dá confiança pra ninguém, a gente não gosta deles não. Você tem que se decidir você vai com eles ou vai com a gente?* Carlos percebeu então a divisão de classe social, e preferiu não ir a nenhum. *Preferi ficar na minha.*

Perguntei a ele se percebeu com estranhamento o fato de haver poucos negros na universidade. Ele disse que não, que levou isso com tranquilidade. Que já frequentou muitos grupos sociais distintos no Brasil, dos mais ricos a pessoas de baixa renda, e diz que as pessoas de baixa renda são mais “preconceituosas”, não gostam de se misturar, acham que aquela condição delas nunca vai mudar, que não tem jeito.... *Pra mim preconceito é falta de educação. Preconceito de cor não leva a nada.*

A: Mas você não vê Carlos que no Brasil isso é algo determinante para entender a sociedade? Tanto que há muito poucos negros na universidade.

C: *Mas isso porque os negros estão com o preconceito na cabeça!*

A: Mas você disse algo sobre as classes sociais, sobre essa divisão. E você não percebe que no Brasil a maioria dos pobres são negros, ou que os negros são na maioria pobres? O que você acha das cotas, por exemplo?

C: *Eu acho bom para puxar eles, pra que eles se sintam motivados a estudar... Mas vejo que morenos e brancos entram nessas cotas, na engenharia por exemplo, o pessoal se declara negro e entra. O preconceito tá mesmo é na cabeça deles. No Brasil se o negro sobe um pouquinho na vida ele não vai querer namorar uma negra... por isso dizem que no Brasil negro adora as loiras! A gente vê os jogadores de futebol. Têm que “lavar” a cabeça deles tirar isso.... Por isso eu adoro os negros americanos.*

A: Você acha que os negros americanos são diferentes?

C: *Muito diferentes dos daqui! Hoje se você for pesquisar na internet, 90% dos negros que são celebridades nos EUA são casados com outros negros. Eles crescem junto, estão mantendo isso... Aí se você for perceber clipes de música negra americana, mulheres que aparecem de biquíni e as vezes peladas são sempre mulheres brancas... a mulher negra eles preservam, não expõem*

não. Eles fazem isso para chamar a atenção dos negros e das negrinhas. Eles não usam isso pra menosprezar o branco não, é só para crescerem e serem iguais. Aqui não, é o contrário. Muitos amigos meus brasileiros me perguntaram: “e aí, cadê a sua loira?”

Carlos afirma ainda que durante os primeiros dois anos na universidade não viveu entre os africanos que moram em Juiz de Fora. Preferiu ficar mais afastado, se dedicando exclusivamente aos estudos. Também começou a namorar - uma moça branca - poucos meses depois de haver se mudado do Rio para Juiz de Fora. Isso fez com que não vivesse esse universo a princípio. Mas disse que quando começou a se enturmar mais com os africanos percebeu que negras e negros brasileiros tendem a se aproximar mais da rede dos africanos que os brancos: *as negras se sentem mais a vontade no meio dos africanos, não se sentem rejeitadas e tal*. Ele riu e acrescentou: *os africanos têm medo de só ficarem com negras por causa disso*. Questionei: Como assim? Ah, *de não ficarem com brancas também, de não viverem a “experiência completa”*.

Essa percepção de alguns estudantes africanos sobre os negros e o racismo brasileiro é um pouco parecida com as visões dos brasileiros. Desde que comecei esta investigação minha sensibilidade acerca das opiniões sobre o papel dos negros na sociedade brasileira e no mundo geral se aguçou, a ponto de que muitas conversas cotidianas possam revelar questões mais profundas que apesar de muitos debates, ainda estão por aflorar. Lembro-me de quando, numa conversa nos corredores da UFJF, falei das minhas primeiras experiências com o trabalho de campo nas festas africanas - que será tratada mais adiante. Falei das paqueras, da questão do gênero em campo e da minha dificuldade em lidar com as moças – africanas e brasileiras – já que eu, como estudante e solteira, da mesma faixa etária me apresentava nas festas como uma “rival” em potencial. Uma colega de mestrado falou. *Elas têm que perceber que você é “inofensiva”* – se referindo ao fato de que eu não teria interesse algum pelos africanos – no que eu respondi. *Pior que nem é bem assim* – pois confesso, me senti atraída por um deles – quando ela rebateu instantaneamente: *Mas são todos negros?* De fato, não entrei no mérito da questão pois essa foi uma daquelas falas que percebemos em seguida que o falante se arrependeu. Mas ficou bastante evidente que eu, branca, brasileira e universitária, poderia ter pouco interesse pelos africanos “negros.”

Na ocasião, do Reveillon Conexão África – de 2012 para 2013 –um dos donos do local onde se realizava a festa - “Estação Cultural” - veio conversar comigo. Um homem branco, de mais ou menos 40 anos, que também trabalha ali como professor de dança. Perguntou o que eu fazia na festa – com um ar de que eu era diferente dos demais - então falei com ele superficialmente sobre minha pesquisa. Ele começou então a dar sua “opinião” sobre a festa e os organizadores: contou que quase que a festa não acontece, pois os “meninos” – organizadores - eram “muito enrolados”. Que na festa anterior – a festa em que realizei o primeiro trabalho de campo - eles “tinham dado problema” com o pagamento. E que por isso, na festa do Reveillon ele havia exigido que o pagamento fosse adiantado, e que eles quase não conseguiram pagar o que poderia ter ocasionado a não realização do evento. Falou sobre os rapazes não terem arrumado freezer e nem gelo e que já era cinco da tarde quando levaram a cerveja, etc. Depois começou a falar sobre racismo – ele discordava que existia -, que achava um “absurdo “ ficarem falando de desigualdade, de racismo atualmente. Que a culpa era “deles mesmo”- africanos e negros em geral - que “queimavam seus próprios filmes”. Que eram “quase todos” enrolados e não gostavam de trabalhar direito. Emendou o assunto falando sobre a política de cotas nas universidades dizendo que não adiantaria nada. *A escravidão já acabou faz tempo, agora eles não têm mais do que reclamar, agora ele têm que trabalhar para “serem iguais”*. Acho que ele não entendia bem o que eu fazia em termos de pesquisa, e sentia como se estivesse me ajudando com suas críticas, informações e opiniões a respeito dos rapazes africanos, ajudando no sentido de formar um juízo de valor sobre eles. Era como se sendo branco como eu, compartilhávamos a mesma opinião – ou deveríamos compartilhar.

A experiência de David, cabo-verdiano e aluno do curso de economia da UFJF – também através do PEC-G – se deu de forma um tanto diferenciada. Em meio a história das dificuldades pela qual passou para se adaptar ao Brasil, sobre a saudade da família e dos amigos indaguei a ele se essas dificuldades também se deram por ele ter sofrido algum tipo de discriminação. Primeiro ele encara o preconceito como um tabu do qual não gosta muito de falar e logo depois narra várias experiências desagradáveis em relação a ser africano na universidade.

A: Você sentiu preconceito aqui no Brasil, por ser africano e/ou por ser negro?

D: *Cara, é o seguinte... este é um negócio que eu não gosto muito de tocar, sacou?!*

A: Mas porque lá em Cabo Verde por exemplo, existe isso (preconceito)?

D: *Não, não...que isso!?*

A: Mas aqui no Brasil David, eu sei que as pessoas fingem que o preconceito não existe.

D: *Não, sério então... aqui no Brasil têm muitos preconceituosos mesmo, muito racista velho. Racista pra “caralho”. Na universidade têm cara!*

Perguntei então se era algo que ele sentia em várias pessoas - em geral -, ou grupos e pessoas específicas. David disse que não, que são algumas pessoas ou grupo.

A: Houve algum episódio específico?

EDavid que se mostrava de início bastante encabulado, acabou me contando sobre os apelidos e as piadas de mau gosto que faziam com ele na faculdade ou em churrascos de alunos da universidade. Não vou especifica-los a seu pedido. Mas faziam referência ao fato dele ser africano, de ser negro; e coisas que o caracterizavam “relacionadas ao universo “machista”, que, digamos, o valorizava num aspecto “erótico”, e isso também o deixava encabulado. Este contexto no qual David se sente constantemente constrangido devido a brincadeiras que fazem referência a sua origem africana e a sua cor mostram a face “descontraída” e informal do preconceito racial no Brasil. As piadas e apelidos buscam enfatizar a diferença, o outro africano como exótico. Ao atribuir as possíveis diferenças e aspectos físicos – aparentes ou não - para “brincar” com David marcam a diferença entre Eles - brancos e brasileiros - e o outro - o africano e negro .

Logo nos primeiros dias de faculdade as pessoas começaram a apelida-lo, no intuito de que aquilo “pegasse”. Disse que pediu que parassem e explicou que não gostava. Afirma que em Cabo Verde se alguém te coloca um apelido e você pede para parar ele para, aqui não. Chegou a falar sério – chamou o rapaz num canto e o intimidou - com um colega de classe, pedindo pra não falar aquilo nunca mais³⁹.

³⁹ Dentre alguns episódios narrado por David escolho este para ilustrar de que forma o preconceito racial pode ser vislumbrado entre os universitários brasileiros: David me contou que havia um rapaz da administração – com quem fazia matérias – que era obeso. Este rapaz vivia rindo dele, apelidando-o e o chamando de africano insistentemente. David disse que num dia em que não

Disse que alguns também ficavam cochichando enquanto ele passava: *olha lá o africano!*

D: *Agora eu comecei a entender, sabe? Eu to conhecendo melhor... entendendo o comportamento das pessoas. Aprendendo a analisar um por um....se tá falando de boa ou tá querendo curtir com a minha cara .*

David afirma que por não gostar das brincadeiras ficou com fama de ser muito sério, que ouviu de algumas pessoas que ele “não brinca”- o que achei estranho, porque ele é bastante simpático e sempre foi divertido em nossas conversas e foi o que disse a ele. Esta questão era muito importante para ele, pois sempre voltava ao assunto: *...mas é o que falo, não adianta você fazer uma piada onde todo mundo vai rir, e a piada é com você e você fica puto, não adianta... Eu acho que o povo brasileiro, ele brinca muito, sacou? E não tem noção de quando se deve parar ou não... e eu acho que é algo muito errado.*

Nem todos os estudantes africanos possuem esta percepção de que não existe racismo na sociedade brasileira. Em diversas ocasiões ouvi reflexões sobre preconceitos sofridos por africanos. Principalmente referente ao desconhecimento dos brasileiros acerca da realidade africana, tratando-os como se viessem de tribos e selvas, indagando-os se onde moravam havia casas ou transparecendo a noção de África como um país e não um continente com vários países. Durante as entrevistas tais apresentam-se mais refletidas entre os alunos dos cursos de humanas e pós-graduação, e/ou que estão articulados em movimentos pela busca de melhoria nas condições de vida dos africanos no Brasil. Ou seja, por aqueles que se propõem a esta reflexão e vivem um contexto na qual ela é necessária.⁴⁰

aguentava mais chamou este rapaz para conversar e disse a ele: *cara, você fica rindo de mim porque sou africano, pelo meu jeito de falar. Cara, você é muito gordo sabe? Você ia gostar que as pessoas ficassem te dizendo isso? Eu não vou ficar te chamando de gordo, mesmo que você seja, pois não acho isso certo. Mas não acho certo você ficar rindo de mim.*

⁴⁰ Em novembro de 2013, viajei a Recife para realizar um trabalho de campo no I Encontro Internacional dos Estudantes PEC-G e PEG-PG. Durante o encontro os preconceitos sofridos pelos africanos e latinos, e também o preconceito praticado por estudantes brasileiros, por professores, gestores ficaram bastante nítidos. Um conflito político-cultural se mostrou latente, mas decidi por uma questão de tempo e espaço abordá-los de forma mais minuciosa em minha pesquisa de doutorado.



Estudante do PEC-G de Benin, Big Big. Também é membro da dupla “Dois Africanos”, World Hiphop (rap rnb com varias influencias musicais) criada em 2012 no Brasil. A dupla é composta de um cantor RnB do Togo (Izy Mistura) e um rapper do Benin (OpaiBigBig). O Togo e o Benin são dois países francófonos vizinhos da Africa de Oeste. Nota-se que o estudante veste uma blusa com a bandeira dos EUA e um colar com o pingente que simboliza o continente africano. Esta foto foi tirada por mimno momento em que o estudante falava para a plateia do I Encontro Internacional dos estudantes PEC-G e PEC-PG, em novembro de 2013, sobre as discriminações que sofrera por ser negro e estrangeiro no Brasil e arremata: “não adianta só ensinar português (língua) e coisas sobre o Brasil para nós. Vocês têm que ensinar sobre a África e sobre preconceito para os brasileiros.” Mais informações em : <http://doisafricanos.blogspot.com.br/>

Em suma, a identificação dos africanos com um negro orgulhoso de suas origens, de sua cor e da sua história de poder e resistência remete a ídolos africanos como Nelson Mandela, Amílcar Cabral e também aos movimentos negros americanos e à posição que alcançaram em seus enfrentamentos diretos ao racismo. Em relação aos negros brasileiros é perceptível que a identificação entre os africanos e eles ocorre na convivência em churrasco, encontros em bares, festas, etc. Quando, por exemplo, afirmam que são a grande maioria dos que participam de suas festas ou se integram em seus grupos de amizade – e suas redes. Mas ao mesmo tempo assumem uma postura crítica, na qual veem os negros como os portadores do

preconceito racial em si mesmos, não veem neles – ou em grande parte deles - o “orgulho” de sua cor.

Além de caracterizarem a retórica dos movimentos negros, reflexões sobre as identidades negras em ressignificação na África ou nas ex-colônias como Brasil e EUA serão pano de fundo também das análises sobre o pós-colonialismo⁴¹, pois abarcam o complexo de relações transnacionais engendradas entre ex-colônias e ex-metrópoles. O termo “pós-colonialismo” traz a oportunidade de uma análise que enfatiza a continuidade histórica e a mútua constituição das representações sociais entre colonizadores e colonizados; reforçando a ideia de que não há ruptura significativa entre o passado e o presente, colonialismo e pós-colonialismo. Uma estratégia analítica que visa incluir a economia política, pois esta nos serve para dar entendimento ao aspecto material dos processos sociais de significação. E ainda:

O conceito pós-colonial será útil se, e apenas se, nos ajudar a descrever e caracterizar a mudança nas relações globais que marca a transição desigual da era dos impérios pra o período pós-independências. Por um lado, é universal, na medida em que sociedades colonizadas e colonizadoras foram ambas afetadas pelo processo. Por outro lado, o termo “pós-colonial” não pode servir de descritor disto ou daquilo, de um “antes” ou um “depois”. Deverá sim reler a colonização como parte de um processo que é essencialmente transnacional, produzindo assim uma escrita descentrada, diaspórica e global sobre as anteriores grandes narrativas imperiais centradas em nações. (ALMEIDA, 2002, p.29)

1.4– África e Brasil : relações econômicas, políticas e culturais

A abolição oficial da escravidão em 1888, o estímulo à imigração europeia para substituição da mão de obra escrava pela assalariada e também o advento do neocolonialismo fez com que política internacional brasileira se caracterizasse por

⁴¹ Almeida afirma, que um dos efeitos críticos do pensamento pós-colonial foi o questionamento dos padrões de conhecimento e identidades sociais, levados a cabo pelo colonialismo e pelo domínio ocidental. Não que os legados colonialistas tenham permanecido inquestionados até então, mas que seu domínio era devido às “narrativas-mestras” que tinha a Europa como centro. Sendo assim, o principal papel da crítica pós-colonial seria o de desfazer o equívoco eurocentrismo, considerando porém que a emergência da pós-colonialidade só pode ser refletida após ter sido trabalhada pelo colonialismo. “O espaço ocupado por esta enunciação de discursos de dominação não se localiza nem dentro nem fora da história da dominação europeia, mas antes numa relação tangencial com ela.”(ALMEIDA, 2002, p.24)

um período de esquecimento das relações com a África nas primeiras décadas do século XX. (MUNGOI, 2004; SARAIVA, 2002)

O advento da eugenia; do racismo científico na Europa e com sua repercussão no pensamento social e na política brasileira serão também de grande influência para o silêncio entre as relações Brasil e África neste período. Até a década de 1920 a política racista impera nas discussões acerca da sociedade brasileira, principalmente através da “política de branqueamento da nação”, que tinha defensores intelectuais como Oliveira Viana e Arthur Ramos. A mestiçagem é vista neste momento histórico como uma das grandes mazelas da sociedade brasileira, obstáculo para o desenvolvimento da nação e sua projeção no cenário internacional, repercutindo na intensificação do preconceito contra os afrodescendentes brasileiros e com o continente de sua origem. É assim que as relações Brasil - África tomam uma frente secundária da nossa diplomacia. (ALMEIDA, 2002; MUNGOI, 2008)

Segundo Saraiva(2002) seria possível identificar quatro períodos históricos que marcam as relações formais entre África e Brasil após 1930. O primeiro período foi definido como “África sem importância”. Entre os anos de 1930 a 1946 o “esquecimento” e o afastamento deliberado, fez com que os únicos contatos entre as duas margens do Atlântico fossem feitos em caráter interpessoal, entre os sujeitos afrodescendentes brasileiros que retornaram para alguns locais da África, principalmente na Nigéria, e suas famílias brasileiras através dos portos de Recife, Rio de Janeiro e Salvador. Tal fato demonstra que apesar da interrupção das relações político-econômicas havia comunicação entre os dois lados do Atlântico, ou seja, os intercâmbios culturais permaneciam.

Um segundo período é denominado por Saraiva como “Brasil e o renascimento africano”⁴²(1946-1961), caracterizado por uma revitalização das relações entre o Brasil e os países africanos após o fim da Segunda Guerra Mundial; declínio das potências imperialistas e a consolidação de alguns países africanos

⁴² Os ideais da “democracia racial” e do lusotropicalismo de Gilberto Freyre teriam ajudado a mudar a perspectiva das relações Brasil, Portugal e as antigas colônias portuguesas em África, enaltecendo a flexibilidade cultural do português e defendendo a formação de uma comunidade Luso-afro-brasileira, e como isso, “servindo de base para formulação da política externa brasileira em relação à África, nos anos 50.”(MUNGOI, 2006, p. 26)

após as independências. Neste período, ainda que timidamente, a diplomacia brasileira busca materializar uma nova fase de sua política externa com a África.⁴³

Um terceiro período traçado por Saraiva caracteriza-se por um recuo nas relações Brasil-África (1961-1969) em comparação ao período anterior. Tal recuo está relacionado aos conflitos armados nos países africanos em busca de suas independências, muitas vezes orientados pelos ideais marxistas e a prerrogativa de se implantar em países como Angola e Moçambique governos de orientação comunista. O que entrava em conflito direto com as ideologias e práticas do governo militar brasileiro, já que a ditadura combatia forte e violentamente os ideais políticos e econômicos exaltados pelas nações africanas emergentes do outro lado do Atlântico. Ainda assim, com a política do “pragmatismo responsável”⁴⁴, o Governo Geisel, foi um dos primeiros da América Latina a condenar o *apartheid* sul-africano e o primeiro estado a reconhecer o governo marxista do MPLA após a guerra da independência em Angola.

⁴³ Segundo Mungoi, “Constituíam áreas de interesse [para] o financiamento internacional do desenvolvimento econômico da América Latina e na África, a concorrência entre os produtos primários africanos e brasileiros, as relações Brasil Portugal através da comunidade Luso-Brasileira e o impacto do processo de descolonização da África no Atlântico Sul. Para fazer face às demandas da nova estratégia política entre Brasil e África, a partir de 1961, começam a ser instaladas as primeiras representações diplomáticas nos países africanos.” (MUNGOI, 2006, p.26)

⁴⁴ “Em 19 de março de 1974, o presidente Ernesto Geisel, recém indicado, reuniu o novo ministério para anunciar que as estruturas do regime autoritário iniciado em 1964 seriam flexibilizadas sob seu controle pessoal. No mesmo dia, o presidente batizou a política externa de seu governo de Pragmatismo Ecumênico e Responsável. Durante os cinco anos subseqüentes, Geisel dedicou à política externa e a seu chanceler, Antônio Francisco Azeredo da Silveira, mais horas de despacho do que a qualquer outra pasta. Juntos, o presidente e o chanceler buscaram transformar aspectos importantes do comportamento e da palavra do Brasil no mundo. (...) Muito do comentário sobre a política externa do governo Geisel interpreta o período como um movimento de crescente independência, autonomia e ‘flexibilidade’ em relação aos estreitos limites impostos pela estrutura do sistema internacional da Guerra Fria. Livrava-se o Brasil da pecha do alinhamento automático aos desígnios do poder hegemônico hemisférico, os Estados Unidos. Assim, o pragmatismo seria uma expressão da tentativa brasileira de ganhar maior espaço de manobra em um sistema dominado pelas grandes potências. Tal movimento teria sido possível graças a mudanças estruturais no sistema internacional entre as décadas de 1960 e 1970 – o declínio relativo da capacidade militar dos Estados Unidos face à União Soviética, a incorporação da China continental ao equilíbrio global de poder, a inusitada força dos países produtores de petróleo via Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), a voracidade do movimento de descolonização na África e na Ásia e suas repercussões na composição da ONU, o debate militar norte-americano no Vietnã, e a emergência da Europa e do Japão como novos centros de poder econômico.”(SPEKTOR, 2004, p. 191-195)

Na década de 1960 foram instaladas as primeiras embaixadas brasileiras no continente africano, assim como estabelecidos acordos de cooperação cultural e técnica com países da África Subsaariana. O quarto período de reafirmação de uma política externa voltada para a África - a partir de 1969 - se caracteriza pela retomada das relações, com ênfase na dimensão econômica e social, momento este em que se inicia a emigração estudantil de africanos para o Brasil. (MUNGOI, 2006)

Os países africanos e outros povos outrora colonizados – entre eles o Brasil - sabem dos desafios que imperam diante da imposição de um modelo político-econômico estrangeiro, pois as conexões globais entre as nações exigem esforços no sentido de adaptação ao mercado e a política mundial.

Em entrevista a Joseph Ki Zerbo, o historiador e intelectual René Holenstein, discorre sobre quais seriam as grandes questões atuais da África. Para Holenstein a primeira grande questão do continente é a do Estado. Após as conquistas de suas independências a grande maioria dos países africanos, encontraram estruturado de antemão um modelo governamental que deveriam seguir para se tornarem “ativos” no comércio mundial - modelo este que estimula a diminuição da estrutura estatal e aumenta a influência das empresas multinacionais; servindo aos interesses do capital estrangeiro⁴⁵. Para o historiador a pergunta que fica é: “*terá o continente africano tempo de criar um Estado semelhante ao Europeu ou ao norte-Americano?*”(HOLENSTEIN, 2009, p.11).

Outro ponto levantado por Holenstein trata da unidade e da fragmentação do continente africanos, uma solidariedade que deveria ser forjada no sentido de que o continente deve se ater ao “*problema da identidade e do seu respectivo papel a desempenhar no contexto global.*”⁴⁶ E afirma que um dos grandes problemas culturais da África é a luta pela troca cultural equitativa, e para isso é extremamente

⁴⁵ Neste contexto, muitos países africanos ainda estão sob a tutela de dirigentes que fazem o governo de um Estado patrimonial ou étnico, que segundo a análise de Holenstein, não atingem ainda a perspectiva de um “verdadeiro Estado, que seja capaz de transcender os particularismos e as disputas internas pelo bem comum.”(Ibid., p. 12)

⁴⁶ E sobre a questão da identidade a língua tem papel crucial, pois – ainda segundo o historiador -o século XXI é marcado pela asfixia das línguas africanas. Os países receberam de herança do longo período escravagista e posteriormente do imperialismo a língua de seus dominadores , assim como a cultura religiosa, política e econômica (HOLENSTEIN, 2009).

necessário estabelecer o que o historiador chamou de infra-estrutura à culturas africanas; uma cultura de base material e logística.”

Porque os africanos não podem contentar-se com elementos culturais que recebem do exterior. Somos forjados, moldados, formados e transformados através dos objetos manufaturados que nos vêm dos países industrializados do Norte, com o que eles têm de carga cultural. Em contrapartida, enviamos para o Norte objetos que não têm qualquer mensagem cultural a dar aos nossos parceiros. A troca cultural é muito mais desigual que a troca de bens materiais. Tudo que é valor agregado é vetor de cultura (HOLENSTEIN, 2009, p.13).

A experiência dos fluxos culturais impostos pelo contexto colonial deixou marcas profundas nas relações estabelecidas no período pós-colonial. A despeito das nações africanas terem alcançado suas independências – aliás, constituíram-se como nações após se tornarem independentes – os lugares reservados a elas no contexto da globalização as deixaram a mercê de uma posição subalterna, de inferioridade nas relações políticas, econômicas e acima de tudo, culturais.

Assim, é compreensível que os países africanos buscassem empreender acordos de cooperação com países outros, que não seus antigos colonizadores. A necessidade de inserção à ordem global irá operar de modo a reaproximar os países africanos – principalmente as antigas colônias portuguesas - e o Brasil a partir dos processos de independência que passaram, nas décadas de 60 e 70 do século passado.

As relações diplomáticas Brasil e África sofreram algumas transformações no período entre 1985-1990, principalmente pelo desafio que se apresentava no plano político brasileiro em processo de consolidação de sua democracia. Neste período, a diplomacia brasileira enfrentava também os impactos do processo que levaria ao fim da Guerra Fria no cenário mundial e pelas restrições econômicas, que resultavam da crise de dívida externa.

Na década de 1990, estes constrangimentos repercutiam na formulação da política externa brasileira, que acuada diante a hegemonia econômica dos países ditos “desenvolvidos”, busca novas “sintonias” no sistema internacional, principalmente devido ao veloz impacto da globalização econômica. Diante disto, é possível reconhecer que também ao governo brasileiro foi imposta a necessidade de

estabelecer contatos com novos atores e interesses sociais que surgiam na ordem global em acelerado processo de transformação⁴⁷.(RIBEIRO, C., 2008, p. 39)

Dentre as modificações realizadas, observam-se esforços que buscam favorecer aspectos de interdependência entre o Brasil e os países africanos, principalmente países cuja língua portuguesa fosse o idioma oficial – PALOP - articulando-se por meio de uma política que objetivava valorizar as identidades culturais e traçar planos para a integração dos países no Instituto da Língua Portuguesa⁴⁸. No ano de 1989, em São Luiz/Maranhão, ocorreu o encontro dos chefes de estado dos Países de Língua Portuguesa, sendo este evento considerado o embrião do projeto da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Na reunião estiveram presentes os chefes de Estado de Portugal, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. (RIBEIRO, C.,2008)

O discurso de alianças no plano da cultura em torno da língua portuguesa também serviu de pano de fundo para a busca de alianças que permitissem o intercâmbio comercial entre os dois lados do Atlântico, em que se buscou convergências em torno de *questões bilaterais e internacionais que expressassem aspirações mútuas de cooperação e intercâmbio, o que indica uma preocupação em garantir interesses políticos e econômicos brasileiros no continente africano* (Ibid., p. 42).

⁴⁷ No que tange as relações com o continente africano, a política externa esbarrou em dificuldades para operar de forma similar as relações estabelecidas no governo anterior, de João Batista Figueiredo(1979-1985), repercutindo em ajustes no tocante à agenda das relações político-comerciais Brasil-África. No governo Sarney as relações entre os dois lados do Atlântico assumiam caráter secundário, mesmo que se reconhecesse sua importância. Neste período as relações com o continente por uma política muito mais focada na área *“de laços culturais, de laços emocionais de um passado”* do que em acordos político-econômicos propriamente ditos (RIBEIRO,C., 2008).

⁴⁸ Eis os objetivos traçados na reunião: “a) promover a defesa da língua portuguesa, no pressuposto de que se trata de patrimônio comum dos países e povos que a utilizam como língua nacional ou oficial; b) fomentar o enriquecimento e a difusão do idioma como veículo de cultura, educação, informação e de acesso ao conhecimento científico e tecnológico; c) promover o desenvolvimento das relações culturais entre todos os países e povos que utilizam o português; d) encorajar a cooperação, a pesquisa e o intercâmbio de especialistas nos campos da língua e da cultura; e) preservar e difundir o Acordo Ortográfico já assinado pelos sete e em curso de ratificação (RIBEIRO, O., 2008, p.42).

As relações estabelecidas com o continente, de cooperação econômica e cultural, engendraram uma postura política de apoio às demandas sociais da África⁴⁹. O governo brasileiro no período fez declarações de condenação ao *apartheid* sul-africano, de apoio a emancipação imediata da Namíbia, além de assumir posições mais pragmáticas, como o veto à exportação de petróleo e derivados, armas e munições, licenças e patentes, bem como a suspensão das atividades de intercâmbio cultural, artístico ou desportivo junto ao Estado sul-africano - em 1985 - e a simbólica condecoração - em 1987 - do bispo sul-africano Desmond Tutu, prêmio Nobel da Paz e símbolo internacional da resistência anti-racial. (RIBEIRO,C., 2008, p.46)

Em suma, as relações políticas e econômicas estabelecidas entre o governo brasileiro e o continente africano representavam, naquele momento, a percepção diplomática de que o Brasil também se enquadrava em posição marginal no sistema internacional, particularmente em relação aos seus efeitos econômicos e comerciais. Na busca pela equidade, era desejável que se reduzisse o grande fosso entre países ricos e pobres. Mas o que se assistia no cenário internacional, era o protecionismo comercial e quase uma “paralisação” da cooperação econômica internacional. Os países que buscavam seu desenvolvimento esbarravam no imobilismo e na hostilidade dos países desenvolvidos.

Frente às desigualdades engendradas no cenário internacional, os setores governamentais, empresas nacionais e a sociedade civil mais engajada, passaram a valorizar as relações Sul-Sul, pois compreenderam que os *países do “Terceiro Mundo” encontravam-se em situação igualmente insatisfatória do ponto de vista financeiro e comercial, tornando-se incapazes de suprir as demandas nacionais para a ampliação das exportações* (RIBEIRO,C., 2008, p.47). Ou seja, era preciso se

⁴⁹ As relações entre Brasil e Angola mostram-se mais aprofundadas, - aqui no sentido da relação entre estados, já que os intercâmbios comerciais e culturais remontam ao início do período colonial - devido ao histórico diplomático desde o período em que Angola lutava por sua independência; passando pelo processo de pacificação do país, feito inclusive através de uma advertência apresentada pelo conselho de segurança da ONU - Julho de 1993 - ao líder na UNITA⁴⁹, Jonas Savimbi, no qual apresentava a possibilidade de embargo ao seu grupo, caso não fossem abandonadas a ação militar e que devesse ser respeitado o resultado das eleições de setembro de 1992. (RIBEIRO,C., 2008, p. 44)

aliarem se quisessem buscar saídas para o quadro de subdesenvolvimento e marginalização no cenário mundial.

Para a consolidação desta aliança entre os dois lados do Atlântico foram encontrados alguns obstáculos. A sustentabilidade da política entre Brasil e África Atlântica nos anos 80 foi minada em função da crise que atingia a maioria dos países da África Subsaariana, e também pelo fim da política de incentivos às exportações subsidiadas de bens e serviços pelo Brasil. Além disso, diante das dificuldades financeiras enfrentadas pelo governo brasileiro, o relacionamento com os países africanos não poderia ser dimensão privilegiada de nossa política externa, pelo entendimento de que os estados africanos não seriam capazes de favorecer um intercâmbio político e econômico devidamente satisfatório. A manutenção das relações com o continente africano era avaliada como “relativamente onerosa”, levando a uma baixa consistência no que concerne a projeção internacional do país, criando uma categoria denominada “custo África”⁵⁰ diante das expectativas acerca do bem estar social geral e desenvolvimento, criadas no processo de descolonização. (Ibid., 2008)

A política em direção à África ajusta-se à percepção governamental de que sua manutenção dependeria de um novo enquadramento, caracteristicamente mais pontual e objetivo. Constatada a limitada capacidade dos parceiros africanos em dar retorno consistente e seguro às demandas brasileiras, o executivo brasileiro procura adotar uma postura que favorece o incentivo a mecanismos de colaboração e o intercâmbio cultural entre o Brasil e o continente africano.

⁵⁰ Com efeito, a categoria “custo África” engloba um contexto no qual se identifica a conjunção de variáveis tanto econômico-comerciais quanto políticas. No primeiro caso, ela se atrela ao arrefecimento da intensidade comercial: ao longo do governo Sarney as relações comerciais Brasil-África sofrem um retrocesso visível, levando os níveis de comércio retornarem aos das décadas de 1950 e 1960. Já no início da década de 1990, o comércio do Brasil com a África fica em torno de 3% das relações comerciais do país, após ter alcançado níveis em torno dos 10% no início da década anterior. No plano político, a categoria “custo África” engloba a percepção amplamente difundida, e posteriormente consolidada, de que a insistência no relacionamento com o continente africano teria um custo relativamente elevado para a política externa brasileira. Com efeito, esse “custo” está associado à ideia de que as lutas por libertação e a conquista das independências ocorridas entre as décadas de 1960 e 1970 não lograram por fim a maior parte dos conflitos e problemas vivenciados no continente africano, como os conflitos étnicos, guerras-civis e o desrespeito aos direitos humanos. (RIBEIRO,C., 2008, p. 53)

[...] o patrimônio de herança africana, apontado no discurso diplomático como um dos parâmetros da cultura brasileira, um importante valor nacional, como num fator de aproximação com outros povos, torna-se um instrumento de aproximação da diplomacia brasileira com os países africanos. Um capital político de valor intangível, mas objetivamente utilizado no esforço de ampliação e promoção da imagem internacional do país. (RIBEIRO,C., 2008, p.57)

2 – Os PALOP, a CPLP e a inclusão dos países africanos no PEC-G

Aline, os brasileiros não entendem, eu acho, que nós que falamos português, nós que fomos colonizados por eles devemos nos unir. O Brasileiro não vê como têm coisas comuns com nós africanos do PALOP. Eles acham que viemos estudar aqui porque na África não tem escola nem universidades. A maioria não entende nada mesmo. (David, estudante de economia na UFJF, conversa durante uma festa africana)

Os países da lusofonia africana lograram suas independências entre os anos de 1973-1975, seguindo um processo de descolonização das colônias portuguesas, iniciado na década de 60, num movimento amplo de descolonização das nações africanas, processo mais conhecido como a “Guerra Ultramar” (1961-1975), que foi a luta de independência de países – Moçambique, Guiné Bissau, Angola, São Tome e Príncipe e Cabo Verde - que se encontravam sobre o jugo colonial até as décadas de 60 e 70 do século passado.

Este fato encontra consonância também nas transformações políticas ocorridas na metrópole portuguesa, no episódio denominado Revolução dos Cravos (1974-1976) que põe fim ao Estado Novo, regime de governo autoritário de Salazar e acirra os conflitos acerca do destino das colônias portuguesas, particularmente em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau⁵¹(MUNGOI,2004; FONSECA, 2011).

Após as independências, cada país tomou rumo próprio seguindo a órbita de suas influências geopolíticas; suas potencialidades econômicas e configurando diferentes estratégias. De fato, o cenário pós-independência dos PALOP⁵², é permeado

⁵¹ A crise do terceiro império português foi um processo que operou mudanças na retórica colonial. A postura adotada pelo regime salazarista desde 1930 foi sendo substituída paulatinamente, passando a um elogio a miscigenação e a diversidade cultural, culminado na eliminação, no ano de 1961, do indigenato, lei que regia as relações entre indígenas, metropolitanos e colonos. Deste modo, é possível refletir, que obstante o ideal lusotropicalista (uma relação afetiva) ter sido propagada como um ideal benéfico da colonização portuguesa, o contexto imperialista em África e as contradições que a comparação representava, estimulavam ainda mais os críticos e nacionalistas africanos (THOMAZ, 2002; ALMEIDA,2002).

⁵² Em termos geográficos os PALOP localizam-se em diferentes regiões do continente africano: Angola e Moçambique localizam-se na África Austral enquanto que Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe localizam-se na África Ocidental. As suas dimensões em termos de território apresentam uma grande variedade, sendo Angola o 7º maior país do continente Africano, enquanto que o arquipélago de São Tomé e Príncipe o 4º menor (UN Statistics Division, 2006). As diferenças são enormes também em termos de população: Moçambique tem mais de 20 milhões de habitantes enquanto que Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe em conjunto têm apenas

pela exclusão social, conflitos étnicos, pobreza, fome e violência, herança de mais de 500 anos de exploração colonial.

Devido a esta conjuntura pós-independência, diversas organizações são empreendidas pelos países africanos nas décadas seguintes de modo a fomentar o desenvolvimento e a saída da condição marginal do cenário internacional: a maioria dos países se une a outros organismos internacionais e em comunidades linguísticas e culturais. Desta forma, é possível compreender como os países membros do PALOP - devido ao passado colonial de certa forma comum; a língua como herança e todo um discurso referente a esta semelhança nas políticas portuguesas, com o objetivo de assegurar a exploração das colônias – apresentaram a perspectiva de uma aliança no que concerne ao apoio mútuo para a superação das dificuldades de inserção e integração no cenário internacional.⁵³

Com alguma influência desta ideia de passado comum⁵⁴, o reduzido potencial comercial nas relações entre o Brasil e os países de colonização portuguesa não eliminou as perspectivas da política externa brasileira para o continente africano. Se as expectativas econômicas e comerciais se viram momentaneamente frustradas, o

cerca de 2,3 milhões de habitantes. Em termos econômicos, Cabo Verde teve em 2007 um PIB per capita de US\$2.890 enquanto que Moçambique teve no mesmo ano um valor de apenas US\$368.”(PEREIRA, 2005)

⁵³ Na esfera econômica, os esforços das sociedades e seus respectivos governos para estabelecer relações com outras nações origina-se de uma diversidade de fatores, que de certa forma, pode ser reduzido em termos simples: suas necessidades constituem um estímulo a relações diversas e a perspectiva de que estas sejam estáveis, lógica da ação social predominante nas sociedades globalizadas. (BAHIA, 2002)

⁵⁴ A tentativa de mostrar as dimensões que perpassam as relações entre o Brasil, os PALOP e a antiga metrópole não ignora as muitas diferenças em relação a história colonial dos países. Doravante, a interpretação do Brasil e a repercussão desta interpretação, torna-se crucial a partir do momento em que o país torna-se uma entidade política independente, sobretudo as análises sobre sua viabilidade política e sobre as possibilidades de construção de “uma verdadeira nação.” Sob uma perspectiva ideológica, a antiga metrópole buscou utilizar, em benefício de seus objetivos de manutenção de um contexto colonial, as ideias acerca das singularidades da colonização portuguesa, o lusotropicalismo de Gilberto Freyre. Tal fato mostra que algumas “teorias do Brasil ultrapassaram o contexto nacional sendo assim incorporadas em outros contextos discursivos e práticos. Significa dizer que uma “teoria nativa” sobre o Brasil tenha ganhado significados *sui generis*, notadamente entre os entusiastas da CPLP – a Comunidade de Países de Língua Portuguesa. O bloco político e cultural surge, nos debates políticos e também na imprensa e em debates públicos em Portugal; apelando constantemente para aqueles países que no passado fora colônia de Portugal; identidade que dar-se-ia num plano que quase inatingível para aquele que dela não participassem: aquele do “espírito” e das experiências subjetivas.” (THOMAZ, 2002, p. 42)

lugar ocupado pelos PALOP e pelo próprio Atlântico Sul manteve-se como pauta importante para a diplomacia brasileira, principalmente a partir da década de 90. A criação da IILP – Instituto Internacional da Língua Portuguesa - em 1999, considerado embrião da CPLP, foram resultados da iniciativa do governo Sarney. As relações como Atlântico Sul se apresentam como estratégicas para a política internacional de nosso país, pois

[...] ela passa a representar um espaço singular para a projeção diplomática brasileira – um contexto geopolítico no qual o Brasil vê-se particularmente capaz de atuar como protagonista e mediador entre os países da América do Sul e os da África Subsaariana banhados pelo oceano. (RIBEIRO,C., 2008, p. 58)

Na perspectiva de um compromisso que busca reforçar laços de solidariedade e cooperação, serão conjugadas iniciativas que visam à promoção do desenvolvimento econômico e social dos seus povos. Estímulos que levaram os chefes de Estado e de Governo dos países de língua portuguesa a criar na ocasião de reunião realizada em Lisboa, entre os dias 17 e 18 de julho de 1996, a CPLP – Comunidade dos países de Língua Oficial Portuguesa. Neste contexto, a CPLP conferiu uma moldura à lusofonia, englobando os seguintes países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, agregando também o Timor-Leste.

Ao idioma português – terceiro idioma mais falado no ocidente – caberá o papel de englobar um poder catalizador e mobilizador de energias, pois se constitui como “elo primaz de aglutinação da comunidade, a qual tem ainda, como elemento distintivo, as afinidades étnicas, históricas e culturais”(GUSMÃO,2008). Sendo a tônica da cooperação entre a comunidade CPLP e outros projetos relacionados como a cooperação Sul-Sul. É neste contexto que as relações entre o Brasil e continente Africano se intensificaram.

Norbert Elias (1994), afirmou o fato de que a humanidade dividida em Estados tornar-se-ia cada vez mais o quadro de referência, como uma unidade social de muitos processos de desenvolvimento e mudanças estruturais. Assim, a cultura – a língua portuguesa e outras influências mútuas – acabam por se apresentar como “um conjunto de recursos e de modelos que os actores sociais procuram gerir, controlar,

de que se apropriam ou cuja transformação em organização social negociam entre si”(TOURAINÉ, 1984, p.24).

Tendo em vista a ideia de proximidade histórica cultural que o idioma comum estabelece é natural que os laços mais estreitos da cooperação horizontal brasileira sejam com os PALOP. A cooperação internacional entre estes países centra-se na ideia de desenvolvimento e “mostram parte dos esforços dos PALOP e de seus povos no desafio duplo da construção nacional para dentro e em termos da inserção na ordem moderna e globalizada” (GUSMÃO, 2008, p. 284), onde os atores e instituições envolvidos o fazem no contexto de lutas de poder que são inerentes ao campo político - nacional e internacional.

Todos os Estados, em maior ou menor grau, dependem uns dos outros, seja economicamente, através da ameaça unilateral ou mútua de violência, seja através da difusão de modelos de auto-controle e de outros aspectos comportamentais e afetivos que emanam de alguns centros, da transferência de modelos linguísticos ou de outros modelos culturais e de muitas outras maneiras.(ELIAS, 1994, p.136)

O argumento da língua portuguesa como patrimônio comum se insere, principalmente, no universo das representações. O idioma oficial dos PALOP sendo o português não implica que haja homogeneidade linguística entre estes países e o Brasil. Pelo contrário, alguns interlocutores da presente pesquisa afirmam ter sofrido discriminação devido a falarem um português diferente do português falado no Brasil. Há também o fato de que a língua oficial destes países não ser a língua falada, que é o crioulo. Língua que por vezes é falada entre eles também no Brasil. O apelo ao idioma comum possui pontos conflitantes, para além das diferenças de pronúncia e os sotaques. O idioma remete a um passado colonial comum, que portanto deve ser problematizado como tal. A herança cultural do português está atrelada a séculos de exploração e dominação. O argumento então perpassa relações de poder inerentes ao campo político, o que na prática ainda está longe de remeter a homogeneidade e união.

Durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003 -2010) as relações entre os dois lados do Atlântico são revitalizadas através da implementação de programas no objetivo de ampliar as cooperações, que visam por sua vez melhorar as condições das populações africanas. Os discursos apresentados pelo presidente em suas visitas ao continente apontam a preocupação do governo brasileiro em assumir

um papel central no desenvolvimento dos países africanos, principalmente nos setores da educação, saúde e agricultura.⁵⁵ Os assuntos tratados nestas visitas a África assim como os discursos proferidos pelo presidente Lula vão além das questões econômicas e políticas, salientando o resgate simbólico e cultural das relações entre o Brasil e o continente. No Fórum Mundial Social, realizado em janeiro de 2005 em Porto Alegre o presidente Lula chega a fazer a seguinte afirmação: *Uma parte do que o Brasil é se deve a África.* (MUNGOI, 2008, p. 31)

O PEC-G foi criado pelo governo brasileiro como um acordo bilateral de cooperação educacional e cultural, com o objetivo de auxiliar a formação superior de estudantes oriundos de países em via de desenvolvimento. Surgiu no ano de 1920 atendendo os países latino-americanos, mas começa a intensificar-se apenas na década de 1940, com o aumento da migração desses estudantes, que vinham na maioria das vezes, por iniciativas individuais e esporádicas mesmo que por intermédio do programa. A partir de 1964, estes convênios passam a ser articulados pelo Ministério das Relações Exteriores- MRE. (MUNGOI: 2008)

Do surgimento do PEC-G em 1920 até os dias atuais, foram assinados cinco protocolos entre o MRE e o MEC⁵⁶, onde são definidas e redefinidas as normas de funcionamento do programa: os processos de seleção; o método para a distribuição de vagas, assim com o encaminhamento sobre os direitos e deveres dos estudantes. No segundo protocolo, assinado em 1974, o PEC-G passa a abarcar outros países situados fora da América Latina, quando passa a contemplar também os países africanos, notadamente os países membros do PALOP. Essas relações nos permitirão compreender como refugiados e estudantes africanos se colocam no cenário educacional brasileiro, já que a ideia de “desenvolvimento via campo educacional [que se] insere no universo das relações de poder estabelecidas nacional e internacionalmente, faz da educação um meio instrumental de libertação e autonomia

⁵⁵Mungoide destaca “ as visitas feitas pelo presidente a vários países africanos – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Senegal, Gabão, Gana, Camarões e África do Sul – que resultaram no perdão da dívida externa de alguns destes países, na assinatura de acordos de cooperação e na implementação de programas como Pró-África(MUNGOI, 2008, p. 29).

⁵⁶ O primeiro protocolo foi assinado no ano de 1967, o segundo em 1974, e nos anos de 1986, 1993 e 1998 respectivamente (Ibid.)

para os países em consolidação enquanto Estados Nacionais. Demonstrando que o que está em jogo é a formação de “novas elites africanas e a conformação de nações emergentes” (GUSMÃO, 2008, p. 297).

O primeiro grupo de estudantes africanos veio ao Brasil na década de 1960 e era constituído por 16 estudantes do Senegal, Gana, Camarões e Cabo Verde. Entretanto, é com a implementação do PEC-G nos finais dos anos 70, que a presença de estudantes africanos nas universidades brasileiras se tornou significativa. Trata-se de um período em que a universidade e pesquisa se consolidam no Brasil e os PALOP conquistam suas independências nacionais (MUNGOI, 2006, p. 28).

O protocolo atualmente vigente foi firmado em 1998, definindo que a gestão do PEC-G seria articulada simultaneamente entre o Ministério das Relações Exteriores; representado pelo Departamento de Cooperação Científica, Técnica e Tecnológica (DCT) e pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC); através da Secretaria de Educação Superior (SESU), contando com o envolvimento das Instituições de Ensino Superior (IES) através de diferentes setores e das suas Pró-Reitorias de graduação (PROGRAD).

Em sua pesquisa acerca dos países contemplados pelo PEC-G até o ano de 2005, Mungoi (2008) refere-se à participação de 43 países: 23 da América Latina e Caribe, 19 da África e 1 da Ásia. Assim observa-se o número significativo de africanos em relação a outros países, mostrando que o continente se tornou um dos maiores beneficiários do programa, notadamente Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Os dados apresentados pela SRI – Secretária de Relações Internacionais – da Universidade Federal de Juiz de Fora são parciais. Há toda uma história da migração estudantil do PEC-G que ainda não foi documentada nesta instituição. Hilton Batista Sales (Coordenador Geral das Relações Estudantis – CGRE/MEC) em sua conferência no I Encontro Internacional dos Estudantes PEC-G e PEC-PG em Recife, assume que parte dos dados referentes à migração através do PEC-G – em âmbito nacional - foram “perdidos” e que este levantamento ainda está por ser feito. Considerando que a Festa Africana, que acontece anualmente em Juiz de Fora está em sua XV edição, presumo que no mínimo há quinze anos estudantes oriundos da África tenham migrado para Juiz de Fora no objetivo de cursar ensino superior, mesmo que por outras vias que não o PEC-G. Segundo a SRI o número de estudantes

do PEC-G na UFJF no período de 2007-2012 são os seguintes: 2007: 17; 2008: 24; 2009: 27; 2010: 29 ; 2011: 31; 2012: 29. E os estudantes do PEC-G cursando a graduação na UFJF no ano de 2012 são dos seguintes países: Angola, Cabo-Verde, Congo, Paraguai, Gana, Guiné-Bissau e Equador.⁵⁷

O acordo estabelecido entre o Brasil e os países contemplados pelo PEC-G é apresentado na plataforma online do governo brasileiro da seguinte maneira:

Atualmente, cerca de 2.700 estrangeiros estão no Brasil para cursar gratuitamente a graduação em uma universidade federal, estadual ou particular, por meio do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Esses estudantes-convênio, como são chamados, vêm de países como Colômbia, Angola, Cabo Verde, Cuba e outros com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Depois de formados, esses cidadãos irão retornar a seu país de origem para contribuir na área em que se graduaram no Brasil e, assim, incentivar o desenvolvimento de sua terra natal. (BRASIL,2010)

O processo seletivo dos estudantes PEC-G segue várias etapas. Inicia-se em seu país, junto às representações diplomáticas brasileiras e termina no Brasil com a seleção do candidato pelo Departamento de Ciência e Tecnologia -DCT - e em parceria com a Secretaria de Educação Superior - SESU.

O entendimento das migrações estudantis de africanos para o Brasil através do PEC-G possui como uma das suas características cruciais o processo de seleção econômica. Devido à carência de bolsas de estudos provenientes das instituições governamentais e não governamentais, a maioria dos estudantes só pode migrar com a assinatura de um termo de responsabilidade financeira, no qual a família tem de comprovar a fonte dos recursos para a manutenção dos estudantes no Brasil. Exigência esta que acaba por se tornar excludente, já que o critério sócio-econômico é um dos requisitos chaves do processo. (MUNGOI, 2008)

⁵⁷ Estes dados me foram enviados por um dos funcionários da SRI. Segundo o relatório enviado, alunos do PEC-G são atendidos na UFJF desde o ano de 1958, mas não tive acesso a informações sobre de quais países vieram, etc. Em pesquisa posterior uma análise do programa será aprofundada. Uma avaliação mais completa sobre o processo seletivo também será apresentada numa etapa posterior, na pesquisa de doutorado. Isto se deve ao fato de que em diversas conversas com os estudantes africanos na realização do trabalho de campo foram notadas algumas divergências quanto ao processo seletivo, muitas delas podem ser entendidas como possibilidade de haver diferenças no processo seletivo entre os países contemplados pelo programa.

Sendo assim, a migração estudantil de africanos através deste programa para o Brasil traz como características primeiramente o fato de que os estudantes contemplados supostamente fazem parte de uma elite econômica em seus países, em segundo lugar, a significativa participação de suas famílias em apoiá-los financeiramente no Brasil, levando-nos a uma reflexão acerca do Estado e da família como redes que se interpõem no processo seletivo, sugerindo a presença de diferentes atores e instituições imbricadas no processo. E ainda:

[...] o Estado, ao criar mecanismos para a participação da família no programa, definindo a obrigatoriedade do financiamento dos estudos pelos seus parentes, acaba intervindo no percurso, nos projetos e na esfera privada de milhares de famílias africanas. Entretanto, o fato destas famílias e algumas instituições assumirem a responsabilidade financeira perante o Estado brasileiro, não significa que este compromisso seja cumprido na íntegra (Ibid., p.35).

Se as instituições financiadoras – consideradas escassas nos primeiros levantamentos desta pesquisa ⁵⁸ – ou as famílias não enviam os recursos aos estudantes, novas estratégias são elaboradas pelos mesmos para a manutenção de sua estadia no país. Neste caso, as redes sociais construídas no contexto brasileiro são acionadas, buscando-se apoio a amigos conterrâneos - ou outros africanos - e brasileiros para moradia e alimentação ou até mesmo para a obtenção de empregos formais. Neste sentido, estes estudantes encontram subsídios “entre grupos formais e informais que atuam nos países de origem e de acolhimento, estruturando-se em um conjunto de relações em rede”(GUSMÃO, 2008, p. 284).

O PEC-G funciona como uma estrutura que envolve vários atores – família, governo, amigos e conterrâneos. Articulam-se esferas distintas que nem sempre são eficientes, acarretando na interferência direta no percurso e estadia no Brasil. Uma das principais dificuldades apresentadas pelos estudantes é a falta de informação sobre quais condições o aluno irá encontrar no Brasil em “termos de direitos e deveres do estudante-convênio, tais como a condição legal e moradia”. Muitos viajam sem nenhuma referência sobre o custo de vida, características da cidade e outras questões básicas (MUNGOI, 2008, p. 37).

⁵⁸ Segundo Mungoi (2008), até o ano de 2005, as autoridades brasileiras só atribuíam bolsas de estudos aos estudantes do PEC-G em casos excepcionais, como estudantes de países que passam por instabilidade política ou refugiados.

Em suma os acordos firmados entre os países membros do PALOP e o Brasil se pautam numa espécie de ajuda humanitária via campo educacional, no sentido de investimento intelectual e técnico, que visa preparação do sujeito para atuação no projeto de desenvolvimento e modernização de seus países.⁵⁹Tais elementos revelam que a migração estudantil neste contexto é temporária e dotada de uma finalidade específica. Por outro lado, a atuação desses indivíduos irá depender de relações “históricas concretas, do passado e do presente”(FONSECA,2011) considerando os cenários particulares de cada país desde o período colonial e a luta pela independência até a abertura republicana. Depende também de quais relações serão construídas cotidianamente, principalmente no interior da universidade e do processo educativo para que seja possível refletir sobre as conquistas e os limites vivenciados por sujeitos ou grupos de sujeitos, que migram com fins de obtenção de educação de nível superior em solo estrangeiro.

É importante ressaltar que esta visão diplomática e econômica das relações Brasil é África não passam despercebidas pelos estudantes africanos, principalmente os estudantes de Pós-graduação ou estudantes de cursos como Serviço Social, Letras que já estão no Brasil há mais tempo. Em algumas conversas eles criticam a postura dos brasileiros e dos gestores do PEC-G em suas universidades – os relatos foram mais frequentes com estudantes de outras cidades como Recife, Natal, Campinas entre outras. Segundo eles, o acordo possui – para esses gestores - um caráter assistencialista, como se fosse “caridade” a disponibilidade de vagas nas universidades brasileiras.

Elton(32 anos) , foi estudante do PEC-G em 2000, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal. Participou do processo seletivo de mestrado na mesma instituição, concorrendo diretamente com outros brasileiros, e atualmente cursa o doutorado em economia na Universidade Federal de Juiz de Fora. Elton relatou o seguinte: *já passou da hora de ficar claro para os africanos e para os brasileiros que não estamos aqui por piedade. O Brasil possui interesses econômicos*

⁵⁹ Outro exemplo disto é que através da CAPES – Coordenação de Desenvolvimento de Pessoal de Nível Superior e outras instituições governamentais, o governo brasileiro participou ativamente na instalação da primeira Universidade Pública de Cabo Verde e firmou um acordo de cooperação com este país, que implica em consultorias na área de gestão, qualificação de professores e implementação do Currículo Lattes. (MUNGIOI, 2008)

importantes na África, o Brasil têm potencial e quer se tornar potência. Então estamos aqui não só para atender os interesses nossos e dos nossos países, mas também para atender os interesses do Brasil, que quer criar mercado na África, então quer que a África se desenvolva também por interesses próprios.

3 – Mobilidade estudantil africana: políticas educacionais, conhecimento científico e desigualdade social

A emigração estudantil de africanos teve início décadas antes do processo de descolonização dos seus países - iniciados a partir de 1950. Aos jovens “assimilados e evoluídos”⁶⁰, oriundos das colônias portuguesas e francesas em África, eram concedidas bolsas de estudo para cursar o ensino superior nas metrópoles já entre as décadas de 1930 e 1950. (MUNGOI, 2008)

No caso angolano, por exemplo, há quem remonte a emigração estudantil para Portugal ainda no fim do séc. XIX. Essa juventude angolana nas universidades portuguesas e em outros setores da sociedade Lusa serão formadores de opinião crítica acerca do destino estabelecido por Portugal aos seus territórios ultramar. “Elite dos filhos da terra”, esses jovens intelectuais irão sentir e discorrer acerca da conflitualidade social do contexto colonial: como angolanos em Portugal problematizam não somente sua condição de colonizados como também as identidades culturais forjadas neste contexto através da circulação de jornais e boletins clandestinos⁶¹. (MUNGOI, 2008; FONSECA, 2011)

Desta forma surge uma elite intelectual e política que veio posteriormente desencadear ou acelerar as lutas independentistas: Amílcar Cabral (guineense), Agostinho Neto e Mario Pinto de Andrade (angolanos) foram estudantes e intelectuais na “Casa de Estudante do Império⁶²” em Portugal, e são

⁶⁰ Segundo Mungoi, os termos assimilados e evoluídos foram utilizados no contexto da implementação da política de assimilação (*assimilation*) pelos governos português e francês, respectivamente para designar as pessoas que ‘assimilavam’ os valores culturais dos colonizadores, tornando-se cidadãos portugueses e franceses. Essa geração era composta por uma minoria de jovens que falavam fluentemente português ou francês em seus países de origem e alguns deles chegaram a assumir lugares de destaque nas metrópoles. (MUNGOI, 2008, p. 14)

⁶¹ Segundo Fonseca, jornais e boletins produzidos por negros já circulavam na Europa e em alguns países Africanos desde 1911 (FONSECA, 2011).

⁶² Fonseca afirma que a “A Casa dos Estudantes do Império” (CEI) foi fundada em 1944, numa Assembléia Geral das Casas de Angola, Moçambique e Cabo Verde que já existiam na capital portuguesa. A base das propostas políticas da CEI era agregar todos os estudantes africanos das colônias, ou seja, o seu objetivo era o controle desta população estudantil. Porém, o que ocorreu foi que “a CEI foi durante longo tempo de sua vigência um local de encontro das “células comunistas”. Mesmo tendo sido constituída pelo regime salazarista para atender os interesses do império ultramarino. A CEI contribuiu fortemente para a queda do regime e das independências dos países africanos de língua oficial portuguesa, sendo um polo irradiador das políticas nativistas e geradora

considerados grandes fomentadores pela emergência do nacionalismo e pelas lutas de independência das colônias africanas de Portugal. (MUNGOI, 2008; FONSECA, 2011)

O caso dos movimentos nacionalistas empreendidos nas colônias apresenta papel crucial para o entendimento dos intercâmbios culturais entre africanos. Os principais atores do processo de libertação dos países africanos ainda sob dominação colonial, foram sujeitos que migraram para países europeus em busca do diploma universitário. Estes sujeitos formaram uma elite intelectual africana, capaz de um diálogo político e intelectual mais amplo; tiveram acesso às teorias marxistas muito em voga dentre os países subjugados ou explorados “indiretamente” pelas grandes potências. Como heróis da luta colonial, servem hoje de inspiração para muitos dos estudantes africanos que participam desta pesquisa, demonstrando que a migração por motivos estudantis, para além dos objetivos econômicos e sociais em questão, possuem também características ideológicas, fruto da resignificação das identidades dos negros africanos e os novos papéis que pretendem assumir em seus países e no mundo.

Nos últimos 40 anos o destino prioritário dos estudantes africanos dos PALOP foram os países de cunho socialista, como Cuba e a extinta URSS; a antiga metrópole (Portugal), e mais recentemente – principalmente através do PEC-G - o Brasil. É esperado destes estudantes – prerrogativa do acordo institucional empreendido pelos países de origem e o Brasil através do PEC-G - empenho nas atividades acadêmicas e a conquista de maior qualificação profissional de modo a atuar no projeto de desenvolvimento dos seus respectivos países em seu retorno. Verifica-se assim que existe o intuito de atribuir valores socioculturais para o atendimento das demandas através da formação de profissionais capacitados, elucidando a existência de uma grande expectativa de que esta juventude assuma o protagonismo político, cultural, social e econômico, de modo a operar transformações significativas nestas sociedades (FONSECA,2011; GUSMÃO,2008).

de quadros para a formação das elites pensantes em Angola e nos demais países”(...)FONSECA, 2011, p. 6).

As causas para a migração estudantil de africanos para o Brasil são diversas: a inexistência ou ineficiência de cursos superiores em seus países; sistema de ensino básico ainda bastante deficiente; graves problemas sociais e econômicos, e principalmente o baixo investimento no ensino superior, devido à carência de infraestrutura e de quadros docentes qualificados. (MUNGOI, 2008) E embora o Brasil ainda apresente dados insatisfatórios no que tange a educação, principalmente o acesso de sua população ao ensino superior, o país se encontra em situação privilegiada em relação aos PALOP e outros países africanos. Além disso, um fator determinante se apresentou durante as conversas informais e as entrevistas com estes estudantes para sua vinda para o Brasil: a experiência de estudar fora é um diferencial buscado no ato de migrar para estudar. Por isso se torna necessário nesta pesquisa compreender de que forma se deram estas relações entre o Brasil e os países africanos - e como os acordos de cooperação mútua foram forjados, principalmente no campo educacional, ao ponto de na última década o Brasil ter se tornado o principal destino dos indivíduos – do PALOP - que migram em busca do ensino universitário.

Os fluxos culturais ao longo dos últimos anos tomaram uma proporção cuja percepção de seus efeitos se dá através das mais distintas relações e instituições sociais. Num mundo globalizado e multicultural a dinâmica social se organiza de forma plural, levando a crer numa influência mútua das culturas e das sociedades e um possível enriquecimento das mesmas, que tem como uma de suas possíveis consequências a assimilação das diferenças e maior reflexão que visa a diminuição das desigualdades sociais e econômicas.

Dentre as culturas em fluxo existentes é notória a hegemonia cultural do ocidente europeu, que desde o período colonial propaga seus valores e normas aos povos colonizados. O modelo educacional do ocidente foi um dos elementos mais fortes de coerção impostos a esses povos. Colocou-se como valor absoluto, interferindo fortemente nas relações de poder estabelecidas. Apesar de ter sofrido diversas transformações até o momento atual, tal modelo educacional pode ser considerado um dos precursores da dinâmica cultural global, que posteriormente com a expansão do modo de produção capitalista e todo o desenvolvimento econômico, científico, tecnológico e urbano que ele abarca, se espalhou por diversos países,

sendo considerado hoje um parâmetro para o diálogo entre as culturas; e para a construção do que chamamos de “sociedades modernas”.

Os fluxos culturais, nestes termos, operam de modo a valorizar um sistema educacional orientado por valores ocidentais e apresentar algumas estratégias possíveis, elaboradas no plano individual e social para a transposição de fronteiras – objetivas e subjetivas – que são postas aos sujeitos atores do processo. Com os fluxos transnacionais e a característica multicultural das sociedades complexas, há de se rever o papel das diferenças culturais na configuração das identidades e a forma pela qual a educação – meio institucional explícito da reprodução cultural – é entendida como possibilidade de emancipação individual. Também cabe refletir acerca das iniciativas de cunho governamental empreendida pelos países africanos em parceria com o governo brasileiro, que se coloca também como possibilidade de emancipação social e nacional.

Em sociedades onde há contextos interacionais extremamente diversificados, em que pessoas de mundos sociais distintos estão em contato, indivíduos de distintas classes, níveis educacionais, etc. interagem entre si. Sendo assim, de acordo com o universo social de cada indivíduo, e de acordo com as regras de interação de cada um desses universos, alguns indivíduos terão maior chance de sucesso em suas atuações que outros. A busca pela escolarização se apresenta como um dos fatores mais marcantes, pois o ideal de “educado”, no sentido formal do termo, se propagou como a alternativa mais legítima para tal feito. Goffman (1959) explica:

A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Ligado a este princípio há um segundo, ou seja, de que um indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve de fato ser o que pretende que é. (GOFFMAN, 1959, p.21)

Para a realização de uma atuação adequada, a “fachada pessoal” – relativo a outros itens do equipamento expressivo do ator: sujeitos envolvidos em processos de interação; elementos distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade, características raciais, aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, entre outros. – também irão atuar no sentido da definição do papel, ou melhor, do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade.

Além da família e do contexto social e econômico, as instituições educacionais também vão preparar o indivíduo para a execução destes papéis e para a elaboração da fachada pessoal. A especialização profissional, por exemplo, implica em treinamento não só técnico e/ou científico, mas de uma conduta adequada para o exercício das respectivas profissões. Hoje em dia frequentemente vemos na mídia e em outros canais de comunicação como o “ethos da competência” se configura como a personificação do tipo ideal de profissional. Tal postura deve ser apresentada nas entrevistas de emprego e também no exercício da função.

Segundo Goffman, à literatura sobre mobilidade social traz a tona muitas questões importantes acerca da “representação de desempenhos idealizados”. Em muitas sociedades - ou em sua grande maioria - há um sistema principal de estratificação social e uma conseqüente idealização dos estratos superiores. Com isso, indivíduos que ocupam posições inferiores na hierarquia aspiram ascender a posições mais elevadas, possuem o “desejo de uma posição junto ao centro sagrado dos valores comuns da sociedade”(Ibid., p.23). Ascender socialmente implica na representação de desempenhos adequados, realizados através de esforços para subir e evitar descer; que se exprime em termos de sacrifícios feitos para a adequação e manutenção da fachada. Assim, “uma vez obtido o equipamento conveniente de sinais e adquirida afamiliaridade na sua manipulação, este equipamento pode ser usado para embelezar e iluminar com estilo social favorável as representações diárias dos indivíduos.”(Ibid., p.41)

A migração estudantil está atrelada à necessidade desses indivíduos terem acesso ao sistema de ensino que, apesar de padronizado como um valor, possui disparidades regionais e internacionais que afirmam e reafirmam desigualdades políticas e econômicas nestes cenários.

Um exemplo bastante significativo para o presente trabalho é que atualmente, dentre as ações que visam atenuar as desigualdades historicamente forjadas entre brancos e negros na sociedade brasileira, a política de cotas raciais e sociais⁶³ em

⁶³ As cotas raciais e/ou sociais são ações afirmativas governamentais que visam diminuir as desigualdades sociais, econômicas e educacionais assegurando vagas em Universidades e Instituições de Ensino para determinados grupos sociais. A medida foi utilizada pela primeira vez nos EUA na década de 60, quando o ativismo negro tentava reverter o caráter discriminatório e segregado da sociedade americana. No Brasil, começou a ganhar visibilidade no ano 2000, mas só foi implementada de fato, pela primeira vez, na Universidade de Brasília - UnB, em 2004. Desde

universidades públicas é a que ganhou maior visibilidade e que também vem suscitando muitas polêmicas. Tal perspectiva denota a importância atribuída à educação, e principalmente ao ensino superior para a assimilação das desigualdades sociais, que no contexto da presente pesquisa implica também em desigualdades raciais e entre nações.

Quais seriam as “consequências involuntárias” do igualitarismo – nascente da ideologia moderna - da qual a racionalização e o desenvolvimento tecnológico e científico fazem parte? Quando falamos de globalização devemos evocar a hierarquia empreendida neste contexto, e como nos fala Dumont(2000) “a hierarquia propriamente dita[entre nós] é um tabu, mas podemos considerar que as desigualdades sociais são resíduos hierárquicos; expressão que evoca a natureza inanimada e que traduz, portanto, nossa incompreensão do fenômeno: falamos de estratificação social” (Ibid., p. 24).

Entender a migração estudantil passa também pela compreensão da relação imbricada no contexto da globalização em relação ao acesso desigual ao conhecimento científico, e todas as consequências que acarretam para o bem-estar humano.⁶⁴ David, o estudante caboverdiano de economia, afirmou que um dos principais motivos que o levaram a estudar – apesar das dificuldades reveladas durante a entrevista– foi a percepção de que o mundo está constantemente “evoluindo”, e viu então a necessidade de acompanhá-lo: *com o tempo, se você não buscar mais ou menos o seu ponto de equilíbrio [social e econômico]... agora tudo bem! Mas na frente, quando você está velho você não vai conseguir algo pra chegar ao seu equilíbrio, tem que ser agora que ainda está jovem.*

então as cotas foram motivos de polêmicas e debates públicos e políticos. Atualmente, a maioria das Universidades Federais utilizam as cotas para critério de seleção dos seus alunos. Em 11 de outubro de 2012, a presidente Dilma Rousseff assinou o decreto que regulamenta a lei de cotas, nº12.7111/2012. Fonte: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/10/15/publicado-decreto-que-regulamenta-a-lei-de-cotas>. Acesso em: 02/04/2013

⁶⁴ Kofi Annan, Secretário Geral da ONU, em seu discurso a favor de uma maior equalização do conhecimento técnico científico aponta que:“(...) cerca de 95% da nova ciência é criada nos países que abrigam somente um quinto da população mundial. Grande parte dessa ciência – no âmbito da saúde, por exemplo – negligencia os problemas que afligem a maioria da população mundial. A distribuição desigual da atividade científica gera sérios problemas não só para a comunidade científica dos países em desenvolvimento, mas para o próprio desenvolvimento. Ela acelera a disparidade entre países avançados e em desenvolvimento, criando dificuldades sociais e econômicas no plano nacional e internacional”(ANNAN, 2003, apud TILLY, 2005, p. 47).

E como afirma o sociólogo Alan Tourraine:

[...]estamos hoje no limiar de novas formas de atividades técnicas, constituindo uma sociedade hiperindustrial; de tal sorte que somos novamente levados a considerar a nossa vida social como sendo ao mesmo tempo comandada pela sua capacidade criadora e pela situação dos nossos Estados nacionais no conjunto do mundo(TOURAINE,1994, p.68).

Para Charles Tilly(2005), o acesso ao conhecimento científico envolve três aspectos distintos: as temáticas da ação, da identidade e da liberdade. Primeiramente, na sua produção e distribuição, o conhecimento científico irá depender de agentes informados, que inevitavelmente reservam para si e para seus financiadores as vantagens acerca de possuí-lo. Além disso, o controle sobre tal conhecimento organiza-se em torno de “fronteiras definidoras de identidade”, colocando em lados opostos os que possuem direito a esses conhecimento e os que carecem de tais direitos. E finalmente, que a superação de tais barreiras irá exigir um esforço – uma ação heroica nas palavras de Tilly – de advogados e autoridades políticas em prol da liberdade de circulação dos conhecimentos e descobertas científicas: “se considerarmos o acesso ao conhecimento científico uma forma de liberdade, então a reserva desse conhecimento limita a liberdade no mundo” (Ibid., p. 48).

O conceito de “desigualdade categórica”, isto é, “aquelas formas de benefício desigual em que conjuntos inteiros de pessoas, de um lado e de outro da fronteira não recebem o mesmo tipo de tratamento”(Ibid., p. 48) é bastante significativo ao avaliarmos as diferenças e desigualdades historicamente forjadas no plano social, político e econômico no cenário nacional e internacional. São desigualdades categóricas, por exemplo, as diferenças entre homens e mulheres e também entre brancos e negros. Valendo como reflexão pertinente também na relação entre países, como entre africanos e europeus. Tais categorias estabelecem fronteiras sociais, entre os que estão dentro e os que estão fora; fronteiras estas que identificam os limites impostos às relações sociais, cuja negociação implica em algum reconhecimento comum sobre sua existência e importância.

Considerada da perspectiva de um ou outro lado da fronteira, essa combinação proporciona respostas variadas a questões como “quem sou eu?”, “quem somos nós?”, “quem é você?” e “quem são eles?”. As identidades que nos interessam aqui envolvem sempre uma pluralidade, especialmente o “nós” e o “eles” (Ibid., p.49).

As fronteiras, as relações empreendidas através e no interior delas e suas interpretações compartilhadas constituem as identidades coletivas. Operam de forma a moldar a experiência individual, ao enfatizar, por exemplo, as diferenças entre os detentores de um diploma universitário e os que não o possuem. E estas categorias irão produzir desigualdades persistentes, na medida em que as transações através das fronteiras, “gerem, regularmente, vantagens aos que estão em um dos lados dela e a reproduzem.” E numa escala mais ampla, as múltiplas relações desse tipo irão originar vastas redes conectadas de desigualdade, elucidando que “a desigualdade categórica duradoura refere-se a diferenças nas vantagens organizadas por gênero, raça, nacionalidade, etnia, religião, comunidade e outros sistemas classificatórios similares” (Ibid., p.50).

Sendo assim, a desigualdade material que impera no cenário global surge do controle de recursos que produzem valores; e atualmente o controle sobre o conhecimento técnico-científico tornou-se uma das principais bases de desigualdade em todo o mundo. “Pois a inovação científica gera possibilidades de controle e, portanto, de desigualdades sem precedentes.” E ainda:

O conhecimento confere vantagens políticas, financeiras e existências aos que detêm. As recompensas propiciadas pelo conhecimento científico permitem que seus detentores reproduzam as relações e as instituições que dão sustentação às vantagens de que desfrutam. Em áreas como saúde pública, alimentação, meio ambiente e combate letal, a aplicação do conhecimento decide quem sobrevive e quem pode viver confortavelmente (Ibid., p. 57).

No contexto atual, o papel do ensino superior e da universidade se difundiu como o motor da transformação social no cruzamento da afirmação identitária, não somente dos sujeitos, mas das sociedades. Desta forma, as políticas de cooperação no campo educacional entre Brasil e os países africanos membros do PALOP mostram a ideia de desenvolvimento via campo educacional, que se insere no universo das relações de poder estabelecidas nacional e internacionalmente, o que paradoxalmente, faz da educação um meio instrumental de manutenção e reprodução – e simultaneamente transformação - do status quo.

4- Fluxos culturais, identidade(s), redes sociais e comunidades no contextomigratório

A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis. Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais com base nele. Até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seu país e, em consonância com isso, da escolarização que recebe. (ELIAS, 1994, p.21)

Através de estudos que consideram o caráter relacional da cultura, cuja operação se dá através dos indivíduos, ou seja, o indivíduo como o portador por excelência das identidades culturais compartilhadas coletivamente, é possível vislumbrar como os intercâmbios – que ocorreram em todos os contextos sociais – são importantes para a (re)significação das identidades culturais, étnicas, sociais e nacionais.

Barth (1969) irá nos mostrar como as influências – através dos intercâmbios - culturais de outras comunidades étnicas irá, apesar da rigidez com a qual alguns grupos ou sociedades se agarram a seus costumes, operar transformações significativas que implicam no cruzamento de fronteiras étnicas de diversos indivíduos e grupos de indivíduos. Neste sentido, a questão da identidade e da etnicidade deve ser visto do ponto de vista relacional, ou seja, como um processo que resulta da relação entre membros e não membros, onde a definição de fronteiras emerge no contexto da interação entre diferentes grupos sociais através de mecanismos de atribuição e auto-atribuição (BARTH,1969; MUNGOI, 2006).

Nas sociedades contemporâneas onde há diversidade social e étnica, a educação formal é o caminho pelo qual grande parte dos indivíduos vão buscar estes domínios culturais partilhados; na educação básica, na profissionalização e também no ensino superior. Na migração estudantil dos africanos para o Brasil, muitas características étnicas e culturais se transformam, enquanto outras são reafirmadas. Sem entrar nos pormenores da complexidade desta relação específica, - das diferentes etnias africanas, que não é o objetivo deste trabalho - tento vislumbrar a dinâmica social entre diferentes culturas dentro do que é considerada uma mesma sociedade, trazendo em seu cerne a ideia de que identidade não pode ser considerada

uma categoria essencializada; os africanos e suas culturas se movimentam, se assimilam e reconstróem constantemente as características necessárias para a manutenção e transformação dessas identidades. Limites através dos quais se dão os contatos e as interações, que ao invés de impedir, canalizam a participação nas relações sociais. (BARTH,1969; HANNERZ,1997)

A partir das reflexões de Erving Goffman(1959) - cuja análise perpassa pela ideia de representações negociadas, sendo a metáfora do teatro o pano de fundo para a interpretação da vida social, vista como fruto de uma negociação da realidade – foi possível refletir acerca das experiências dos estudantes africanos no cenário urbano e universitário de Juiz de Fora. Através da participação nas festas e churrascos organizados por eles, busquei conhecer as interações presentes neste(s) grupo(s), procurando identificar através dos processos de comunicação como se opera o “modus vivendi interacional”. Mais especificamente, Goffman mostra-nos que as interações sociais estão imersas em uma espécie de jogos de significados entre expressões transmitidas e emitidas, entre ator e observador; havendo constante pressão social para que os indivíduos estejam conformados em seus papéis e obtenham sucesso nos processos interacionais no qual estão inseridos. As experiências em campo levaram-me a refletir acerca dessas representações e no questionamento de qual “África” pretende-se apresentar nos eventos. As análises dos discursos apresentados durante as conversas e entrevistas e na observação e participação nas festas, busco compreender os papéis sociais construídos e reconstruídos através das interações vivenciadas.

Ao analisar os deslocamentos populacionais e sua relação com o espaço urbano, Charles Tilly(1990) sugere que de certa forma, a migração deva ser compreendida através da noção de comunidade. Desse modo, o processo migratório deve ser definido por estruturas sociais próprias a cada grupo organizado localmente; comunidades que enviam e recebem migrantes teriam “redes e categorias diferenciadas”, cujo próprio processo de seleção e integração das pessoas envolvidas, dependeria dos tipos de constrangimentos estruturais e refletiriam no surgimento de “redes comunitárias”.

Tilly (1976) irá ainda afirmar que a cidade – e todas as instituições que ela abarca - não somente atraem pessoas de diversos lugares e de diferentes tradições, como também se apresenta como o reduto onde se reconstróem as diferenças. Além

de atrair pessoas que se diferem significativamente na língua, cultura, religião, em suas habilidades e experiência do mundo, a cidade e sua estrutura combinam e incentivam as pessoas de origens semelhantes a enfatizarem suas diferenças e reconstruí-las. Os grupos étnicos, culturais e religiosos contidos nas cidades são resultado da necessidade de apoio mútuo e identificação: rearranjo cultural que torna possível que essas pessoas cheguem e construam suas vidas nas cidades, forjando uma “auto-consciência criativa de sua origem comum”.

A importância do conceito de comunidade para os estudos antropológicos e sociológicos que tratam da migração e seus efeitos também foram destacados por PinaWerbner (2005). A autora afirma que apesar de não poder se reconhecer na realidade a imagem idealizada da comunidade como grupo coeso, homogêneo e fechado territorialmente, a “comunidade” ainda pode ser vista como uma configuração de grupos de indivíduos que se relacionam e se apoiam mutuamente. Seja como espaço de lealdades ou de generosidade, tal configuração propicia o sentimento de pertencimento comum. Importante é salientar que a percepção de uma unidade, e o delineamento de suas fronteiras, tornam-se cada vez mais provisórios, estabelecidos e restabelecidos continuamente, em constante processo de negociação. Neste sentido, a perspectiva multiculturalista mostra-se fecunda nas análises sobre migração, principalmente as que possuem como campo de conhecimento a antropologia. Nesta concepção resgata-se o conceito de comunidade, para explicar a coexistência de diferentes unidades culturais nas cidades e nos países, demonstrando que o intercâmbio cultural e a noção de cosmopolitismo das sociedades globais se chocam com valores e condutas de migrantes e nativos. Assim, o multiculturalismo como uma negociação contínua de culturas que habitam o mesmo espaço é o aspecto mais marcante das sociedades que recebem ou que fornecem migrantes. E como descreve Hannerz,

[...]na medida que a cultura se move por entre correntes mais específicas, como o fluxo migratório, o fluxo de mercadorias e o fluxo da mídia, ou combinações entre estes, introduz toda uma gama de modalidades perceptivas e comunicativas que provavelmente diferem muito na maneira de fixar seus próprios limites; ou seja, em suas distribuições descontínuas entre pessoas e pelas relações(2006, p. 12).

Outro conceito que contribui com as reflexões aqui propostas é a de redes sociais. Tal abordagem, muito presente nos estudos sobre o fenômeno migratório, se

faz pertinente também nas pesquisas sobre migração estudantil. Tal perspectiva procura destacar as conexões estabelecidas por migrantes entre regiões de origem e destino, pois que tanto o desenvolvimento quanto o recrudescimento dos fluxos subentendem relações de troca, sejam de pessoas, recursos materiais ou informações (FAZITO, 2002). Tais análises buscam formular modelos que possibilitem a representação do fenômeno migratório em diferentes dimensões, de forma a explicar de que maneira regiões específicas se conectam através de fluxos de diferentes tipos. Vale ressaltar que esta perspectiva traz como valiosa contribuição a compreensão do fenômeno migratório sob a ótica do agenciamento dos sujeitos, enfatizando os migrantes como atores sociais atuantes neste processo. Na migração estudantil dos sujeitos africanos, por exemplo, redes institucionais e informais operam no sentido de facilitar a vinda e a inserção no contexto universitário brasileiro. Através das redes sociais fica evidente que compreender a migração implica considerar o movimento de indivíduos, famílias ou outros tipos de unidades sociais; assim como a distância geográfica, o tempo gasto no percurso, a distância cultural entre o migrante e a sociedade de destino.

Nas análises sobre as redes sociais e os deslocamentos populacionais, deve-se considerar a importância das histórias de vida do migrante para uma adequada compreensão da intensidade das relações sociais que motivam e auxiliam os indivíduos a se deslocarem. E principalmente o fato de que os movimentos migratórios estão implicados em uma gama de expectativas e projetos pessoais que extrapolam o entendimento da migração como simples troca de domicílios legais ou de cruzamento de fronteiras administrativas. Sendo assim “o migrante não se faz sozinho”, pois embora seja capaz de racionalizar dificuldades e benefícios da escolha de migrar, ele não o faz sem interferências das estruturas sociais nas quais se encontra ligado (TILLY, 1990).

As vivências experimentadas na migração organizam uma concepção de mundo que se constrói de modo a orientar suas práticas em termos de potencialidades, circunstâncias e limites, organizam também as expectativas relativas aos projetos futuros em termos de si mesmos e das realidades de onde um dia migraram com a intenção de voltar, mas voltar é sempre uma incógnita: um dia... (GUSMÃO, 2008, p.297)

Na análise sobre os estudantes africanos em Juiz de Fora, foi possível identificar a existência de comunidades forjadas por eles no contexto migratório – como a organização de festas denominadas “Conexão África”, entre outras – o que estimula uma análise que perpassa pela ideia de ressignificação das identidades em contexto migratório, já que são indivíduos de países diferentes organizando um evento no qual busca-se uma unidade africana. Pois a migração – estudantil - representa mais do que um transplante cultural, implica em atos de criatividade cultural e material, criação de novos espaços sociais e discursos simbólicos necessários para sua organização.

O processo migratório não é homogêneo e não depende exclusivamente de decisões individuais; é elaborado a partir de grupos de pessoas conectadas entre si, por “laços íntimos e um destino comum”, sendo imprescindível, ainda, para que ocorra, a existência de condições e estruturas sociais adequadas. Portanto, torna-se necessário pensar na interação dos atores distribuídos em suas respectivas estruturas sociais para uma análise adequada do conceito de redes sociais no processo migratório. Em outras palavras, tal perspectiva pretende afirmar que redes sociais não são apenas mecanismos que possibilitam o processo migratório, são também estruturas coletivas e passíveis de mudança e reorganização. (TILLY, 1990)

As reflexões sobre as redes sociais mostram-se compatíveis às leituras sobre migração estudantil de africanos para o Brasil, e também de acordo com os casos relatados por esses indivíduos em campo. Mostram por exemplo, que a família e a rede de amigos que já se encontram no Brasil são determinantes para a decisão de migrar e também na escolha da cidade e instituição de ensino para cursar o ensino superior. Os relatos também apontam para as limitações institucionais no cumprimento das demandas acordadas entre o governo brasileiro e seus países de origem, como dificuldades em se comunicar com a embaixada de seus países, a falta de apoio para conseguir moradia, entre outros. Sendo assim, as redes sociais se tornam o principal mecanismo para a chegada e permanência dos estudantes africanos no Brasil.

5 – Campo: estratégias e desafios

As minhas primeiras tentativas de inserção a campo foram iniciadas no segundo semestre de 2012. Antes deste período, a ideia do campo ainda era muito fugidia, pois eu não percebia como abordar os sujeitos, mesmo porque não havia um local definido onde eu pudesse encontrá-los.

A princípio, acreditava que o trabalho de campo não traria muitas dificuldades, pois meu objeto era suficientemente distante – pois se trata de estrangeiros – e ao mesmo tempo estava ao meu alcance sem a necessidade de grande deslocamento espacial, pois os sujeitos se encontram em Juiz de Fora, a cidade em que moro.

Com o desafio de me inserir entre meus interlocutores, a literatura antropológica sobre metodologia e trabalho de campo me ajudou a refletir acerca das dificuldades subjetivas e pessoais do fazer etnográfico (PEIRANO, 1991; MAGNANI, 2002; VELHO, 1977; WHYTE, 2005) a fim de criar uma relação com os sujeitos estudados. Além disso, o fato do meu campo não ser circunscrito em determinado local também me levou a refletir sobre os dilemas da etnografia contemporânea para a compreensão da modernidade. A perspectiva da análise não se restringe às experiências vivenciadas a nível local, o entendimento agora passa por um ponto de vista mais global. Esse deslocamento traz a tona que a reflexão antropológica lida agora com identidades coletivas e individuais que estão em constante negociação em lugares onde se realiza o trabalho de campo. E ainda, que lidamos com a necessidade de se apreender simultaneamente o global e o local, numa antropologia que deva trabalhar com a ideia de fluxo, e desenvolver uma habilidade que capacite “ver tudo em toda parte” como condição para captar a diversidade. (MARCUS, 1991)

No intuito de dar conta da complexidade de empreender uma análise antropológica neste contexto e de criar um canal com os estudantes africanos, desenvolvi algumas estratégias. A primeira consistiu em utilizar uma rede social digital - o Facebook - como ferramenta para análise. Esta rede social se tornou uma estratégia de aproximação com os sujeitos estudados e também para um mapeamento dos encontros e festas organizados por eles. Através do Facebook estabeleci os primeiros contatos com alguns africanos e brasileiros inseridos em suas redes –

contatos, que na medida em que o trabalho de campo avançou, foram ampliados significativamente. Também pude conversar, num primeiro momento, sobre suas experiências no processo migratório através do “bate papo”; visualizar suas fotos, suas redes de amigos no Brasil e em seus países de origem; seus *posts*, onde expressam sentimentos e ideias acerca do que acontece no mundo. E também me tornei “conhecida” e passei a ser convidada para as festas que organizavam. Através dos *posts* compartilhados nos perfis de africanos e alguns negros brasileiros me deparei com a constância de um discurso de valorização do negro no mundo. Páginas como “Negro é lindo”, “Comunidade Afro” operam de modo a alimentar o Facebook destas “mensagens”. Os conteúdos compartilhados são diversos: fotos e reportagens de africanos em contextos tribais, textos que retratam a cultura oral de diversas etnias; políticos, músicos, modelos, artistas negros. Mas uma constância me chamou atenção: os *posts* sobre Barack Obama – Presidente dos EUA - e sua família, além de outras celebridades americanas.

A partir desta primeira aproximação com o universo dos “africanos” comecei a frequentar as festas, lócus privilegiado no meu trabalho de campo. As festas aconteceram com certa frequência entre agosto de 2012 e julho de 2013 – mais ou menos de dois em dois meses– o que permitiu conhecer diversas pessoas e até me tornar mais próxima de algumas delas. Pude ouvir, num ambiente mais descontraído, acerca das suas experiências no Brasil, em seus países de origem, sobre o processo de deslocamento e também sobre suas visões de mundo. Deste modo a experiência do campo foi satisfatória no que concerne às expectativas suscitadas pelas leituras e também na ampliação do estudo, onde a conversa e o compartilhamento de suas experiências fomentaram novos pontos investigativos e a elaboração de novas perspectivas de análise.

Uma segunda estratégia para aprofundar o contato no campo consistiu em buscar conhecimentos acerca da história política dos países dos estudantes com quem tenho me relacionado. Mais do que uma questão acadêmica, saber sobre os acontecimentos políticos e sociais destes países era uma forma de dialogar sobre a visão de mundo desses sujeitos. Os problemas político-econômicos; a visão deturpada que eles julgam ter o brasileiro sobre a realidade de seus países; o dilema de estar longe de sua terra natal; as expectativas que pesam sobre eles – obter a formação superior de modo a atuar no desenvolvimento de seus países –

foram questões abordadas com frequência em nossas conversas, principalmente depois da minha posição de pesquisadora ter ficado clara. Eles sentem que falam para alguém – um brasileiro - que realmente quer ouvi-los e aprender com eles.

Aline, você é diferente. Você quer ouvir *sobre onde viemos*, você quer saber a cultura da Guiné. Você deve saber que não é fácil estar aqui e ser africano, porque você nos ouve e porque você estuda. Alguns dizem que não falamos direito o português, outros que somos africanos ricos vindo aqui. Os brasileiros falam de nós, em nossas costas, mas não falam com a gente. Eles não querem saber quem somos, querem dizer o que acham que somos. Brasileiro é meio estranho, ainda mais em Juiz de Fora. Se você estiver perto de um buraco, eles dizem: “vai lá, pode ir”. Brasileiro é muito sacana Aline.”(Antonio, guineense, 28 anos)

Na terceira e última fase da pesquisa no mestrado foram realizadas entrevistas através da seleção de alguns indivíduos. O objetivo foi construir uma “amostra” que abarque a representatividade das nacionalidades dos sujeitos inseridos no contexto estudantil juizforano. Também foi considerado o nível de proximidade conquistado entre mim e estes estudantes, acreditando que assim a “naturalidade” dos relatos fosse mais facilmente apreendida.

A princípio, o campo se restringia aos estudantes africanos em Juiz de Fora, mas em algumas festas organizadas por eles tive contato com africanos que estudam em outras cidades, como Viçosa, Campinas, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Desta forma, as experiências relatadas por esses indivíduos que extrapolam o “meu campo” também contribuem para a pesquisa, pois permitem, mesmo que parcialmente, vislumbrar uma possível rede estabelecida no território brasileiro.

Em suma, a metodologia empregada foi: analisar as narrativas dos migrantes - que envolveu o entendimento de suas práticas discursivas e a análise dos encontros culturais por eles narrados -, o mapeamento das trajetórias - a decisão e o processo de deslocamento, a integração ao novo contexto e as expectativas de formação e da relevância dos estudos em suas vidas; ou seja, compreender como pessoas compartilham com suas redes familiares e afetivas seus projetos e aspirações que darão forma e conteúdo às migrações estudantis. Para tal, fez-se necessário compreender as experiências destas trajetórias, as mudanças ocorridas, a resignificação dessas identidades em processo de deslocamento e em contato com outras formas de ver o mundo, assim como o (possível) retorno aos seus locais de origem.

5.1- Subjetividade erótica no trabalho de campo: quais os limites das relações durante a pesquisa?

Na primeira experiência em campo me deparei com dois dilemas na realização desta investigação que se configuram como tabu ainda hoje nas pesquisas antropológicas: devemos nos relacionar com os nossos interlocutores de modo a criarempatia e alteridade, mas quais são os limites para estas relações e como realizar uma pesquisa em um universo social do qual fazemos parte? Na festa conheci alguns estudantes – todos homens - que eram os organizadores e colaboradores do evento. Este primeiro contato permitiu que se começasse a entender os limites e as possibilidades que se colocavam para minha aproximação com estes sujeitos: eu, branca, universitária, de faixa etária correlata à deles e apresentando-menas festas “sozinha”, ou seja, solteira. Não pretendo aqui ir tão longe, a ponto de investigar e refletir acerca do adestramento intelectual que nós mesmos vivemos, mas discutir, de forma mais ampla, sobre a produção na antropologia contemporânea, a partir da produção do meio acadêmico como lócus de reflexão etnográfica e sobre a subjetividade erótica que pode permear essas relações.

Inicialmente a antropologia, nascente de centros intelectuais das potências europeias e seus objetivos imperialistas, se dispôs pensar a organização social, instituições e artefatos culturais em sociedades longínquas, com diferenças e fronteiras bem demarcadas entre o mundo do pesquisador e do pesquisado. Mas desde os meados do século XX que a antropologia tem se dedicado a pensar a partir de seus próprios contextos, lugares “metropolitanos”, haja vista a interligação, cada vez mais intensa, entre diferentes sociedades e culturas.

Entretanto, por mais que haja disposição por investigar “nativos próximos”, eles ainda se mantêm para fora dos muros da universidade, não compartilhando, por completo, das categorias e gramáticas pertencentes ao mundo acadêmico. O que pretendo colocar em relevo aqui é a necessidade de investigarmos este mundo do qual fazemos parte e nos localizamos dentro de uma estrutura social maior. Nestes termos, o desafio de se pensar sobre as condições de produção etnográfica se torna ainda mais urgente e delicada.

A questão que parece pertinente é a da possibilidade de uma produção antropológica nativa, nos quadros de uma academia. Apenas esse discurso nativo pode não ser reduzido a mera “informação”, constituindo-se ao mesmo tempo em suporte e produtor de

comparação e da crítica, e fugindo à reprodução de conceitos e categorias produzidos sob outras circunstâncias e condicionamentos que não os da instituição acadêmica nativa, se é que assim se pode denomina-la (LIMA, 1997, p. 17).

As diversas transformações ocorridas nas sociedades contemporâneas colocaram, e ainda colocam, grandes desafios para as análises antropológicas. Longe do hermetismo funcionalista, as sociedades cada vez mais se cruzam e os elementos simbólicos e significados culturais cada vez mais se inter-relacionam e são ressignificados. Assim, a antropologia, longe de sua “missão” inicial em desbravar sociedades longínquas, “ameaçadas de extinção”, sente a necessidade e a importância de explicar, de forma explícita, a nós mesmos, a partir de nossas próprias práticas (AZEVEDO & LAIER, 2013).

Nestes termos, é preciso um esforço teórico e metodológico de atualizar a teoria antropológica para essa nova realidade. É preciso que abandonemos aquela noção de unidades culturais, herméticas e autoexplicativas, com as quais a antropologia iniciou suas reflexões. Entretanto, não podemos cair no erro de apostar todas as fichas na noção contrária, de que tudo são fluxos. Hannerz (1997) tem razão ao afirmar a urgência de pensarmos novos conceitos para esta nova realidade social, tais como os de fluxo, mobilidade, recombinação e emergência. Entretanto, não podemos negar a existência de clivagens, fronteiras e encerramento. Como afirma Sarró & Lima (2006, p.25), “é certo que o mundo ‘moderno’ se abre a novos fluxos, mas também é verdade que se fecha a outros - basta ver o processo de construção de identidade na Europa - e que ambas as coisas ocorrem em simultâneo. Encerramento e fluxo são consentâneos e sempre o foram.”

Para estes autores a “boa antropologia” é aquela que consegue visualizar este fluxo e este encerramento que define qualquer realidade social, não criando uma comunidade hermeticamente imaginada, mas também não abandonando qualquer clivagem ou demarcação espacial. Assim, não se define a antropologia pela distância de seu campo, mas pelo encontro de diferenças culturais que se dão em diferentes espaços. Em um mundo pós-colonial - apesar de toda a crítica existente em torno deste tema, pois não há mais claramente definido, como outrora, metrópole *versus* colônia - , é na cidade, na metrópole, que se encontram muitos modos de vida, sendo que no ambiente urbano, tal como no campo longínquo de outrora, há hierarquia,

espaços diferenciados, definidos de forma complexa. As fronteiras se definem constantemente, e cabe ao pesquisador identifica-las e atravessa-las. (PINA CABRAL, 2006, p. 181).

Deste modo, temos uma nova configuração cultural e social que impede qualquer tentativa de aplicar, na radicalidade, o método proposto por Malinowski.⁶⁵ Já a época este autor recebeu uma série de críticas que pontuavam os limites de sua formulação, sendo que tais críticas se desdobraram por todo o século XX. Sahlins, por exemplo, pontuou que a cultura, em Malinowski, é entendida como uma “realização instrumental de necessidades biológicas, construída a partir da ação prática e do interesse, como se orientada por uma espécie de super-racionalidade” (SAHLINS, 2003, p.78). Tal concepção se posicionava no sentido contrário ao relativismo boasiano, pois o sentido dominante do projeto de Malinowski era reduzir todos os costumes “exóticos” e “longínquos” a valores práticos- biológicos.

Já Geertz apontou que Malinowski desenvolveu a técnica do “estar lá” de forma radical, em que a distância afetiva entre observador e observado era apagada, sendo impossível uma compreensão antropológica que não usasse esse formato. Para ele, porém, Malinowski conseguia neutralizar, com tranquilidade, essa tensão entre o observado e o relatado, sobretudo por sua maneira retórica. Entretanto, para os antropólogos que os sucederam, influenciados por seus ideais- não analíticos, mas de trabalho de campo - , o que ficou não foi o dilema do método de pesquisa, mas um dilema literário. Para Geertz, o desafio deixado por Malinowski não é fazer uma “observação participante”, mas uma “descrição participante”(GEERTZ,2005, p.112).

⁶⁵Malinowski inaugurou um novo tempo para a antropologia social, em que fazia do trabalho de campo método crucial para o entendimento da alteridade e para a explicação do funcionamento de diferentes sociedades. Para este antropólogo, só era possível compreender diferenças culturais quando se aprofundava na cultura estudada, através da observação participante, para que a partir disso se perceba em que termos aquela sociedade opera. Deve-se, portanto, “perscrutar a cultura nativa na totalidade de seus aspectos. A lei, a ordem e a coerência que prevalecem em cada um desses aspectos são as mesmas que os unem e fazem deles um todo coerente.” (MALINOWSKI, 1978, p.24). Malinowski fez história na disciplina, pois conseguiu interligar, de forma direta, o empirismo radical com o holismo cultural (GELLNER, 2001).

Como se observa, o ideal malinowskiano, de enxergar o mundo através da mentalidade nativa há muito já não é utilizado. Tal missão foi desencorajada já nos anos 50, com a virada linguística protagonizada, sobretudo, pelas “Investigações Filosóficas”, de Ludwig Wittgenstein (1999), com o entendimento da linguagem como uma forma de vida e de pensamento, sendo impossível compreender, na totalidade, mundos com linguagens diferentes da do pesquisador.

O desafio colocado nesta investigação, entretanto, é que me dispus a estudar meu ambiente “nativo”, ou seja, os interlocutores são estudantes universitários, compartilham toda uma rede de significados das quais compartilho, sabem o que é uma dissertação ou mesmo conhecem alguns dos meus colegas de turma. É possível pensar antropológicamente mundos dos quais estamos totalmente imersos? Como coletar os imponderáveis da vida cotidiana e o “corpus inscriptionum” - narrativas e histórias locais. (MALINOWSKI, 1978, p.33), sendo que eu mesma também os produzo? Até que ponto conseguimos nos afastar da mentalidade nativa, que Malinowski tanto desejava possuir, mas que seus sucessores tanto criticaram.

Diante de tal diferença, busco refletir acerca do meu contexto de trabalho de campo, que ultrapassa o ato intencional do pesquisador – de ir a campo – que é o de conviver com os interlocutores nas cantinas e corredores da própria universidade. Outra questão se refere à forma de socialização pelas redes sociais, que hoje pauta, em grande medida, as relações para fora dela. E principalmente apresentar os desafios de se estudar estes estudantes em ambientes propícios para a paquera entre universitários – como as Festas Africanas – ou mesmo como lidar com este clima de paquera, comum entre nós, na universidade ou em conversas e entrevistas. A realização do trabalho de campo dentro do contexto universitário se faz de forma a não demarcar nitidamente os limites espaciais e temporais da pesquisa. Você pode estar num ônibus e de repente se deparar com os colaboradores de sua pesquisa e qualquer conversa neste contexto pode parecer – ou ser - “estar em campo”. Tais circunstâncias geram angústias e embaraços típicos do fazer antropológico e ao mesmo tempo suscitam a necessidade de elaboração de novas estratégias para que entendamos quais são os limites dados às relações de pesquisadores e pesquisados.

No caso dos estudantes africanos, uma suposta comunidade é forjada no contexto migratório, através das redes sociais que operam de modo a viabilizar a escolha da cidade – até mesmo do país -, a instituição de ensino e os arranjos

necessários para fixar moradia no Brasil. Essa noção de comunidade é trabalhada não como categoria essencializada por fronteiras bem definidas, mas pelos laços comuns e pela solidariedade estabelecida no contexto migratório. Para além desta categoria, a pesquisa é feita através da relação do pesquisador com indivíduos, sujeitos e atores no cenário universitário; possuindo cada um – pesquisador e colaboradores da pesquisa - formas distintas e similares de se relacionar e atuar no universo estudantil. Enquanto muitos são tímidos e distantes, sendo necessário um grande esforço para aproximação, não só inicial, mas também para manter as relações, outros já se mostram mais solícitos e extrovertidos, com os quais se torna possível aprofundar numa relação que pode ser considerada de “amizade”, pois se a intenção é de me inserir em suas redes, não haveria como participar de festas e conversas apenas como pesquisadora, ou seja, estabelecendo uma relação de poder assimétrica clara e objetiva que de certa forma implicaria em limites subjetivos para a própria pesquisa. Além do mais, o objetivo principal da pesquisa é compreender as trajetórias individuais – que acabam por se inserir num contexto mais amplo – seus dilemas, estratégias, e vivências diversas no contexto migratório. A proximidade com estes sujeitos permite que as conversas se tornem bem mais relevantes do que a participação e observação nos diversos contextos de convívio. Sendo assim, ao esbarrar com estes estudantes nos corredores da UFJF, no Restaurante Universitário e também nos bares que frequentamos em comum, há sempre os cumprimentos – abraço, beijos e brincadeiras – usuais nas relações dos sujeitos que compartilham o contexto universitário em geral. Desta forma, de que maneira se dá o estranhamento, o distanciamento necessário para o empreendimento etnográfico?

Durante as conversas na primeira festa que participei, o discurso para a motivação do evento “Conexão África” era o de criar um espaço de celebração entre os africanos oriundos de diversos países – Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique e Congo – e também dos brasileiros com eles. Também serviria para apresentar e celebrar a “cultura” de seus países, através das músicas e das danças, e em algumas festas também a comida típica.

As festas “africanas” foram analisadas considerando-as como estratégia de forjar rituais de solidariedade em contexto estrangeiro; possibilitando descortinar as redes sociais engendradas entre africanos de diferentes nacionalidades, assim como entre africanos e brasileiros. Busquei também durante minha participação entender

quais os aspectos culturais da África – e de seus respectivos países - eles pretendem evidenciar e reafirmar e quais eram os aspectos culturais brasileiros já incorporados por eles. Em suma, entender o intercâmbio cultural experimentado na experiência migratória destes estudantes através da experiência etnográfica: as estratégias e as dificuldades para a inserção no campo e a importância do referencial metodológico da literatura antropológica; as experiências nas festas; e as relações estabelecidas com os estudantes; os sentimentos suscitados nestas relações. E principalmente, de que forma a experiência etnográfica irá contribuir para a análise antropológica da migração dos estudantes africanos para o Brasil, notadamente em Juiz de Fora.

Em setembro de 2012 fui à primeira festa. O convite se deu através do Facebook quando realizei também as primeiras conversas com os estudantes. Passei a semana que antecedeu a festa perdida em possibilidades metodológicas: como abordá-los? Como me comportar nas festas? Devo ir sozinha ou acompanhada? Me apresento como pesquisadora ou apenas como uma estudante querendo se divertir? Pois bem, a partir de conversas com minha orientadora e colegas decidi que a princípio não me apresentaria como pesquisadora e que iria a festa como estudante - uma igual - e que a partir deste primeiro contato eu elaboraria novas estratégias se necessário.

A maioria dos participantes do evento eram africanos ou negros brasileiros - em todas as festas os brancos eram uma nítida minoria. Nesta primeira festa, fui acompanhada por duas amigas também universitárias e com o objetivo de me divertir, achando que esta seria uma estratégia mais “sincera” do ponto de vista da aproximação. Foi quando percebi que o se divertir implicava em estar na festa e fazer o que as pessoas costumam fazer: dançar, beber e paquerar.

Inicialmente o constrangimento foi muito grande. Eu já havia ido a outras festas nesse mesmo local, uma casa de dança que também funciona como salão de festas ocasionalmente, mas conhecer o local não o tornou mais familiar, eu estava bastante intimidada na minha inserção. Minhas companheiras, percebendo a minha inibição partiram para conversar com os rapazes. Começaram a fazer perguntas sobre quanto tempo estavam no Brasil; se gostavam do país; de que países eram; etc. Uma das minhas amigas, socióloga, chegou a perguntar a um dos estudantes se ele era rico, pois achava – e de fato é recorrente escutar isso de outros universitários na UFJF - que todos os africanos que tinham a possibilidade de estudar fora eram ricos.

Neste momento eu não estava perto, ela me contou um momento depois - ainda bem, pois isso aumentaria meu constrangimento e o sentimento que me tomava desde que chegara: o de estar invadindo a vida alheia pelos meus interesses acadêmicos.

Quando a festa ficou mais animada fomos para a pista de dança. Começamos a dançar, alguns africanos se aproximaram e dançaram conosco. Na falta de perspectiva de ser convidada por alguém, me atrevi e convidei um rapaz para dançar. Ele aceitou o convite, mas dançou pouquíssimo comigo. Ele e seus amigos ficaram super sem graça e olhando entre si. Minha ideia era de acelerar a aproximação e me divertir com eles. Mas isso criou um clima estranho, inclusive com as moças, cujamaioria namorava ou ficava com os rapazes. Depois de umas três músicas, Túlio – estudante de administração do Granbery, oriundo de Guiné Bissau -me convidou para dançar. Na nossa segunda dança ele- cheiroso e envolvente - me deu um beijo. A princípio recuei mais depois cedi, e nos beijamos duas vezes. Na hora não achei tão problemático, achei que estava fazendo o que devia fazer, participando da festa. E paquerar é parte da festa. Somente no outro dia pensei nas implicações éticas e metodológicas e conclui ter extrapolado na tentativa de conhecer e interagir com as pessoas.

Já no fim da festa, fiquei conversando com Túlio. Falei sobre meu interesse em estudar os imigrantes africanos que veem para o Brasil para cursar o ensino superior, ele gentilmente se dispôs a colaborar e me contar, em outra ocasião, sobre suas experiências no Brasil. No momento em que conversávamos uma moça – brasileira - se aproximou dele por diversas vezes e conversavam algo que eu não compreendia. Na penúltima vez ela sentou no colo dele, na minha frente. Foi um grande constrangimento e lamentei a possibilidade de ter causado ciúmes e problema entre eles. Depois Túlio me contou que eles tinham um “caso”. Ao “ficar” comigo Túlio teria aberto mão da história deles. Ele não se importou ou se importou muito pouco se isso a chatearia – o que me deixaria ainda mais chateada no dia seguinte. Eu perguntei a ele então porque tinha feito isso – me beijado – e porque não me avisou, ele disse que não havia compromisso entre eles e que não tinham “nada a ver não”.

Também perguntei a ele o que achava da minha atitude de chamar os rapazes para dançar, que eu havia percebido que minha atitude tinha causado desconforto no grupo, perguntei se pareceu que eu estava “dando mole” para os rapazes. Ele disse

que sim, que se eu chamasse alguém pra dançar era uma forma de mostrar interesse por eles, era assim que entendiam.

Nos despedimos no fim da festa. Posteriormente o adicionei no Facebook, juntamente com os outros rapazes que conheci na festa. Nas conversas que tivemos posteriormente ele deu a entender que tinha interesse em que nos víssemos o mais rápido possível. Com as minhas respostas semi-negativas os assuntos foram deixando de fluir. Atualmente ele está namorando e nos tornamos amigos, quando nos encontramos em alguma festa – apesar de atualmente não estar morando em Juiz de Fora – é sempre muito simpático e solícito em conversar e, conseqüentemente, contribuir com minha pesquisa.

Este contexto de paquera aconteceu na maioria das festas. Muitas conversas empreendidas com os rapazes terminavam em perguntas que eles faziam do tipo: *“você tem namorado? Como você é Linda, o que faz numa festa sozinha? Você já ficou com algum africano? Têm vontade de ficar com algum africano?”* Entre outras. Além disso, alguns rapazes eram muito bonitos e interessantes, com alguns eu conversava por muito tempo, dançava e bebíamos algumas cervejas juntos. Eles me contavam suas experiências no país de origem, viagens para outros países e também de viagens no Brasil. A maioria deles são políglotas e conhecem outras partes do mundo e do Brasil, país que eu própria não conheço tão bem quanto eles; eram portanto mais viajados e “descolados” do que eu. Desta forma também surgiu em mim interesses e afetos para além da amizade, tornando latente a questão: qual é o limite ético da relação entre antropólogos e os sujeitos colaboradores da pesquisa? Se a alteridade ocorre na relação qual a diferença de se relacionar como amiga, como “ficante”, ou namorada? Eis o tabu que criou diversas contradições e conflitos na realização da pesquisa.

Desde então, com a participação em outros eventos – festa e churrascos – foi-se ampliando o número de intercambistas na minha lista de amigos no Facebook, ao permitir a visualização dos *posts*, fotos e conversas de africanos que estão em outras cidades do Brasil para cursar o ensino superior - Campinas, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo –, permitiu realizar observações e conversas a distância, e o vislumbramento da rede social forjada por eles. Por outro lado, como usei minha conta pessoal, também me tornei alvo de observação. Ou seja, minhas atividades através desta rede social também ficaram abertas a esses estudantes, colocando

minha “intimidade” em xeque. Posições que assumo em assuntos polêmicos como política, movimentos sociais, racismo, machismo e etc. poderiam – e podem - ser visualizadas por eles.

Outra questão que se tornou problemática durante a pesquisa, foi o fato de que ao adicioná-los era implícito para eles que havia de minha parte um “interesse a mais”. Então, assim que se estabelecia uma amizade através do Facebook e as decorrentes conversas pelo chat foi preciso lidar com as investidas de alguns deles. É um contexto muito embaraçoso, pois se a possibilidade de uma relação “amorosa” era logo descartada havia o receio de que eles perdessem o interesse em conversar comigo, como aconteceu em alguns casos. A conversa pelo *chat* do Facebook transcrita abaixo aconteceu nos dias 7 e 21 de janeiro de 2013. O rapaz com quem conversei é um intercambista guineense que mora em Belo Horizonte. Nos conhecemos no “Reveillon Conexão África 2013”, evento realizado pelos intercambistas de Juiz de Fora – maioria guineense – que contou com a participação de outros africanos e principalmente, de guineenses que estudam em outras cidades brasileiras. Na festa, este rapaz me chamou diversas vezes pra dançar e conversamos um pouco. Ele sempre deixou claro seu interesse, mas como havia outras pessoas, inclusive outras brasileiras, foi possível contornar um pouco a situação. Mas após adicioná-lo no Facebook ele já foi direto ao assunto que o interessava na primeira conversa:

Luiz: oi /tudo bom com vc?

A : olá / tudo ótimo, e com vc?

Luiz : eu tou bem / vc sumiu nao ti vi mais ate q eu voltei /rsrs

A: pois é....

Luiz: quando e q vou ti ver de novo

A: não deu pra ir no churrasco, tava cansada

Luiz: eu tambem nao fui / fiquei em casa /nao ti vi saindo da festa

A: nossa, era de manhã

Luiz: mais nao ti vi

A: claro que viu, temos uma foto juntos com a galera

Luiz: depois dessa foto vc sumiu /eu lembro sim ate segurei na sua mao na foto /rsrs

A: to rindo disso aqui / rrsrs

Luiz: porq

A: a foto ta engraçada

Luiz: ta mesmo / vc nao vem pra bh?

A: eu? / não pretendo

Luiz: hum /entao como e q vou ti ver e quando

A: talvez numa próxima festa, eu sempre vou

Luiz: ta bem mais vcnaoaxa q isso e muito longe

A: rrsrrs / o pessoal faz festa sempre?

Luiz: e vc mi convida / si vc vai mi convidar

A: eu costumo ser convidada aqui pelo face, posso te incluir

Luiz: ta bem / vou ficar na sua espera

A: rs

Luiz: mais vc sabe q gostei de ti

A: mais Luiz, to com medo de que vc crie expectativas

Luiz: mais porq e q vc esta com medo

A: é provavel que eu não corresponda

Luiz: mais vcnao deve pensar nisso agora/ si vc nem tentou pra ver /eu tenho certeza q gosto de vc /e axo q vc precisava mi dar uma shance pra ver si e realmente verdade

A: mas vc nem me conhece /nós só dançamos umas músicas

Luiz: e isso q estou lhe falando /vc tem q mi dar oportunidade pra ti conhecer melhor

A: Luiz, agora vou nessa /tenho uma reunião daqui a pouco /té mais /um abraço!

Luiz: outro pra vc(*Chat do Facebook, 07/01/13*)

Luiz: oi

A: oi !como vai?

Luiz: bem e vc

A: vou ótima

Luiz: q bom

A: rrsr

Luiz: e as festas

A: então, to esperando/ vai ter uma em março

Luiz: aie de q

A: é uma festa angolana

Luiz: aie mi convida q eu vou

A: mais a festa não é minha/ é uma festa aberta

Luiz: rrsrrs

A: quando lançar aqui te mando a página / é só pagar

Luiz: aie / entao manda pra mim q vou

A: mando sim

Luiz: mais eu vou por sua causa ta

A: ah Luiz, eu tenho um rolo aqui...não faça isso /vamos ser amigos cara?

Luiz: q rolo e essa/ posso saber?

A: quase um namoro, mas vc gostaria de ser amigo de uma mineira de Juiz de Fora?

Luiz: com certeza q sim

A: aqui, boa noite /vou-me que amanhã o dia é cheio /grande abraço!!!

Luiz: ta bem ate mais /outro (chat do Facebook, 21/01/2013)

E depois desta conversa o Luiz e eu não voltamos mais a nos falar. Em parte pelo fato dele ter perdido o interesse e também por não me sentir disposta a ficar driblando a conversa. De certa forma, tais circunstâncias servem também para evidenciar quais dentre os intercambistas africanos podem ou querem de fato colaborar com a pesquisa e manter uma relação de amizade comigo.

As relações de gênero são extremamente importantes para entender a postura desses indivíduos diante de uma mulher – ou mulheres, pois em algumas ocasiões fui acompanhada de amigas - “sozinha(s)” nas festas, abordando-os e tentando conversar com eles. As africanas, por exemplo, se mostraram menos dispostas a uma aproximação. São mais reservadas que os rapazes e a maioria não se mostrou muito dispostas a conversar. Elas estavam nitidamente em menor número nos eventos dos quais participei, na maioria das vezes estavam acompanhadas, namorando outros africanos. Foi somente no Reveillon – quando me envolvi parcialmente na organização, oferecendo ajuda nas compras e na preparação das comidas – que consegui me aproximar de algumas delas. Mesmo assim, não houve muita conversa, elas falavam na maior parte do tempo em crioulo e me contive em descascar batatas e

cebolas em silêncio, mas pela primeira vez foi possível trocar sorrisos e cumprimentos com as africanas.

Outro ponto importante para evidenciar as diferenças em minha pretensa relação com africanas e africanos é que nas primeiras vezes que os adicionei em minha rede de amigos no Facebook, somente duas moças me aceitaram – de uns dez pedidos – enquanto que os homens aceitavam prontamente, e rapazes com os quais eu não tinha conversado pessoalmente me adicionavam. Isto mostra certa hostilidade por parte das africanas, ou um não entendimento do meu interesse por elas e por parte dos rapazes. Com o desenrolar da pesquisa fui tentando reverter um pouco este panorama, principalmente depois que conheci e me tornei colega de algumas brasileiras que fazem parte da rede de amigos destes estudantes.⁶⁶

Outro momento da pesquisa consistiu em realizar entrevistas com os intercambistas sobre a trajetória da migração estudantil. Realizei três entrevistas, todas com rapazes e duas terminaram com os estudantes demonstrando interesse em ficar comigo. Tal fato gerou um mal estar depois das entrevistas, com as investidas continuando através do chat do Facebook e por fim com o fato de que ao encontrar pessoalmente com esses rapazes havia um constrangimento mútuo. Este constrangimento “pós-entrevista” acontece, ao que tudo indica, devido a não ter uma contrapartida pelo fato de terem colaborado com a pesquisa. Desde então a minha relação com estes dois estudantes mudou, enquanto que com os outros, os não entrevistados, a relação amistosa continua a mesma. Isso em parte gera uma frustração, pois antes das entrevistas eu mantinha contato relativamente constante com eles, preocupada em estabelecer uma proximidade, para que a conversa pudesse fluir com mais naturalidade. Mesmo que tenha deixado claro minha posição de pesquisadora e os objetivos da entrevista, as expectativas deles eram outras, e como foram frustradas a relação mudou. Como entender previamente os interesses dos

⁶⁶ Este quadro já mudou bastante, principalmente depois da minha participação no I Encontro Internacional dos estudantes PEC-G e PEC-PG, realizado em novembro de 2013, na cidade de Recife. Quando me hospedei na casa do irmão de um amigo guineense conheci muitos africanos e africanas por lá. Como o contexto era outro – fui a um evento acadêmico organizado por eles – minha relação se deu de forma bem mais tranquila e desta vez não houve hostilidade por parte de ninguém. Fiz muitas amizades e me sentia vontade na minha posição de colega e pesquisadora, simultaneamente. Porém, este trabalho de campo extrapola as reflexões deste trabalho e será utilizado na pesquisa de doutorado.

sujeitos pesquisados? Como buscar o interesse deles em participar da entrevista sem que haja a necessidade de retribuir suas intenções? Para além destes desafios na inserção a campo e na realização das entrevistas, o momento posterior, de escrita e publicação dos dados, também se torna um desafio com a publicação dos diários de Malinowski, em 1967, e a polêmica que se seguiu, colocou-se em xeque a postura objetiva e neutra do pesquisador, conforme ele mesmo defendeu na Introdução de “Os Argonautas do Pacífico”(1978). Nestes termos, para além de buscarmos evidenciar nossas hipóteses e objetivos iniciais, torna-se necessário colocar em questão as dificuldades e incontingências surgidas, de forma inesperada, na observação participante. Conforme afirma Rojo (2004:52), ao relatar um envolvimento amoroso no trabalho de campo, “não se trata mais de decidir entre a permanência ou não de viver um relacionamento amoroso em campo, mas de explicitar, ou não, nas etnografias produzidas, relacionamentos efetivamente vividos em um contexto de pesquisa”. Assim, conforme afirmado por Geertz (2005), o desafio não é fazer a “observação participante”, mas a “descrição participante”, considerando que estamos imersos no mundo que estudamos e nosso trabalho consiste em descrever, a partir de determinado prisma, nossa própria realidade cultural (AZEVEDO & LAIER, 2013).

6 - As festas organizadas por africanos: “venham curtir o melhor da África com a gente”

Diante das questões expostas acima, as reflexões sobre o meu tema sofreram algumas mudanças. Minha condição de mulher e estudante mostrou-se complexa ao que tange minha aproximação com estes estudantes. Agora eu precisava buscar uma aproximação que fosse ao mesmo tempo distanciada. Havia decidido que não me envolveria mais, amorosamente, com nenhum deles, e que buscaria me aproximar das africanas, o que implicava em buscar novos tipos de abordagem. Não sabia como contornar a situação, pois imaginava ter deixado uma péssima impressão na primeira festa.

A segunda festa foi em outubro – um mês depois da primeira -, “Noite Angolana – “África Night”. Desta vez, como parte da estratégia chamei um amigo, antropólogo como eu, para me acompanhar. A experiência foi bastante diferente, mas como na primeira festa, de início ficamos extremamente deslocados. Estavam lá David e Antonio, com os quais eu havia conversado na “Conexão África”. Cheguei no intuito de ser o mais simpática possível, cumprimentei David e ele ficou assustado – e até desconfiado – pelo fato de ter lembrado o nome dele – ele não lembrava o meu. Falou, *não, meu nome é David não!* Pedi desculpas e ele rindo disse: *to brincando com você, me chamo David, mas como pode se lembrar disso?*

Durante a festa a pessoa com quem mais conversei – além do meu amigo – foi Antônio que posteriormente se tornou um grande amigo e um dos mais importantes interlocutores da pesquisa. Conversamos principalmente sobre questões políticas e sociais de Guiné Bissau e Brasil. Ele me falou sobre os sucessivos golpes militares no seu país, sobre a falta de liberdade de expressão, sobre a falta de acesso a educação entre outros. Foi ele quem primeiro me alertou para o fato de que as ex-colônias portuguesas em África só alcançaram sua independência de fato na década de 1970. Disse a ele que me assustava este fato e principalmente o fato de não termos conhecimento disso de forma mais acessível, somente os que pesquisam assuntos relacionados à África obtêm tal conhecimento.

Foi neste momento que percebi minha carência de conhecimento sobre o continente africano e principalmente sobre os países dos quais eram oriundos os estudantes que eu buscava compreender. Foi também nesta festa que comecei a

perceber que as festas africanas buscavam também um público de brasileiros – pelos pedidos de ajuda na divulgação, principalmente na fala recorrente da maioria deles *leve suas amigas*. Outro fato importante foi à seriedade com a qual fui tratada pelos rapazes que eu havia conhecido na festa anterior - como eu estava acompanhada de um amigo acharam que era meu namorado. Assim que cheguei Antônio – que havia ficado com uma das minhas amigas - perguntou: *cadê suas amigas?* Possivelmente, esperava o trio da festa anterior.

A festa estava relativamente vazia, chovia muito neste dia. David – quase sempre com um discurso poético e sensível - disse que achava estranho os brasileiros correrem da chuva, que em Cabo Verde quando chove todas saem para a rua para “sentir a chuva”, “namorar na chuva”, etc. Ele disse que neste dia tinha visto uma mulher lavando a calçada com uma mangueira, jogando muito água e que tinha ficado chocado da forma como “ os brasileiros jogavam água fora”: *Brasileiro não sabe o que é ter sede, não sabe que água é importante*. As palavras de David foram às primeiras que apresentavam o estranhamento ou o “choque” cultural na pesquisa. Falavam de como as mesmas coisas – no caso a água e a chuva - podem ter valores distintos de acordo com o contexto social.

Os gêneros musicais preferidos dos estudantes africanos que são geralmente tocados nas festas são: o Zouk⁶⁷, que é uma dança extremamente sensual, dançada a dois. O gumbé⁶⁸, semba⁶⁹ e kuduro⁷⁰, outros estilos nos quais se dança

⁶⁷Zouk é um estilo musical que surgiu nas Antilhas, um arquipélago ao leste da América Central. A palavra Zouk significa “festa”, presente em países que passaram pela colonização francesa. Mais informações em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/48656/historia-do-zouk/>; <http://www.soulzouk.com/pt/em-foco/440-zouk-historia-completa-do-zouk>

⁶⁸ O gumbé é um estilo de música urbana guineense/africana, melodia que acompanha os poemas dos djidiu nascida da fusão da música crioula *Badjo Di Sala* com a música nativa; surgiu no princípio da segunda grande guerra. (SKINNER, 1978: 199). Mais informações: <http://www.gumbe.com/category/historia-de-gumbe/>; <http://dcefevale.files.wordpress.com/2012/05/projeto-batucada-cultural-vera-lucia-flores-2.pdf>

⁶⁹Semba é uma das danças e gêneros musicais mais populares de Angola. Surgiu no país durante os anos 50 e 60, começando tradicionalmente com danças de salão urbanas. Segundo Castro (2011) o semba simboliza esse momento crucial na história de Angola, no final do período colonial, quando uma nova concepção de “angolanidade” surgiu engajado a nação. Etimologicamente, a palavra semba, dentre outros sentidos, significa “umbigada” em quimbundo, uma das línguas de Angola. O semba deu origem a vários outros estilos como o samba brasileiro, a kizomba, eo kuduro. (CASTRO, 2011; MENEZES, sem data). Mais informações em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308332993_ARQUIVO_OSAMBANO

também separado. Os homens são dançarinos mais performáticos e sensuais que as mulheres. Eles rebolam, passam a mão pelo corpo e as rodas que se formam costumam ser separadas entre mulheres e homens, onde as rodas dos homens são bem mais agitadas. Também acontecem rodas mistas, onde homens e mulheres dançam um por vez ou em duplas no meio dela. Além desses estilos africanos tocam músicas brasileiras como funk, sertanejo universitário, samba e pagode. Há momentos que toca *hip hop* americano e também de grupos africanos nas quais há canções em português e crioulo.

Na terceira festa fui novamente com minha amiga socióloga. Foi outra festa organizada por angolanos que desta vez chamava-se “Angola night”. Planejamos chegar mais tarde, a hora em que as festas começam a ficar mais cheias para diminuir nosso constrangimento de sermos as primeiras a chegar. Porém, na semana que antecedeu esta festa ocorreu um evento anual de cinema na cidade, o “Festival Primeiro Plano”, em sua quarta edição. E no mesmo local em que ocorreria a festa africana estava acontecendo à festa de encerramento deste Festival. A festa foi diferente de todas as outras, pois ocorreu a junção do público de ambas as festas-uma excedeu o horário de encerramento fazendo com que o público da festa africana entrasse na festa anterior, e o público da festa anterior por sua vez aproveitou a animação e ficou na festa africana. Neste dia encontrei diversos conhecidos, alguns estudantes de filosofia, artes e cinema, público incomum nas festas dos africanos. Como cheguei ao final da primeira festa muitos colegas disseram: “nossa, você chegou no fim”; “você perdeu a festa”, me obrigando a explicar que eu estava ali para África Night mesmo. Eles estranharam isso e eu explicava meu interesse como pesquisadora. Foi então que diversos estranhamentos ocorreram.

ATLANTICONEGRO1.pdf; <http://dancas-africanas.blogspot.com.br/2008/12/semba.html>; <http://www.maiskizomba.com/noticias/1711-historia-do-semba>

⁷⁰O Kuduro é um estilo de música e dança que surgiu em Angola na década de noventa e se espalhou por vários países. (MARCON, 2013) O nome kuduro advém de um dialeto, que tem origem no kimbundo, uma das línguas de Angola. Mais informações em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/29868/16489> ; <http://www.significados.com.br/kuduro/>

O primeiro aconteceu numa conversa com colegas estudantes de artes e cinema. Eles me perguntaram sobre a festa africana, o que eu achava e por que eles faziam aquelas festas. Disse o que já tinha ouvido dos africanos, que eles buscavam se divertir, festejar e “apresentar sua cultura aos brasileiros”. O que foi prontamente criticado por um colega: *mas olha essa música, você chama isso de cultura?* O gênero musical que tocava neste momento era zouk. O que meu colega fazia era trazer para o plano estético de gostos musicais o conceito de cultura, tornando-o restrito. Depois disse, *mas eles tocam músicas brasileiras, as piores. Isso é falta de cultura.* Criticando novamente o tipo de música que ele não considerava cultura. Perguntei a ele, mas o que é cultura para você? Ele disse que os africanos deveriam tocar músicas que realmente falam da cultura africana, que ele achava que conhecia mais a cultura africana que os africanos, que só faziam “curtir” o pior do que tinha na música brasileira. Não discuti tal questão com este rapaz, pois já estava claro o suficiente o quanto um estudante de classe média brasileiro, relativamente intelectualizado, poderia ser limitado ao buscar compreender o que seria cultura, e o que seria a cultura daqueles africanos. Havia a nostalgia de que se remetesse a um passado, a uma cultura estática, ou então a uma cultura politizada no sentido de ser objetivamente crítica na sua abordagem musical. Dançar e cantar como os africanos faziam não poderia ser a celebração de uma cultura. Era algo visto como “alienação”, mesma opinião que estes estudantes admitiram possuir dos indivíduos que ouvem sertanejo universitário, pagode ou funk. Este não é um caso isolado desta interpretação dos gostos musicais e estilos de vida dos africanos que vêm ao Brasil estudar, mas não é uma opinião generalizada. Nesta mesma festa encontrei colegas que estavam se divertindo, dançando e cantando com os africanos. Mas pude observar que muitos encaravam aquilo como um “exotismo compartilhado”. Algumas moças brancas – maioria estudantes de cinema e artes – dançavam, reboavam e iam até o meio da roda animada pelos outros participantes das festas, africanos e brasileiros que já pertencem a rede dos africanos e das festas. Mas sempre voltavam rindo umas com as outras, achando aquilo uma extravagância, uma postura que elas assumiam ali, apenas naquele contexto, na intenção de se divertir.

Nesta mesma festa um amigo homossexual, ator e estudante de arte da UFJF, estava muito animado em dançar os ritmos africanos. Como eu disse anteriormente, há momentos em que grupos de homens e mulheres formam rodas distintas para

dançar. Ele e outro amigo, também homossexual, entraram na roda das meninas para dançar e foram por duas ou três vezes advertidos pelo namorado de uma delas. Ele respondia ao namorado da garota: “eu sei, só quero dançar”, mas isso não convencia o rapaz e este amigo teve que sair da roda caso contrário poderia haver em confusão. Ele ainda me disse: *Aline, não tem gay na África não? Será que eles não entendem que eu sou uma “menina”?* E rimos.

De fato a questão da igualdade de gênero e a questão dos homossexuais em países como Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique e Congo – países da maioria dos interlocutores e estudantes africanos em Juiz de Fora não é debatida como já acontece no Brasil– em movimentos LGBT, entre outros. Pelas conversas que tive com vários estudantes a homossexualidade é considerada perversão, “safadeza” e algo que deve ser eliminado da sociedade. Durante uma a entrevista com um estudante congolês – já munida desta experiência que meu amigo homossexualme relatara – questionei sobre o tratamento dado aos homossexuais em seu país. Carlos disse que os homossexuais são realmente “excluídos” da sociedade. Há um local separado no qual eles podem ficar, mas na sociedade “mais ampla” ou eles não frequentam ou devem esconder o que são com o risco de serem presos, linchados ou mortos. Numa outra entrevista, um estudante de Guiné-Bissau e outro de Cabo verde também falaram que “essa safadeza era um absurdo, não pode de jeito nenhum”. E que homossexuais correm o risco de serem espancados ou mortos se descobertos. Um deles chegou a dizer: *lá não tem isso não, igual aqui no Brasil, descarado. Em Cabo Verde nunca vi uma “bicha”. Não dá pra aguentar essa safadeza não!* Tais questões mostram os limites para interação de brasileiros e africanos. Se por um lado alguns estudantes brasileiros discriminam a “cultura” e não gostam do estilo dos africanos, estes por sua vez também não tolerariam bem a presença de grupos como gays e lésbicas em suas festas.

Em novembro de 2012, ocorreu a festa “Conexão África – Noite de Máscaras”. Não pude comparecer por motivos de saúde. Uma colega –que já foi namorada de um dos africanos e conhece muitos deles – foi e disse ter conversado com Lucas e David que acharam estranho o fato de eu ter faltado; eles disseram a ela que contavam com minha presença. Tal fato me deixou entusiasmada e confiante para ir sozinha à festa seguinte, que aconteceria no início de dezembro do mesmo ano.

A II Festa Caboverdiana ocorreu no dia 7 de dezembro de 2012. Um dos seus propósitos é o de celebrar a Independência de Cabo Verde do jugo colonialista de Portugal. Os principais organizadores foram David, Ruan e Henrique, todos de Cabo Verde. O evento aconteceu numa casa de festa hoje desativada, chamada “Galeria Arte e Bar”, um lugar era muito bonito, decorado com boas cópias de obras de arte como Picasso e Leonardo Da Vinci. Na entrada havia montagens nas paredes com fotos de cantores e artistas famosos, a maioria de norte-americanos. Mas não havia nenhuma decoração que remetesse à África ou a Cabo Verde.

Cheguei tarde e mesmo assim fui uma das primeiras a chegar. Tive a sorte de ser conhecida dos proprietários e alguns funcionários do lugar, então por um tempo tive com quem conversar. A proprietária me apresentou o local; falou de como foi combinar a festa com os rapazes, que eles falaram para ela que o objetivo da festa era “rememorar” a cultura deles aqui. Perguntei a ela sobre a comida típica, que David disse que haveria. Ela disse que não tiveram tempo, que eram “muito enrolados” – algo que eu ouviria do proprietário da casa onde ocorrera a festa seguinte, o “Reveillon Conexão África” – e que não haviam conseguido “uma moça que pudesse cozinhar”.

Depois voltei à festa, andava de um lado ao outro conversando com os seguranças e a moça da portaria. Eu estava desesperadamente deslocada. Alguns africanos com quem eu já havia conversado pessoalmente em outras festas nem me cumprimentaram, principalmente os que estavam acompanhados. Outros com quem eu conversava bastante no Facebook, ficavam sem graça ao me encontrarem pessoalmente. Era óbvio, eu via nos seus rostos o quanto estranhavam minha presença ali, sozinha. David, de quem eu havia comprado o convite, era o mais solícito, mas estava muito ocupado com as questões do evento. Desta vez eu me sentia uma “aberração” e principalmente, que era mais observada que observadora.

O Kuduro era o gênero musical que tocava do momento que cheguei até o intervalo, por volta de 01:30h da madrugada quando então começou a tocar pagode e a festa ficou bem animada, todos cantavam as músicas. Nessa festa eu pude perceber um número maior de brasileiros, e principalmente de pessoas brancas. Havia uma brasileira que eu lembrei ter encontrado nas festas anteriores. Pensei: vou tentar me aproximar dessa moça e fazer amizade ou então vou sair correndo daqui!

Por volta das duas da manhã, atéo segurança me abordou, perguntando “o que eu fazia numa festa como aquela sozinha”. Como assim, perguntei. Ele disse: *Uai menina, tá cheio dos negão!* Neste momento chegou Antônio. Como disse anteriormente, ele havia ficado com uma amiga minha na primeira festa africana que participei e começamos o assunto com ele me perguntando se ela também iria à festa.

Antônio: Você está sozinha aqui?

Aline: Sim, e confesso que não estou me sentindo muito bem. Acho que deve ser estranho uma mulher sozinha numa festa, né?

Antônio: Sim, é um pouco estranho. Mas veio sozinha por quê?

Aline: Você lembra que estou pesquisando sobre a cultura africana celebrada por vocês aqui no Brasil; que faço mestrado... e nenhum amigo quis vir...

Antônio: Ah, sim... Não vai mais ficar sozinha. Venha, vamos tomar uma cerveja!

Neste momento senti um alívio incomensurável. O constrangimento não tinha passado de todo, mas ao menos eu olhava agora aos que me olhavam – principalmente para o segurança - e pensava: viu, conheço pessoas aqui! Na companhia de Antônio conheci outras pessoas e pude conversar com elas, e principalmente parei de me sentir tão observada.

Tomamos cervejas e conversamos muito. Como na outra festa o assunto principal era a situação política de Guiné-Bissau, controlada por militares que por sua vez possuem envolvimento com o tráfico de drogas. O país passava por sucessivos golpes, perseguição política e assassinatos desde que se tornou independente. Segundo Antônio, a mídia não funciona como meio de denúncias e mobilização social, pois não há liberdade de expressão. O problema se tornava ainda mais grave devido à alta taxa de analfabetismo -segundo ele cerca de 50% da população de Guiné Bissau é analfabeta. Diante deste quadro de miséria e falta de acesso à educação, Antonio afirmou que quando há eleições as pessoas votam apenas por comida, por quem lhes desse o que comer. *Aline, só quando todos souberem ler e escrever, só quando o povo tiver educação que as coisas vão começar a mudar. Ninguém entende política em Guiné, a gente começa a entender mais quando sai. Eu quero voltar para meu país, sinto saudade. Nossa, quanta saudade de minha mãe, de meu pai... Mas também não é fácil voltar, não sabemos se vai ter emprego, não sabemos do que pode acontecer em Guiné.*

Foi quando me contou que o governo brasileiro tinha suspendido as inscrições de alunos de Guiné Bissau para o PEC-G⁷¹ após o golpe de estado em abril de 2012⁷² - Antônio não é aluno do PEC-G, chegou ao Brasil há cinco anos e estuda Administração no Granbery, universidade metodista e particular em Juiz de Fora, mas como alguns de seus compatriotas são do programa, está por dentro do assunto.

Aline: Poxa, mais isso é bem ruim. Agora os estudantes de Guiné terão que pagar por isso também...

Antônio: *Não Aline, isso não é ruim, isso é bom. Os outros países tem que nos ajudar, têm que pressionar o governo para dar mais liberdade pro povo. Imagina como escolhem esses estudantes, imagina...?*

Aline: Como assim pressionar?

Antônio: *Não fazer negócios com Guiné, não ajudar governo de Guiné. Pois se ajuda governo de Guiné não ajuda o povo de Guiné. Quem precisa de ajuda é o povo.*

Percebi que Antônio falava de uma ajuda internacional que interferisse nos golpes de Estado e no modelo político de seu país. Ele acreditava que isso forçaria uma “abertura democrática”; na diminuição da corrupção; e em benefícios gerais para o povo. De fato, eis um assunto muito delicado. Em outros países a interferência internacional acontece deliberadamente, como na Líbia. Mas porque não em Guiné-Bissau? Segundo Isidoro, o país não oferece muitas vantagens econômicas, não há muitos recursos a serem explorados, por isso não há interferência das grandes potências.

Percebe-se com esta conversa que a pesquisa antropológica feita com estudantes universitários se mostra de forma a não haver uma assimetria intelectual de conhecimentos entre antropólogo e o grupo pesquisado. É uma conversa entre estudantes que expõem suas ideias e perspectivas políticas, sociais e culturais. É uma conversa entre pares.

⁷¹ Mais informações em :<http://www.dw.de/programa-para-estudar-no-brasil-exclui-guin%C3%A9-bissau/a-16841958>

⁷² Em 12 de abril de 2012 um autodenominado "Comando Militar" tomou o poder em Bissau, destituiu o presidente interino, Raimundo Pereira, e o primeiro-ministro, Carlos Gomes Júnior. Mais informações em: <http://www.dw.de/golpe-de-estado-na-guin%C3%A9-bissau/a-15887010>

Aliás Antônio, como vários outros estudantes que conheci, é poliglota. A maioria dos estudantes falam no mínimo 3 línguas: inglês, português e crioulo; mas muitos também falam francês, como os alunos congolezes. Além disso, Antônio e outros estudantes já viajaram para outras partes do mundo – Antônio por exemplo já viajou pela África, Europa e diversas regiões do Brasil. Eles possuem uma visão diferenciada da sociedade brasileira, fazem inclusive diferenciações sobre os “tipos brasileiros”: *Carioca é fanfarrão, é desbocado e folgado. Já o mineiro é desconfiado e mais metido, pelo menos aqui em Juiz de Fora.* (Carlos, congolês) *Carioca é mais simpático, mais aberto. Os juizforanos falam de você mais não falam com você.* (Túlio, guineense.) *Eu viajei o Brasil inteiro, gosto do Rio demais, mais prefiro Juiz de Fora, aqui é meu lugar. Eu me sinto um juizforano.* (Antônio, guineense)

Depois o papo enveredou para assuntos familiares. Antônio me contou que sua mãe é professora universitária e seu pai um comerciante. Falou de saudade e principalmente de sua mãe: *Aline, eu só fui ver o valor de minha mãe quando sai de casa. Eu tinha comida pronta, tínhamos uma empregada e a casa estava sempre limpa. Cozinhar foi uma coisa que tive que aprender e foi assim que eu vi que dá trabalho...agora que eu vejo tudo que minha mãe fazia por mim...*

Em conversas nas festas e também nas entrevistas eles relatam a saudade da terra natal, da família, etc. Mas falam principalmente de suas mães, a distância com elas é nitidamente mais sentida. Há uma extrema valorização das mães entre eles, sempre acionando o sacrifício que elas fizeram para tê-los e criá-los. Em outra ocasião, numa conversa com dois guineenses sobre o papel da mãe na vida deles surge o seguinte relato: *lá em Guiné se você grita com sua mãe ou com sua vó todos acham errado. Se alguém da sua família não te punir os vizinhos vão até na sua casa e te batem. Batem até em homem feito. Não pode desrespeitar as pessoas mais velhas, principalmente sua mãe. A mãe é sagrada. Se não respeita sua mãe quem você vai respeitar.* (Elton, estudante de Doutorado em economia na UFJF) *Aqui no Brasil você vê pessoas gritando com os mais velhos, desrespeito. Lá em Guiné isso não acontece, valorizamos os mais velhos.* (Cristovão, estudante de pós-graduação em Serviço Social na UFPE) *Acho que têm a ver com o que conversamos sobre a*

história oral – havíamos, no dia anterior, conversado sobre HampateBâh⁷³ e sobre a tradição da história oral na África – e sobre as pessoas mais velhas portarem o conhecimento na sociedade africana. Se as coisas estão mudando, se estamos escrevendo é certo. Mas que continuamos a olhar os mais velhos como mais sábios isto é certo também. (Elton, UFJF)

Neste ponto fica clara a reflexão que eles fazem sobre sua própria sociedade em relação a outras, principalmente com a sociedade brasileira. Estes estudantes estão aqui reformulando e reafirmando o valor da(s) cultura(s) da qual são provenientes e também constroem um arcabouço intelectual que os permite criticarem alguns aspectos da sociedade da qual pertencem e também da sociedade brasileira.

Em novembro de 2013, no I Encontro Internacional dos Estudantes PEC-G e PEC-PG – Programa Estudante Convênio Pós-graduação - conheci uma moça também de Guiné-Bissau, formada em Letras. No intervalo das palestras ela veio conversar comigo perguntando se eu podia ajudá-la com a bibliografia do mestrado em Ciências Sociais na UFPE e contou que pretendia fazer uma pesquisa sociológica a respeito da mutilação genital feminina em Guiné-Bissau. Ela disse que em algumas regiões, principalmente naquelas em que se predomina o islamismo, esta é uma prática ainda muito recorrente e que trazia muitos problemas de saúde para as mulheres de lá. Disse também que existem algumas campanhas de conscientização de que este “é um problema de saúde pública”, mas que eram ainda “muito poucas”. E que ela pretendia estudar isso aqui no Brasil para poder voltar e ajudar as mulheres de lá. Sendo assim, a estudante buscava levar a seu país de origem uma nova concepção de como as mulheres deveriam ter seus direitos revistos, implicando assim numa reflexão que busca operar numa reformulação nas relações de gênero daquela sociedade.

6.1 - Reveillon Conexão África em Juiz de Fora

⁷³ Amadou HampâtéBâ (1901-1991) foi um escritor malinês e um dos maiores ícones dos estudos sobre tradição oral africana. Mais informações: <http://www.casadasafricas.org.br/tlautor/ba-amadou-hampate/>

O Reveillon Conexão África foi um dos eventos mais importantes para a presente pesquisa. Ele reuniu estudantes e ex-estudantes de várias cidades do sudeste brasileiro: Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, Viçosa e Belo Horizonte .O convite da festa – 65 reais - incluía comida e bebida liberada na noite do Reveillon e no churrasco que aconteceria no dia seguinte.



Conversei com um dos organizadores – Lucas, que mora no Brasil há oito anos, formado em administração numa faculdade particular da cidade e na ocasião trabalhava no Caed⁷⁴ em Juiz de Fora -e pedi para ajudar na preparação da festa: salão, cozinha, ou outra coisa qualquer. Expliquei que na última festa caboverdiana eu havia me sentido deslocada, principalmente por não ter ido acompanhada de nenhuma amiga ou amigo e que no Reveillon também iria sozinha. No domingo, dia 30 de dezembro de 2013 conversamos pelo Facebook e ele confirmou que eu estava “escalada para trabalhar” na festa. Na segunda, 31 de dezembro de 2012, por volta de 11 horas da manhã cumpriu sua promessa e me mandou uma mensagem: *Bom Dia! Estamos um pouco atrasado. Mas estás escalada para trabalhar. Lucas.*

Chegando ao local combinado encontrei quatro rapazes, todos de Guiné-Bissau. Indaguei sobre o paradeiro de Lucas e expliquei que tinha ido para ajudar na festa. Eles me explicaram que ele tinha ido buscar algumas pessoas na rodoviária e que as coisas no salão já haviam sido feitas- descobri mais tarde que não era bem assim - mas que eu poderia ir com eles até o bairro São Pedro, para casa de Lucas,

⁷⁴ CAED – Centro de Apoio a Educação a Distância, órgão que funciona atrelado à Faculdade de Educação da UFJF.

que lá as meninas provavelmente precisariam de ajuda na preparação da comida. Confirmei minha presença na cozinha da festa e disse que subiria com eles. Um minuto depois eu já estava completamente “sem graça”, pois não conhecia nenhum deles, então disse que tinha algumas coisas para fazer no centro e que me encontraria com eles na casa de Lucas mais tarde. Peguei o endereço com um dos rapazes- que morava com Lucas - me despedi e fui vagar um pouco no centro da cidade, refletindo se havia agido certo ou não, pois ficar ali com eles poderia me permitir um entrosamento melhor no grupo. Neste mesmo dia, ao passar mais tempo com eles, percebi que não seria bem assim, pois na maioria das vezes eles falam em crioulo e numa rapidez que deixariam *experts* em trava-língua espantados.

Uma hora depois de me despedir dos rapazes na Praça da Estação subi ao São Pedro. No caminho encontrei-me com Lucas, comos outros 4 rapazes com quem eu havia encontrado uma hora antes e com mais outros 2, que eu não conhecia. Um total de sete rapazes que vinham de Viçosa, Campinas e Rio de Janeiro. Iam ao supermercado para comprar os ingredientes da festa. Resolvi ir junto. No supermercado eles paravam frequentemente e conversavam, na maioria das vezes em crioulo. Na sessão de horti-frutigranjeiros tomei a iniciativa e perguntei se poderia ajuda-los a escolher os ingredientes da ceia. Aceitaram e em 5 minutos já estavam me falando diretamente o que era preciso comprar. Falando das cebolas, perguntando informações sobre quantidades de legumes para o vinagrete. Percebi que de fato eles precisavam de ajuda, e isso me deixou mais a vontade de estar com eles. Escolhemos os legumes e temperos e continuamos a andar lentamente pelo supermercado. Pouco a pouco foram chegando outros rapazes guineenses como. Chegaram também três moças e uma menina de dois aninhos, filha de uma delas esobrinha de Lucas.

Os ajudei na escolha da maioria dos produtos comprados para a festa. Eles não tinham uma lista do que comprar e parecia que não sabiam direito o que era preciso. Perguntaram de algum lugar para comprar gelo. Tudo estava sendo comprado naquele dia, véspera do reveillon, o que gerou alguns problemas, como produtos que haviam esgotado e muitos estabelecimentos - como os que vendem gelo por exemplo - não estavam funcionando.

Durante as compras eles me pediam para comprar algo e eu e Jonatan nos separávamos do grupo com Jonatan(estudante de economia na PUC em Campinas)

para ir buscar. Estava aflita em ficar parada com eles no supermercado, achava que indo com o Jonatan- que empurrava o carrinho - poderia agilizar um pouco aquelas compras. Quando terminamos de escolher os produtos fiquei conversando com ele mais afastado do grupo, que a cada momento aumentava.

Quando as compras estavam na fila do caixa deixei o grupo e fui até a porta do supermercado para fumar um cigarro. Cruzei com uma garota brasileira que momentos antes tinha me visto conversando com os rapazes. Ela me cumprimentou alegremente e me perguntou: *Aqui, você conhece o Tiago?* Eu disse que sim, que achava que conhecia o Tiago. Ela disse, *então tá!* E foi embora. De fato Tiago seria por assim dizer o “galã” dos africanos. È um rapaz muito bonito e charmoso. Vi no seu Facebook que ele faz alguns trabalhos como modelo. Ela deve ter me associado com uma das “garotas dele”. Lembrei-me de tê-lo visto com duas garotas diferentes. Não o vi junto com nenhuma das duas moças nas demais festas em que fui. Hoje ele namora uma moça brasileira, negra, que também parece ser modelo.

Neste ínterim eu e Jonatan conversamos muito. Expliquei a ele sobre meu interesse na “cultura africana” – não entrei em detalhes sobre a pesquisa - em Juiz de Fora. Ele me disse que a cultura africana era “muito bonita”,mas que os africanos não sabiam valorizar isso, e que estavam “aprendendo agora”. Disse que em Guiné-Bissau há muitas etnias distintas. Falou sobre carnaval, onde os desfiles são feitos por cada etnia que expõe sua cultura. E que em Cabo verde isso não acontecia, que lá o país era mais uniforme etnicamente - pensei se seria este um dos motivos para os conflitos políticos que ainda ocorrem em Guiné.

Depois de pagarem as compras nos dirigimos à casa de Lucas. As meninas e a criança que estavam conosco foram na frente e não levaram nenhuma sacola. Os rapazes se dividiram para levar as compras. A princípio Lucas me disse para esperar que eles levariam parte das sacolas e mandariam os homens que estavam na casa para buscar o resto. Mas retruquei afirmando que poderia ajuda-los, pois estava acostumada a carregar compras pesadíssimas e a subir quatro andares com elas. Eles riram – meio que duvidando - mas me deixaram ajudar.

A casa de Tiago e Lucas fica no segundo andar de um sobrado e nos fundos. Havia uma garagem, uma casa em cima e depois a casa deles. Havia também uma escada que conduzia a uma espécie de terraço e uma terceira casa nos fundos. A casa era pequena e estava muito cheia. Deixamos as compras onde estavam as outras

sacolas, no corredor que separava a casa deles e a terceira casa. No corredor havia uns quatro rapazes. Dentro da casa mais uns seis, quatro moças – que arrumavam o cabelo quando cheguei e a criança.

Tanto dentro da casa como no corredor onde eu estava eles conversavam em crioulo e eu me perguntava se um dia seria capaz de entender aquela língua. Lucas não estava na casa e a minha sensação era de que ninguém entendia o que eu estava fazendo ali. Em meio a isso observava a criança de dois anos que andava pelo corredor, vez ou outra chorava e reclamava, ou tentava fazer algo perigoso; os meninos a pegavam no colo e brincavam, tinham muito carinho com ela.

Perguntei uma das meninas – a mãe da criança - se eu poderia ajudar na cozinha. Com a resposta positiva entrei na cozinha e comecei a descascar batatas. As conversas em crioulo me frustravam cada vez mais, me sentia intensamente deslocada. Fiquei, em silêncio na maior parte do tempo, também não conseguia observar muito, pois estava de costas para os rapazes e concentrada na minha tarefa culinária.

A casa só tinha uma entrada que era a porta da cozinha. Havia uma mureta que dividia a cozinha da sala. Na direita de quem entra, logo depois da porta da cozinha, ficava o banheiro. Havia duas portas, que davam para a sala, que eram os dois quartos da casa. Fiquei sentada de costas para a mureta e de frente para a mesa da cozinha onde estavam as duas garotas. Uma descascava alho e a outra picava uma carne bovina. Quando mostrei a elas a quantidade de batatas que havia descascado, e que eram todas as batatas que tinham sido compradas ela se mostrou contrariada. Disse para eu pica-las em quatro pedaços. Esta que me instruiu sobre as batatas disse a outra: *olha a quantidade de batatas que eles compraram para uma festa com oitenta pessoas!* Eu perguntei se não seria melhor pedir aos rapazes que comprassem mais. Elas não responderam e também não reclamaram com eles. Fiquei sem graça com a minha intromissão.

Depois de descascar batatas e pica-las, descascar cebolas e pica-las em rodela e também de picar alhos, vi que já não seria mais útil ali. A forte sensação de me sentir uma “xereta” naquela casa me obrigava a ir. Perguntei as meninas se elas precisavam de mais ajuda e elas disseram que não. Ao me despedir que nos apresentamos. foram simpáticas, agradeceram à ajuda e nos despedimos. Voltando

pra casa pensava sobre como elas eram diferentes dos rapazes, mais reservadas etímidas, me perguntei se seriam assim só comigo.

Nesta experiência ficara perceptível uma acentuada divisão de tarefas por gênero. As moças não foram ajudar nas compras e nem a carregar as sacolas - Lucas disse que mandaria rapazes para ajudar. E por outro lado os rapazes também não se dispuseram a ajudar no preparo da comida. Estavam todos na sala conversando, alguns no Facebook, enquanto elas cozinhavam. Óbvio que a divisão de tarefa por gênero já é nossa velha conhecida, mas geralmente, entre estudantes universitários no Brasil, esta divisão é menos visível, as coisas já estão mais “misturadas”.

Lembrei da “festa Caboverdiana” e de uma das festas do “Conexão África”, onde havia promessa de comidas típicas, mas pela falta de tempo e também de garotas para ajudar no preparo as comidas não foram feitas. Além disso, a diferença de comportamento e a divisão de grupos de homens e mulheres durante a dança nas festas deve ser algo significativo para entender comportamentos distintos de homens e mulheres. E o fato de as mulheres migrarem em número significativamente menor – essa moça por exemplo, estudavam em Belo Horizonte e Rio de Janeiro, não haviam ali africanas que estudavam em Juiz de Fora - contribuem para refletir o quanto a “desigualdade de gêneros” permanece como uma característica importante mesmo quando se encontram em contexto migratório.⁷⁵

A festa estava programada para começar as 23:30h. Cheguei as 23:45 e a Estação Cultural ainda estava fechada. Fiquei sem saber o que fazer por alguns minutos; a ideia de passar a virada do ano sozinha esperando a casa abrir me deixou bastante apreensiva. Esta área da cidade há muitos usuários de drogas e moradores de rua, é considerada perigosa durante a noite. Porém, percebi que as pessoas chegavam à Praça da Estação – o local do evento fica em frente a esta praça - e

⁷⁵ Durante meu trabalho de campo em Recife eu estava na casa dos Guineenses que me hospedaram durante o evento “I Encontro Internacional dos estudantes PEC-G e PEC-PG” e surgiu a seguinte conversa: um dos moradores da casa - o único brasileiro- estendia as roupas que havia lavado no varal. Um dos rapazes de Guiné-Bissau falou: “ é rapaz, tem que se casar pra não ter que fazer mais isso.” Um outro rapaz – hoje um amigo – doutor em sociologia e com quem eu havia conversado bastante dias antes disse: “ Nossa, mais como você me fala isso na frente da Aline, ela vai dizer que todos somos um bando de machistas”. O outro disse diretamente para mim: “ Se eu disser que não sou machista estaria mentindo.” Então rimos e começamos uma conversa sobre machismo em Guiné Bissau e no Brasil.

paravam , olhando para o céu como se esperassem alguma coisa. Em dez minutos já havia muitas pessoas espalhadas pela praça. Na praça famílias inteiras, casais, grupo de amigos, e alguns moradores de rua- os tipos mais frequentes nesta praça à noite - aguardavam a virada do ano. As pessoas tiravam fotos e bebiam, estavam bastante animadas. Alguns fogos começaram a fazer barulho ao longe, me indagava se as pessoas estavam ali para ver “isso”. Porém, quando deu meia noite e começou o ano de 2013 eu entendi o que as pessoas esperavam.

Na Av. Francisco Bernardino, praticamente em frente à praça, fica o prédio da prefeitura de Juiz de Fora. Do alto do prédio começaram os fogos que celebravam o início do novo ano. O espetáculo pirotécnico durou uns treze minutos - e eu torcia intimamente para que durasse mais, pois sabia que quando acabasse as pessoas iriam embora e eu ficaria ali somente com os frequentadores mais assíduos da região. Ao mesmo tempo fiquei deslumbrada ao descobrir que minha cidade também possuía uma queima de fogos oficial para o Reveillon. Como sempre passei esta data fora, ou em festas fechadas longe dali, nunca havia tomado conhecimento da existência dos fogos - depois julguei tolo o meu espanto, é claro que uma cidade como Juiz de Fora soltaria fogos no Ano Novo, acho que em quase todas as cidades com mais de 10 mil habitantes deve haver tal comemoração. E principalmente, percebi que a antropologia cumpria novamente seu papel, cada vez mais claro, de revelar não só a cultura do outro que se estuda, mais a cultura do próprio antropólogo. Para fazer meu trabalho de campo abri mão de passar o Reveillon com amigos ou familiares e pela primeira vez eu passava a virada do ano percebendo o que acontecia na cidade onde nasci e moro há trinta anos.

Por volta da meia noite chegaram Jonatan, e outros dois rapazes de taxi. Eles traziam a comida, e já foram pedindo minha ajuda para carrega-la até o local da festa. Contei a eles que haviam perdido a queima de fogos, que tinha sido muito bonita. E perguntei o motivo do atraso. Eles disseram o que eu ouviria em outros momentos da festa: *tá tudo enrolado mesmo. O dj chegou conosco, colocamos as comidas em cima da mesa que já estava preparada para que as pessoas se servissem. Cobrimos tudo antes que os convidados começassem a chegar.*

Pedi uma cerveja e ela estava muito quente, Jonatan havia me avisado antes. Perguntou se eu sabia de algum lugar para comprar gelo. Liguei para um “disk cerveja” que tinha na agenda do telefone, mas já esperava que ninguém atenderia

naquele horário. Ligaram o freezer, porém a cerveja foi servida quente a noite inteira, não houve tempo pra que gelasse. Não havia nenhuma decoração africana, apenas a decoração de Natal do local onde se realizava a festa.

Logo depois começaram a chegar os convidados. O primeiro grupo foi de três brasileiras que vieram nos cumprimentar e desejar “feliz ano novo”. Depois começaram a chegar mais africanos - a grande maioria era de Guiné Bissau - e alguns brasileiros. Fiquei na sacada do prédio tomando cerveja, fumando e observando as pessoas que chegavam. Todos vinham me cumprimentar e desejar “feliz 2013”, boa virada, bom ano, etc. Pela primeira vez eu estava sozinha numa festa Africana e me sentia a vontade. Era uma confraternização diferente das que ocorriam nas outras festas.

Túlio já havia chegado e estávamos conversando quando chegou um grupo onde havia muitos rapazes de terno e gravata. Perguntei a ele porque o pessoal estava “tão chique” e que eu não esperava que fosse preciso usar um traje social. Ele me explicou que no Reveillon em Guiné Bissau todos os homens se vestem de terno e gravata e as mulheres se vestem de longo e fazem penteados mais sofisticados. Então quando estudantes recém-chegados participavam de suas primeiras festas no Brasil acabavam por se vestir assim também, ainda não haviam se “acostumado com o estilo mais descolado dos brasileiros”.

Posso dizer que interagi com praticamente todas as pessoas da festa. Com quem não conversei eu ao menos cumprimentei e desejei “boa virada”. Conheci um grupo de três brasileiras universitárias – uma delas era estudante de Ciências Sociais e outra fazia parte de um movimento feminista da Universidade. Conversamos muito e ficamos relativamente juntas durante a festa. Elas faziam parte de uma rede de amigos dos africanos fazia algum tempo - mais de um ano – e atualmente ambas namoram rapazes africanos, um mora no Rio de Janeiro e outro no Sul do Brasil.

Passeando pela festa, fui conversar com um grupo de rapazes que estavam do lado de fora, falavam em crioulo e eu disse a eles o quanto a língua parecia difícil de aprender, pois falavam muito rápido. Perguntei como era essa situação de uma língua oficial portuguesa em seus países e o crioulo: qual era o idioma mais usado em Guiné Bissau? Eles disseram que o português era usado em “documentos, ensinado na

escola, mas que falavam muito mais em crioulo”. Segundo eles a língua crioulo de Guiné Bissau⁷⁶ surgiu como uma tentativa de falar o português, como falavam “errado” foi se forjando uma língua própria, uma espécie de junção do idioma nativo dos tempos da colonização com o português.

Depois a conversa enveredou para o tratamento que a mídia brasileira dá para os conflitos políticos em Guiné Bissau. Um dos rapazes falou: *li hoje na internet que Guiné Bissau está em guerra civil, eu não sei disso. Falam que estamos em guerra por causa dos conflitos, é um exagero da mídia brasileira. Se for assim Rio de Janeiro e São Paulo também estão em guerra civil, morre muito mais gente aqui. É muito mais perigoso andar no Rio e em São Paulo do que em Guiné Bissau.*⁷⁷ Segundo esse rapaz, uma de suas primas havia viajado pro EUA e Portugal, depois veio ao Brasil e “detestou” porque sentiu “muito medo”. Ela presenciou uma tentativa de assalto no Rio de Janeiro e disse que “não voltava ao Brasil nunca mais”. Este mesmo estudante criticou a forma negativa pela qual os brasileiros falavam da África, como se fosse uma terra só de conflitos e misérias; ou pensavam que todos eram africanos – num sentido genérico – ou de que eram todos angolanos. *Não conhecem a nossa cultura e nossa realidade, nem sabem quais países tem lá. Se não sabem do que acontece lá então não deveriam falar nada, é melhor do que falar besteira.* Também criticou o fato dos brasileiros não torcerem pelos times africanos de futebol, por torcerem contra e a favor dos times europeus, etc. *Poxa, em Guiné Bissau nós torcemos pelo Brasil na copa, quando o Brasil ganha fazemos festa, comemoramos. Depois que vi que os brasileiros não torcem por nós também não vou mais torcer pelo Brasil.* Um outro rapaz disse: *Será?* E ele respondeu: *a vontade que dá é essa!* Este ponto mostra o desagrado de alguns africanos pela “não identificação dos brasileiros com os africanos”, simbolizada pelo futebol. Em contrapartida os africanos se identificavam com o futebol brasileiro, principalmente quando este enfrentava os times europeus, seus antigos colonizadores.

⁷⁶ Mais informações sobre a língua crioulo: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/crioulosdebaseport.html>

⁷⁷ O estudante que falou sobre o exagero da mídia é estudante de Letras na UNICAMP.

Em meio à conversa perguntei sobre o atraso de Lucas, o principal organizador do evento – já eram cerca de 2 horas da manhã. Um deles disse que esperavam por Lucas para que pudessem ir se arrumar devidamente para a festa – pensei como fariam isso em tempo hábil, já que São Pedro era um bairro distante da festa. Falei: Nossa, mas não vai ficar tarde para voltar? Se Lucas sabe que vocês o estão esperando porque demora tanto? E um deles respondeu: *Sabe o que é Aline, os africanos gostam de chegar tarde mesmo, no meio da festa, pra causar ‘aquele impacto’.* *A gente é muito vaidoso.* Um outro acrescentou: *É, a gente gosta de ser visto, de ser notado.* E todos rimos.

Enfim eu tinha uma explicação para o fato de ser sempre a primeira a chegar nas festas, mesmo quando eu chegava cerca de uma hora e meia depois do início previsto. E também para o fato de que as festas acabavam enchendo quando eu achava que não ia ter mais ninguém. De fato os africanos que conheci são extremamente vaidosos. Vestem-se impecavelmente, com “roupas de marca”, sempre muito perfumados. Geralmente estão de camisa social, já vi alguns com cintos que tinham pedras brilhantes (strass) com a letra inicial de seus nomes. As mulheres também são muito vaidosas, mas não se diferenciam tanto das brasileiras no estilo de vestir, já os homens africanos se destacam.

Ainda conversando com este grupo de rapazes indaguei sobre onde moravam no Brasil e por que haviam resolvido passar o Ano Novo em Juiz de Fora. Explicaram que vinham principalmente para ver irmãos, primos e amigos, para poderem celebrar o Ano Novo juntos. Cada um tinha uma história de como havia decidido vir estudar no Brasil, sobre problemas com o programa PEC-G, etc. O que pareceu constante foi o fato de que a “rede social” estabelecida entre estudantes no Brasil e os que pretendiam vir para o país cursar o ensino superior era um fator determinante tanto na escolha quanto na permanência deles. Contando suas histórias falaram de como a “ajuda dos amigos e parentes” era bem mais eficaz do que a ajuda governamental, tanto do Brasil quanto do seu país de origem. Criticaram o consulado de Guiné Bissau no Brasil, disseram que uma determinada família de Guiné “domina o consulado” e que não trabalham para eles – para ajudá-los – ocupam o cargo por questões de parentesco. *“Eles não trabalham direito!”*

Um dos rapazes explicou que a ajuda principal se refere à moradia, muitos chegam sem ter onde ficar e sem ter como pagar todas as despesas. Então eles

hospedam o recém-chegado sem lhe cobrar nada referente às despesas da casa por um tempo, até que a pessoa “possa se ajeitar”. Relatou um caso em que ele e outros estudantes africanos com quem morava prestaram o mesmo tipo de ajuda para um brasileiro, amigo deles, que ficou sem ter onde morar e sem ter como pagar as despesas.

A festa no seu auge devia ter umas 150 pessoas. Quando Lucas e outras pessoas envolvidas com a organização chegaram com os outros pratos à mesa foi devidamente posta, formando-se uma fila para as pessoas se servirem. Era basicamente uma carne bovina com molho, batata e ervilhas, bastante apimentada. Tinha também arroz branco e um frango cozido em pedaços e bem temperado.

Já pelas quatro da manhã à festa estava extremamente animada. Percebi o padrão da festa anterior: uma nítida divisão entre homens e mulheres, na qual os homens eram bem mais performáticos na hora de dançar. As moças de africanas eram mais contidas, estavam também em menor número - no máximo 30 garotas - e estavam na maioria dos casos acompanhadas de outros africanos.

Um momento marcante foi quando tocou uma música típica do Ano Novo de Guiné Bissau e praticamente todos os presentes dançaram. Eles dançavam em círculos e cantavam alto. Antônio tirou a camisa e a rodava pelo ar. Num certo momento ele me puxou para o meio da roda, e eu dancei com eles. Antônio segurava minhas mãos para o alto e as fazia balançar junto com as dele. Eu dançava, tropeçava e ria muito ao mesmo tempo. Quando, por cansaço, me soltei de Antônio, uma das meninas - com quem eu havia “picado” os ingredientes dos pratos da festa - me puxou e me abraçou para dançarmos juntas. Logo veio outra moça que conheci naquela tarde na cozinha de Lucas e me abraçou do outro lado - foi a primeira vez que as africanas mostrava algum “interesse por mim”. Dançamos as três, jogando a perna para um lado e para o outro em compasso. Depois que acabou a me afastei e continuei na pista observando enquanto eles dançavam, pulavam e cantavam. Estavam muito felizes.

Por volta das seis da manhã começou um clima tenso. Uma moça que estava com um dos africanos – brasileira – deu um tapa no rosto de outra moça, uma guineense, e a briga começou. A briga foi rápida, pois logo entraram para separar. A briga era por causa de um rapaz de Guiné, ex da guineense e atual namorado da brasileira. A guineense – depois o dono do espaço me contou o que ela havia lhe

relatado - não estava mais com o rapaz, mas já haviam namorado longo tempo. A brasileira, atual namorada, fazia provocações à ex do rapaz, via Facebook. Essa era a versão da guineense.

Depois da confusão percebi que já estava amanhecendo. Sai da festa e decidi ir embora, muitos guineenses também desceram por causa da confusão. O fim da festa permaneceu em clima de confraternização. Na saída eles tiravam fotos, e me chamaram para tirar fotos com eles. No início da festa eu já havia saído em algumas fotos, mas só com conhecidos. Então a finalização da festa continuava do lado de fora.



Quando decidi finalmente ir encontrei com uma das brasileiras – do grupo das três com quem eu havia conversado e que se tornaram, por algum tempo, minhas companhias nas festas africanas dali em diante. Ela estava contente e empolgada com o churrasco que rolaria no tarde do dia primeiro. Nos falamos ao telefone várias vezes durante o dia que seguiu para combinarmos de ir juntas.

No tarde do dia primeiro liguei para Antônio e Lucas no intuito de me informar sobre o horário e local onde aconteceria o churrasco. Já eram cinco da tarde e não estava definido onde seria. Nove horas da noite uma das minhas companheiras de festa, me ligou dizendo que estava no churrasco e que tinha acabado de começar. Acabei vencida pelo cansaço e perdendo a festa. Antônio depois me contou que o

churrasco foi começar mesmo depois de meia noite: *Aline, com a gente é assim, é meio enrolado mesmo.*

6.2 - XV Festa Africana: celebração e confraternização dos estudantes africanos em Juiz de Fora

Do Reveillon Conexão África a XV Festa Africana de Juiz de Fora participei de outras festas e um churrasco, também conversava regularmente com alguns estudantes africanos através do Facebook. As conversas continuavam a ser sobre política, a relação deles com brasileiros, estranhamentos com hábitos, costumes, relatos sobre alguns episódios de preconceito, – principalmente ao que concerne a língua, da impaciência e discriminação quanto ao tipo de português que eles falam ser bem diferente do brasileiro – etc.

A última festa tratada nesta pesquisa é uma festa anual, portanto já tradicional, realizada há quinze anos na cidade de Juiz de Fora. Esta festa conta com a colaboração e financiamento da Universidade Federal de Juiz de Fora. O evento realizado no dia 15 de junho de 2013 contou também com o apoio da Faculdade Metodista Granbery, Faculdade Estácio de Sá e a Prefeitura de Juiz de fora. A organização fica por conta de uma comissão formada por estudantes africanos, não só os que estudam na UFJF, mas também estudantes de outras faculdades da cidade citadas acima.

Os convites eram limitados, vendidos a R\$40,00 para residentes em Juiz de Fora – em praticamente todas as festas havia uma diferenciação nos preços dos ingressos para os que moram na cidade e os que moram fora, sendo que os segundos pagam um preço menor. Presumo que além de um incentivo para que elas venham, seja uma forma de compensá-las pelos custos da viagem. Tentei comprar meu convite com duas pessoas diferentes nas duas semanas que antecederam a festa, mas já estavam esgotados. Túlio me conseguiu um ingresso dias antes do evento.

O evento foi realizado no Clube Bom Pastor, um clube tradicional de Juiz de Fora localizado em um tradicional bairro da zona sul de mesmo nome. Desta vez não fui acompanhada de nenhum amigo, combinei com uma das minhas amigas brasileiras que nos encontrássemos lá, mas por telefone ela me avisou que chegaria por volta das 24h e eu resolvi ir só para acompanhar o início do evento. Cheguei ao

evento as 22h, havia uma grande fila para entrar na festa que estava marcada para começar as 21:30h.

Na fila havia pessoas de várias idades e a maioria dos grupos era composto por famílias, inclusive pessoas mais velhas, na faixa de 50 e 60 anos. Na fila já pude perceber que a maioria das pessoas eram negras. No cartaz e no convite da festa havia a especificação de que o traje deveria ser social, e era como a maioria das pessoas estava vestida. Reclamavam sobre a demora na fila e de como a festa tinha essa “fama” de atrasar. Por volta das 22:15a fila começou a andar.

A festa foi realizada no salão do clube. No centro havia um palco – com mais ou menos um metro de altura e uns quatro metros de comprimento - no qual estava montado uma mesa de som. Não haveria bandas, apenas o DJ. Em frente ao palco havia um grande espaço reservado para a pista de dança e para as apresentações das danças e o desfile de trajes típicos. Ao redor da pista de dança estavam dispostas 24 mesas, com seis cadeiras cada.

Olhei ao redor e não vi ninguém conhecido, apenas alguns colegas que participavam da organização e que desta forma não estavam sentados em nenhuma das mesas. Depois de andar um tempo pelo salão resolvi me sentar sozinha. Fiquei apenas uns cinco minutos, logo surgiu uma conhecida e me convidou para sentar com ela. O grupo da mesa me indagou sobre o que eu fazia ali sozinha e expliquei sobre minha pesquisa – um deles é sociólogo então ficou bastante curioso - e também da minha amizade com alguns estudantes africanos. Sua esposa me contou que já era a terceira vez que iam à festa, que gostavam muito, achavam “eles” muito animados, etc. Outras pessoas que conheci durante a festa, senhoras idosas; casais; um senhor viúvo; todos estavam na festa africana no mínimo pela segunda vez e diziam que se informaram da festa com amigos que tinha ido e que tinha gostado muito do evento. Uma moça de uns vinte e poucos anos disse que era sua primeira vez na festa, mas que suas primas já tinham ido várias vezes e que insistiram para que ela fosse para ver “como eles sabiam se divertir”.

Aos poucos a festa foi enchendo começaram a chegar os estudantes africanos com suas famílias e amigos, além de crianças e bebês, filhos de africanos que nasceram no Brasil e também senhores e senhoras de idade. Alguns homens e mulheres estavam com trajes típicos: vestidos ou conjuntos com estampas típicas da

África⁷⁸ (ou de seu respectivo país), e algumas mulheres usavam penteados altos e tranças diversas.

Como era informado no cartaz, o evento contava com as seguintes atrações: “apresentação de danças e desfile com trajes típicos e degustação de comidas típicas.” Por volta da meia noite a festa estava bem cheia quando uma das organizadoras do evento pediu silêncio para dar início às apresentações. Ela agradeceu a presença, aos patrocinadores e falou do objetivo da festa: celebrar com todos os presentes a cultura africana e apresentar um pouco das culturas de Moçambique, Congo, Guiné Bissau, Angola e Cabo Verde.

A apresentação começou com um dos rapazes africanos fazendo uma dança e tocando um tambor, de acordo com a apresentadora esta seria uma dança que simbolizava toda a cultura africana.



A segunda apresentação foi com um grupo de rapazes e moças com saias de palha, que dançavam também ao som do tambor. Durante a apresentação cada um dos componentes do grupo ia até a frente, batiam os pés, rebolavam e giravam. Faziam em meio à apresentação coletiva uma apresentação particular. Enquanto isso a apresentadora lembrava ao público que o espetáculo representava a ginga, o ritmo e a beleza africana. Cada apresentação individual despertava uma reação do público. Ao irem a frente à apresentadora dizia o nome e o país de origem do estudante que dançava. Os homens eram nitidamente mais aplaudidos. Algumas mulheres

⁷⁸ Perguntei a Antônio sobre o nome – ou os nomes - dos trajes típicos usados no evento. Ele me disse que era “roupa africana” ou *ropom* mesmo, que não sabia de um nome específico. Além disso falou que em Guiné Bissau por exemplo eles quase não usam esses trajes, que além de já estarem antiquados são muito caros: *Minha mãe comprou um pra eu trazer mas acabei emprestando há um professor meu e ficou com ele. Eu não ligo pra isso não.*

gritavam coisas como “Lindo! Gostoso”. A plateia feminina além de ser maior era bem mais “atirada”. As moças também arrancavam aplausos, mas era necessário que a apresentadora incentivasse o público um pouco mais dizendo: “aplausos para – o nome da menina – minha gente! Olha que linda!”



Depois dessa apresentação teve início os desfiles de trajés típicos e também de penteados afro, na sua grande maioria tranças. Após os desfiles individuais – que contou também a com a participação de uma criança, mas não com vestimentas africanas – todos entraram e desfilaram juntos.





Ocorreram mais três apresentações: um rapaz caboverdiano que apresentou sozinho uma dança típica do seu país chamada Funana, e um grupo de mulheres que celebravam a beleza e a fertilidade das mulheres de Angola.



E finalizando as apresentações tivemos a dança de casais, com o ritmo Semba, de origem angolana.



Após a apresentação todos voltaram aos seus lugares e a música ficou por conta do Dj. Depois de algum tempo a comida típica foi servida numa mesa colocada

ao lado do palco – antes os garçons estavam servindo salgadinhos nas mesas. A comida se parecia com a servida no réveillon Conexão África:havia a “Cachupa com milho”, “Cafriela” (frango com muito limão depois passado na churrasqueira), “Caldeirada de frango com legumes, carne e caldo de amendoim” e arroz branco. Diferentemente da comida servida no réveillon, esta não estava apimentada e ouvi muitas pessoas – na mesa em que eu estava - dizendo que havia sentido falta disso. Eu também senti.

No auge da festa as pessoas começaram a se aglomerar na entrada da cozinha para buscar cerveja. Os organizadores solicitavam que as pessoas aguardassem nas mesas, pois não estava dando tempo dos garçons chegarem com as garrafas cheias no salão. Este foi o momento de pico da festa, com cerca de 500 pessoas. Depois de um tempo este a situação foi controlada e os garçons voltaram a servir normalmente.



Muitos dos rapazes que estavam com traje típico trocaram de roupa durante a festa e colocaram roupas sociais ou esporte fino. Algumas moças também trocaram seus vestidos por outros, ou por outro estilo como calças coloridas, etc. Uma moda mais “genérica”, e dessa forma confundiam-se brasileiros e africanos no salão.



Este é um ponto interessante, já que no Brasil não nos referimos a negros no geral, pois a miscigenação deu tons diferentes e isto influencia na forma de vê-los e na forma que eles mesmos se veem. Mas neste trabalho usarei negro para me referir a todos os afrodescendentes, com pele mais clara ou não, de forma a me referir a uma “identidade racial” presente no universo social em questão: os cabelos, o jeito de vestir e dançar e a identificação com os africanos.

A festa continuou com muita dança e bebida. Desta vez havia muitos brasileiros e eles se misturavam e ensaiavam movimentos corporais similares aos africanos. Assim a festa seguiu, com os ritmos brasileiros e africanos se revezando na caixa de som. Muitas pessoas fotografavam e eu me arrependi de não ter levado minha máquina, naquela festa eu realmente poderia ter feito fotografias com “meu olhar” sem causar constrangimento algum.



Nesta festa também foi notório que à maioria das pessoas estavam mais entrosadas. Muitos dançavam juntos, dancei até com pessoas com quem eu não conversava. Foi uma festa descontraída e extremamente alegre, como me alertaram os africanos e até os brasileiros com quem conversei por lá.





Bandeira de Cabo Verde. Todas as fotografias da XV Festa Africana de Juiz de Fora foram cedidas generosamente por Eulices Miguel Neves Cardoso, caboverdiano, aluno do curso de arquitetura na UFJF e um dos organizadores do evento.

Já bem tarde, montaram uma mesa com frutas e um bolo para cantarem parabéns. Perguntei a um rapaz guineense para quem cantavam e ele me disse que a festa era em celebração ao aniversário da África. Perguntei: quantos anos? E ele me disse algo em torno de 500. Eles celebravam o aniversário da “descoberta” da África, com a chegada dos portugueses. Posteriormente, com a ajuda de Eulices Neves – o mesmo estudante que cedeu as fotografias para a pesquisa – o rapaz teria cometido um erro, pois na verdade a Festa Africana celebra o aniversário da criação da OUA – Organização da Unidade Africana – que ocorreu em 25 de maio de 1963. Como em maio os estudantes estão em aula, a festa tradicionalmente era transferida para o mês de junho.



A festa foi até tarde, o dia amanheceu quando se foram os últimos convidados. Os envolvidos na organização terminavam de arrumar o salão, alguns dormiam em cadeiras, vencidos pelo cansaço. Foi quando os que trabalharam no evento começaram uma “outra festa” – como me disseram. Participei deste momento, bebendo e conversando sobre o evento festa: o que tinha dado errado, alguns que não ajudaram muito, os acontecimentos engraçados. Sai por voltas das dez da manhã e alguns poucos ainda ficaram para finalizar a limpeza do salão. E assim chegou o fim a XV Festa Africana em Juiz de Fora.

6.3 – Música, dança e performance: a celebração de um pertencimento comum

As festas africanas – a música, e o ato de dançar em conjunto -, neste contexto, tem se apresentado como momento de confraternização não somente entre os africanos, mas também entre eles e os brasileiros. São performáticas, pois ao mesmo tempo em que pretendem celebrar uma integração, enfatizam a distinção. Como afirma Gilroy:

O poder e significado da música no âmbito do Atlântico Negro têm crescido em proporção inversa ao limitado poder expressivo da língua.[...] A música se torna vital no momento em que a indeterminação/polifonia linguística e semântica surgem em meio à prolongada batalha entre senhores e escravos. Esse conflito decididamente moderno foi resultado de circunstâncias em que a língua perdeu parte de seu referencial e de sua relação privilegiada com os conceitos (Ibid., 2012, p.160).

De acordo com Gilroy é determinante examinar o lugar da música no Atlântico Negro, pois esta nos permite observar a autocompreensão articulada pelos músicos que a têm produzido e pelos negros que a têm escutado e celebrado. Se Gilroy nos fala de uma música intercambiante entre EUA, Europa e África, do jazz ao *Hip Hop*, é possível compreender que no contexto migratório as “novas músicas” como o Zouk, o Semba entre outros também trazem a tona elementos de uma identidade negra, celebrada em nome de uma cultura que se aciona para aplacar a saudade e para reafirmar pertencimentos. Ainda segundo Gilroy:

[...] o uso simbólico que lhe é dado [a cultura negra] por outros artistas e escritores negros e as relações sociais que têm produzido e reproduzido a cultura expressiva única, na qual a música constitui um elemento central e mesmo fundamental.[...] pensar sobre música –

uma forma não figurativa, não conceitual – evoca aspectos de subjetividade corporificada que não são redutíveis ao cognitivo e ao ético. Essas questões também são úteis na tentativa de situar com precisão os componentes estéticos distintos na comunicação negra (Ibid., p.163).

Em todos os eventos organizados por africanos que participei, as músicas tocadas eram primordialmente africanas⁷⁹ ou músicas de artistas negros, americanos ou brasileiros. Mesmo no churrasco que participei organizado por brasileiros em que a presença dos africanos era expressiva, assim como o número de negros brasileiros, o ritmo predominante foi o funk, o samba e o pagode: houve uma apresentação de um grupo de dança funk de jovens meninas negras, um rapaz que fazia *cover* do Michael Jackson - já na sua versão branca, maquiado e de cabelos lisos - e um grupo de samba.

È possível vislumbrar que no contexto migratório para o Brasil, ao menos em Juiz de Fora, a identificação de africanos e negros brasileiros se faz principalmente através das festas, das músicas e das danças, na qual celebram um arcabouço cultural que não é diretamente comum, mas é semelhante a partir do momento que são produções artísticas e musicais cuja origem é atribuída aos negros.

Desta forma, sugiro que a história da música negra também sirva para uma reflexão das interações culturais dos africanos no Brasil; pela forma na qual surge uma identificação que suscita o reconhecimento a um pertencimento e uma origem comum. Demanda ampliada pela necessidade de dar sentido às performances musicais, onde a identidade é, segundo Gilroy, “elusivamente experienciada das maneiras mais intensas. Por vezes, também reproduzida através de estilos que são negligenciados [na] prática significativa como a mímica, gestos, expressão corporal e vestuário.” (Ibid., p.166)

Devido ao fato de que a autoidentidade, a cultura política e a[s] estética[s] fundamentadas que distinguem as comunidades negras, foram frequentemente construídas por meio de sua música e pelos significados culturais e filosóficos mais amplos que fluem de sua produção, circulação e consumo, a música é particularmente importante na ruptura da inércia que surge na infeliz oposição polar

⁷⁹Os gêneros musicais preferidos dos estudantes africanos que são geralmente tocados nas festas são: o Zouk, que é uma dança extremamente sensual, dançada a dois. O gumbé, semba e kuduro, outros estilos nos quais se dança também separado.

entre um essencialismo enjoativo e um pluralismo cético e saturnal que torna literalmente impensável o mundo impuro da política. A preeminência da música no interior das comunidades negras diversificadas da diáspora do Atlântico é em si mesma um elemento importante na conexão essencial entre elas. [...] A música e seus rituais podem ser utilizados para criar um modelo pelo qual a identidade não pode ser entendida nem como uma essência fixa nem como uma construção vaga e extremamente contingente a ser reinventada pela vontade e pelo capricho de estetas simbolistas e apreciadores dos jogos de linguagem (Ibid., p. 208-209).

Neste contexto, de acordo com Gilroy e com as experiências em campo é possível afirmar que identidade negra é vivida num “sentido experiencial coerente - embora nem sempre estável - do eu - self”. Pode ser muitas vezes sentida como natural e espontânea – algo a ver com a ideia de uma manifestação cultural “pura” – mas na verdade é o resultado da atividade prática: “linguagem, gestos, significações corporais, desejos.” E ainda, está imbricada numa relação política, “um antiessencialismo que encara a subjetividade racializada como um produto das práticas sociais, que supostamente derivam dela.(Ibid.,p. 209)”

7 – As trajetórias: o “vir e ir” dos estudantes africanos em Juiz de Fora

As primeiras leituras acerca da migração estudantil de africanos para o Brasil suscitaram diversas reflexões sobre a complexa trajetória vivenciada por esses estudantes. As motivações que levam estes estudantes a deixarem seu país de destino em busca de cursar o ensino superior em terras brasileiras não se manteve estático. Se a princípio o Brasil recebera estudantes que ou eram pertencentes de uma restrita “elite” em seus respectivos países ou eram refugiados políticos dos mesmos – devido aos diversos conflitos pós independência ou contextos de fim de ditaduras, como no Congo⁸⁰ –, a conjuntura atual mostra que o acesso a migração e os sujeitos que a buscam como possibilidade de emancipação social – individual, familiar e até nacional – vêm aumentando e se diversificando, o que em muito se deve a mudanças no PEC-G , como o aumento do número de vagas oferecidas e a ampliação de países atendidos.

Alguns interlocutores desta pesquisa – principalmente os que estão no Brasil há mais de cinco anos – migraram sem estarem atrelados ao PEC-G para cursar faculdades particulares. O que nos leva a considerar também mudanças sócio-econômicas e políticas em seus países como fomentadoras do deslocamento: expansão – embora lenta - do ensino básico e médio; maior de distribuição de renda nestes países; o acesso das mulheres a educação e a possibilidade de “saírem de casa”; a globalização, a ampliação do acesso aos meios de comunicação e a intensificação dos fluxos culturais através as redes sociais virtuais, por exemplo, como motivadores desses movimentos.

Este capítulo, através da narrativa de entrevistas realizadas com os estudantes africanos em Juiz de Fora, busca captar suas trajetórias e travessias e de que forma as mudanças acima citadas atuaram nas suas histórias, que envolve a situação social e cultural da qual fazem parte. Durante a realização das entrevistas busquei motivar

⁸⁰ Alguns interlocutores da presente pesquisa estão no Brasil a mais de dez anos. Não foi feita uma análise profunda acerca das migrações estudantis no período em que estes estudantes deixaram seus países de origem, pois nesta pesquisa procurou-se abordar o contexto atual do fenômeno. Porém em conversas informais com estes ex-estudantes verificou-se que muitas migrações foram ou por motivo de exílio político ou por estes pertencerem a elites de seus respectivos países. Na pesquisa de doutorado, pretende-se aprofundar essas histórias, refletindo acerca das transformações ocorridas na migração de estudantes africanos para o Brasil.

os interlocutores a falarem de todo o processo migratório, desde a decisão de migrar até os planos e objetivos para o futuro depois de formados. Assim como a perspectiva do retorno, que pode se apresentar incerto, devido à multiplicidade das experiências vivenciadas e as possibilidades que se abrem. Enfim, refletir de que forma acontece a “flexibilização da identidade cultural dos indivíduos e grupos”, que possivelmente se faz em um “campo de tensão”, que surge devido à necessidade de adaptação contínua em um universo que é diverso do seu; na complexidade do mundo de hoje, no interior de diásporas permanentes e temporárias. (GUSMÃO, 2008) Tais elementos, a partir de suas trajetórias, nos ajuda a compreender de que forma os fluxos culturais e os deslocamentos transnacionais irão atuar de modo à ressignificar identidades culturais, nacionais, étnicas, raciais – tornando crucial entender de que forma o racismo, principalmente as particularidades do racismo brasileiro, é sentido pelos africanos. E como as redes sociais darão forma e conteúdos às migrações estudantis e as transformações individuais e sociais operadas por ela.

A princípio o objetivo deste momento da investigação era buscar uma seleção de sujeitos que pudessem representar o universo social estudado, ou seja: os países abarcados pela pesquisa; os que chegaram e os que já estão há mais tempo; homens e mulheres. Porém, com os “imponderáveis” do campo, não pude, por exemplo, estabelecer uma relação de proximidade com as africanas da mesma forma que consegui estabelecer com africanos. E um dos principais requisitos estabelecidos para as entrevistas, era o de uma proximidade maior com os sujeitos entrevistados, para que a conversa pudesse fluir com os menores constrangimentos possíveis, ou seja, uma relação de confiança deveria ser previamente estabelecida. De qualquer forma, como modo de comparação- que deve ampliar os horizontes da pesquisa, mas não pode se perder em diferenças muito grandes - decidi restringir meu universo de entrevistas a estudantes ligados ao programa PEC-G. Cada qual pertence a um país distinto – Guiné Bissau, Cabo Verde e Congo – estão no Brasil há tempos diferentes, e são oriundos de classes sociais e contextos familiares um tanto distintos.

1 – David:

A primeira entrevista foi realizada em junho de 2013, durante a copa das confederações. Lembro-me deste fato porque além de marcarmos a

entrevista, combinamos de ver o primeiro tempo do jogo Brasil X Japão e tomar uma cerveja durante o mesmo.

David foi um dos primeiros africanos que conheci e tive a oportunidade de conversar por diversas vezes, e por conta disto, podemos nos considerar amigos. Sempre teve uma postura diferenciada dos demais africanos, não é um rapaz “galanteador” – não que todos sejam. Como ele mesmo vai dizer no decorrer da entrevista, ele é um rapaz “sensível, muito sensível”. Talvez seja um dos motivos para que eu o escolhesse como o primeiro entrevistado. O medo de “invadir a privacidade” deles sempre existiu e aumentava no decorrer das minhas solicitações de entrevistar alguns rapazes e com suas respostas senão negativas, ao menos de uma postura que sugeria desconfiança, em falas como: *você quer me estudar né? Então agora que falamos você já está fazendo sua pesquisa?*⁸¹

Na ocasião da entrevista o estudante tinha 27 anos e morava há quatro anos no Brasil. Nasceu em Cabo Verde na Ilha de São Vicente – a segunda ilha mais populosa do país - , no bairro do Coqueiro, onde viveu desde a infância até migrar para o Brasil. É o quarto de seis filhos – todos homens - de sua mãe, com os quais conviveu e que chama particularmente de família. Seu pai tem mais 4 filhos de outro relacionamento, com os quais teve pouco contato⁸². Na sala onde realizávamos a entrevista havia um portaretrato no qual está a mãe ao centro com cinco dos seis filhos, entre eles David.

Explicou que desde cedo sua mãe trabalhou para sustentá-los, *batalhou sozinha mesmo*. Ela trabalhava como faxineira na prefeitura da cidade. O irmão mais

⁸¹ Numa conversa através do *chat* do *Facebook* perguntei a um rapaz africano, com quem eu conversava havia algum tempo, sobre a possibilidade dele me conceder uma entrevista. Esta foi a resposta e também um afastamento contínuo ao posto que hoje não nos comunicamos mais através do *chat*.

⁸² Ao indagá-lo se seu pai divorciou e casou-se de novo ele disse que em seu país não há esse costume de se casar como aqui: “ Aqui você se casa aos dezenove anos e se não der certo você se divorcia e se casa de novo. Lá não, vemos o casamento como uma coisa mais sagrada, mais séria mesmo.” Disse que apesar de sua religião ser o catolicismo o costume do casamento era diferente, “ é uma coisa mais cultural mesmo”, ele enfatizou. Conta a história de um homem no seu bairro que casou com sua esposa aos oitenta anos, apesar de tê-la conhecido na infância e de terem passado quase que toda uma vida juntos.

velho trabalhava, *mas aquela coisa de homem, né? Pra ir pra boteco, sair com os amigos. Ela não, batalhou mesmo para sustentar a casa.*

O primogênito dos seis filhos só estudou até o ensino básico e não “conseguiu” concluir o ensino médio. Atualmente trabalha em Cabo Verde como serralheiro. O segundo mais velho terminou o ensino médio, é encanador e mora nos EUA. O terceiro filho também terminou o ensino médio e ganhou uma bolsa de estudos no Canadá. Estudou, se formou, voltou para Cabo Verde e depois retornou ao Canadá, onde se casou e teve uma filha. Segundo David, ele pretende prestar prova para a seleção de mestrado em breve ou fazer outro curso, *para tentar acrescentar no currículo.*

David começou a trabalhar cedo. Sua mãe o incentivou desde criança, reforçando a importância de trabalhar para conseguir se sustentar. *Você tem que trabalhar porque eu não sou eterna, vou estar sempre do seu lado para dar um suporte pra você, mas não posso te sustentar eternamente:* era o que ele dizia ouvir desde criança, que *você tem que trabalhar para conseguir algo legítimo na vida.*

Estudou durante todo o ensino básico em escola pública. Durante a infância disse nunca ter sido reprovado e que sempre tivera boas notas, mas ao chegar no ensino médio, já adolescente, disse que começou a “brincar”- deixava de ir a aula para jogar bola, ir a praia e se divertir com os amigos - e já não levava tão a sério os estudos, sendo assim reprovado no primeiro ano do ensino médio duas vezes. Segundo o estudante, há uma regra nas escolas públicas de Cabo Verde na qual não pode haver mais que duas reprovações no ensino médio, tendo como punição a expulsão do aluno. E foi o que aconteceu com ele.

Depois do ocorrido ficou um ano “parado” – sem estudar – e diz que nesse tempo “sofreu uma pressão psicológica” – que afirma ter sido muito positiva – de sua mãe e irmãos para que voltasse aos estudos. Diz que aos poucos “começou a entender” a importância de estudar – ideia que amadureceu entre seus dezoito e dezenove anos.

Depois desse tempo “parado” começou a trabalhar – fazer bicos como pedreiro, pintor, etc. - e que em seguida matriculou-se numa escola privada para terminar o ensino médio. O dinheiro de seu trabalho era destinado a pagar a escola etambém para fazer uma poupança que o permitisse cursar o ensino superior. Disse que para isso teve de abrir mão de muitas coisas. *Quando você ganha as coisas de*

mão beijada você não dá muito valor, mas quando você luta mesmo, vai conseguir mais coisas. Diz que nesse tempo “cresceu muito”, buscando ser um “cara mais responsável”.

Enfatizou que sua meta era o ensino médio e posteriormente o ensino superior: *aquilo era como um desafio mesmo sabe?* O que o influenciou a traçar esta meta e à “batalhar” para alcançá-la foi justamente este “começar a entender”, e este começar a entender se deu muito devido a “pressão psicológica da família”; o incentivo para que ele fosse em busca de uma escolarização que pudesse alavanca-lo na hierarquia social de seu país. O irmão, que estudava no Canadá no período, teria servido de influência, principalmente como exemplo... *lá temos tipo um modelo. Minha mãe lá em cima, depois meu irmão. Você tem que seguir mesmo aquele negócio.*

Os irmãos mais velhos não tiveram a oportunidade de estudar, *pois na época deles a vida era mais difícil.* Mas, apesar da influência diz que no fim tudo dependeu mais de sua iniciativa individual mesmo, *individual, de correr atrás para tentar estudar e fazer coisas boas.*

Neste tempo conheceu um senhor “mais velho”, de seu bairro que o incentivou ainda mais, *que me deu moral mesmo sabe Aline?* Este senhor conversava muito sobre o valor de se batalhar para estudar. Chegou a conceder a ele uma bolsa de uns quatro meses na escola, no pagamento de “propina” – como chamam mensalidade em Cabo Verde. David disse ter gostado muito de ter feito o ensino médio nessa época, um pouco mais velho, *foram anos muito gratificantes,* afirmou. Falou também sobre o mundo estar constantemente evoluindo e da necessidade que ele viu de acompanhá-lo: *com o tempo, se você não buscar mais ou menos o seu ponto de equilíbrio... agora tudo bem! Mas na frente, quando você está velho você não vai conseguir algo pra chegar ao seu equilíbrio, tem que ser agora que ainda está jovem.*

Perguntei a ele como foi sua decisão de cursar o ensino superior no Brasil. Disse que ao terminar o ensino médio –em julho de 2008 - se inscreveu no programa PEC-G para concorrer a uma vaga para o ensino superior no Brasil. Segundo ele o processo ocorre da seguinte forma: há uma concorrência interna em Cabo Verde – processo similar à maioria dos países -, no qual o Brasil disponibiliza vagas das universidades conveniadas e seus respectivos cursos. Então o estudante entrega sua

documentação - histórico escolar, comprovante de renda, no qual conste que o responsável seja capaz de custear o estudante no Brasil, documentos de membros da família, e como disse David, *documentação geral, tudo mesmo* -ao órgão responsável no país que fará uma pré-seleção. O estudante enfatiza que o processo é muito difícil – os requisitos burocráticos - e que há muitos concorrentes que são eliminados por causa de documentação errada, etc.

Também faz parte do processo uma análise do currículo do estudante de acordo com o curso pretendido: *de acordo com os pontos fortes das matérias que serão cursadas na universidade; se estão de acordo com o seu ponto forte nas matérias da escola*. A documentação dos alunos pré-selecionados é enviada ao Ministério da Educação no Brasil, órgão responsável pela seleção final dos estudantes. David afirma que na época de sua seleção não eram divulgadas informações quanto ao número de concorrentes inscritos, mas que sabia que a oferta era pequena e que a demanda pelas vagas era muito maior.

O estudante também enviou sua documentação para concorrer a uma vaga na Universidade do Porto, em Portugal, e lá também fora selecionado. O resultado saiu antes do processo para o Brasil e ele chegou a levar toda a documentação para a embaixada de Portugal. Mas começaram a “enrolar”, pois segundo ele, a Universidade do Porto tem que autorizar – mandando uma declaração para que a embaixada libere o visto e nesse tempo de espera – cerca de seis meses -, ficou muito ansioso.

Neste meio tempo foi informado por um colega com o qual havia concorrido – este colega atualmente estuda engenharia mecânica em São João Del Rey – que seu nome constava na lista dos selecionados para o Brasil. Além disso, uma menina de Cabo Verde, que estudava na UFJF – na ocasião da entrevista já havia se formado – viajou ao país natal para as férias e conversou com David sobre Juiz de Fora e o Brasil, buscando incentivá-lo a estudar na cidade.

Ao perguntá-lo se ele preferia estudar em Portugal ou no Brasil eis a resposta: *eu preferia Portugal, porque o Brasil a mídia passa essas coisas... depois eu falei disso, me pergunta*. E voltou a falar sobre sua conversa com o amigo que também havia sido selecionado para o Brasil. Disse ao amigo: *sei lá, acho que não vou não... acho que vou pra Portugal mesmo*. Mas insisti neste ponto e ele falou dos motivos para preferir Portugal. Primeiramente, por não conhecer “nada do Brasil” – porém

depois ele afirma que possuía informações através da mídia, então ele tinha uma ideia do Brasil, uma ideia parcial e exagerada como ele mesmo vai afirmar durante a entrevista. Não tinha ido a Portugal mais possuía muitos familiares e amigos por lá, e que assim ia *praticamente se sentir em casa, porque perto da família você se sente mais seguro mesmo.*

Já em janeiro de 2008, sua colega que estudava em Juiz de Fora telefonou chamando-o para conversar novamente: *começou a me incentivar, dizendo que Juiz de Fora era A mais B; uma cidade muito maneira, parecida com Cabo Verde...e é verdade, agora eu to me sentindo meio que no meu bairro [ele mora no bairro São Pedro]... é cara, to me sentindo muito em casa mesmo.* Ele argumentou com a amiga dizendo que não tinha vontade de vir; que o Brasil era muito perigoso; assaltos e bandidos: *complicado pra mim, acho que minha mãe não vai deixar.* A amiga então disse que conversaria com a mãe da David para explicar que o Brasil não era exatamente como imaginavam. Ele então conversou com sua família que no final disse que se ele quisesse mesmo iriam apoiá-lo. O estudante contou, que depois de tomada a decisão de que viria para o Brasil muitos amigos que o encontravam na rua e até familiares o indagavam e tentavam desencorajá-lo:*que isso cara, o Brasil é meio sinistro!*

David afirma que depois da experiência – de ter vindo e estar conhecendo o Brasil -viu que o melhor é falar das coisas “ que viveu”, pois caso contrário pode-se falar do que não sabe. Confessou que: *sim, pô, no Brasil antes eu tinha medo. Sabe por que? Antes passava ‘Cidade Alerta’ lá... toda hora assalto, toda hora matando os outros... Com isso a sensação que ficava é que em qualquer momento no Brasil você corria o risco de ser assaltado e ser morto.* A amiga que morava em Juiz de Fora o ajudou a desconstruir essa imagem tão negativa, dizendo que era exagero o que os veículos midiáticos pregavam sobre uma violência exacerbada no Brasil. Ele disse ainda :*David, aonde você vai tem o lado bom e o lado ruim, inferno e céu ao mesmo tempo. Cabe mais ou menos a você diferenciar por onde você vai anda por lá...*

O estudante foi à embaixada de Portugal pegar seu passaporte para entrar com a documentação na embaixada brasileira. E acrescentou, quando o indaguei sobre vencer “ o medo” desse Brasil apresentado pela mídia: *é pensei, vou partir mesmo para uma aventura, sabe...?*

Falamos então sobre uma das exigências do programa, na qual a família do estudante deve comprovar ser capaz de mantê-lo financeiramente no Brasil. Perguntei se com ele tinha sido desta forma ou se teria conseguido uma bolsa – atualmente o programa têm concedido bolsas para alguns alunos. Ele disse que não, que tinha sido tudo por sua conta mesmo, os custos da viagem, documentação, moradia, todos os gastos com a preparação, a viagem e a permanência no Brasil. Disse que agora – em meados de 2013 – concorreu a uma bolsa promisaes⁸³, foi contemplado e que estava recebendo a uns quatromeses. Este período sem bolsa foi difícil, pois não gostava de depender da mãe, por isso trabalhara desde criança. A bolsa agora proporcionava uma “certa sensação de liberdade”. Ainda assim, de vez em quando era necessário pedir algum dinheiro a sua mãe, mas “muito pouco”, pois têm conseguido manter as despesas dos estudos e de sua casa – ele mora sozinho, numa pequena casa, a menos de cinco minutos da UFJF – com sua bolsa de estudos.

Acho que no Brasil um negócio mesmo que deveria ter é que o estudante deveria trabalhar, sacou? Seria mais interessante, seria mais legal. Neste ponto David aborda um ponto polêmico sobre as leis que regem o PEC-G. É proibido que estudantes do PEC-G trabalhem no Brasil, ou seja, que tenham quaisquer vínculos empregatícios. Uma das medidas adotadas pelo programa de modo a assegurar o cumprimento deste critério e a proibição de que estudantes PEC-G façam cursos noturnos.⁸⁴ E como explicou David, os estudantes podem apenas fazer estágios ou

⁸³ Na plataforma do MEC a bolsa promisaes é apresentada da seguinte maneira: “o Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (Promisaes) tem o objetivo de fomentar a cooperação técnico-científica e cultural entre o Brasil e os países com os quais mantém acordos – em especial os africanos – nas áreas de educação e cultura. O projeto oferece apoio financeiro no valor de seiscentos e vinte e dois reais para alunos estrangeiros participantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), regularmente matriculados em cursos de graduação em instituições federais de educação superior. O auxílio visa cooperar para a manutenção dos estudantes durante o curso, já que muitos vêm de países pobres.” Mais informações em: portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=545&id1228&option=com_content&view=article

⁸⁴ Durante a “III Semana Acadêmica de Relações Internacionais da UFJF, em 30 de julho de 2013, Hilton Batista Sales (Coordenador Geral das Relações Estudantis do MEC) proferiu uma palestra sobre o PEC-G. Um dos pontos enfatizados por Hilton foi sobre os motivos para a proibição de que estudantes PEC-G possam estudar em cursos noturnos: “a ideia é a de que estes alunos se dediquem exclusivamente aos estudos e que não queiram trabalhar ou constituir famílias no Brasil e assim não cumprirem um dos objetivos-chaves do programa: o de regressar aos seus países de origem depois de formados, para contribuir com o seu desenvolvimento.”

coisas parecidas – como participar de projetos de iniciação científica - de modo a buscar alguma remuneração, mas apenas em atividades acadêmicas.

Em seguida falamos sobre sua viagem ao Brasil: *sei lá, foi muito estranho!* Contou que na época da viagem ao Brasil dois amigos vinham para Juiz de Fora, um deles já estudava na UFJF e o outro havia sido aprovado no mesmo processo seletivo. Com este último conversava mais a respeito da viagem, eram da mesma ilha e haviam combinado de viajarem juntos. O outro rapaz já conhecia o Brasil e a cidade e os “levaria” até Juiz de Fora.

Disse ter chegado ao aeroporto bastante apreensivo procurando pelos colegas: *Não encontrei ninguém não! Pensei: caraca velho, esses caras já foram embora! Eu tava muito ansioso, sabe. Tinha muito dinheiro no bolso sabe? Passaporte, documento, tudo!...* Depois de algum tempo encontrou os colegas e embarcaram juntos.

David fala do seu estranhamento com o aeroporto e os trâmites de embarque e desembarque. Tudo muito novo para ele. Disse que se sentia estranho, que nunca tinha viajado antes e que não gosta muito de viajar. Confidenciei a ele que nunca havia viajado de avião. Rimos juntos e ele disse: *Pois, então... era minha primeira vez!*

O primeiro desembarque foi em Fortaleza, chegaram de madrugada, depois de 4 horas de viagem. Contou que para “piorar sua ansiedade” descobriram no aeroporto que suas passagens eram em horários diferentes, David viajaria até o Rio depois dos colegas. *Eu não conhecia ninguém em Fortaleza, o que eu ia ficar fazendo lá?!* Depois de conversarem muito com os funcionários da companhia aérea conseguiram trocar a passagem para que viajassem juntos. Foram para o Rio e em seguida Juiz de Fora.

No princípio se hospedou na casa da colega que o incentivara a vir. Chegou já no início das aulas e começou a frequentar a universidade – provavelmente depois do trote, pois não me disse nada a respeito. Perguntei a ele então como tinha sido os primeiros dias de aula, entre risos me respondeu:

D: *Putz... um desastre!*

A: Porque um desastre?

D: *Sei lá velho...!*

A: Como você se sentia?

D: *Muito mal!*

A: Como muito mal? Você se sentia estranho?

D: *...não, não é bem assim. Não é se sentir estranho. Sei lá, não conseguia acompanhar sabe..?*

A: Você acha que foi difícil o português que a gente fala pra vocês entenderem?

D: *Cara, o seguinte. Nos primeiros anos foi uma loucura, sabe? Cara...depois, mais ou menos nas duas (primeiras) semanas eu já queria voltar pra casa...*

A: Sêrio?

D: *Cara, um mês velho...tava muito difícil!... Eu desiludi mesmo, tava muito iludido pelo Brasil, mas depois eu desiludi mesmo...*

A: E o que te fez desiludir?

D: *Ah, sei lá, muito estranho. Eu confesso sabe. Eu me arrependi muito de ter vindo pra cá depois.*

A: Você acha que era melhor ter ido pra Portugal?

D: *A eu acho... mais perto.. e aqui também têm muitas pessoas que é muito... mentirosas, hipócritas. E com isso comecei a me sentir mal, muito estranho, sabe?!*

A: Mas como assim mentirosas? As pessoas chegaram a fazer coisas específicas com você, a mentir com e sobre você?

D: *Ah, o seguinte cara...*

E começou a discorrer sobre o fato “das pessoas mostrarem uma face delas que não seria a sua face verdadeira” - ouvi isso de outros africanos em muitas situações. Diz ter se decepcionado muito com amizades feitas no Brasil. E outra coisa que o teria deixado mal, desanimado e desiludido é o tipo de piadas feitas em relação a ele, os apelidos. A princípio não queria tocar na questão racial, depois acabou relatando sua experiência com os brasileiros, as piadas e brincadeiras de conotação preconceituosa que o faziam se sentir mal. Disse ainda que com o tempo foi aprendendo a lidar com as pessoas, a reconhecer de quem poderia ser amigo ou não, em suma ele falou de como foi se adaptando a viver no Brasil.

A: Você falou que aqui é “seu bairro”, que parece Cabo Verde e ao mesmo tempo do arrependimento de ter vindo etc., explique isso um pouco mais?

D: *Isso foi só no começo mesmo... depois fui começando a me adaptar., conhecer pessoas... alguns africanos foram uma grande decepção também, alguns me arrependo até de ter convivido... Quando cheguei de Cabo Verde eu cheguei aqui bobo, sabe? Com 23 anos... mas não gosto de pessoas que mostram uma coisa e são outra, eu gosto de mostrar quem eu sou... Eu não faço mal pra ninguém também, mas tem pessoas que me fazem mal, eu perdo, mas as vezes chega num ponto onde já deu o que era pra ter dado... Lá em Cabo Verde, no meu bairro éramos muito amigos, sabe? Por isso mesmo que eu adoro Cabo Verde, meu bairro! Lá você conhece os seus amigos... é amigo até a morte, sabe?! Eu cheguei aqui com essa mentalidade e me decepcionei mesmo. Por isso que agora estou aqui na minha casa, nunca mais vou morar com ninguém não.*

David fala de uma vida em Cabo Verde mais “comunitária”, onde as pessoas se conhecem desde criança. Da convivência com primos e amigos, de uma solidariedade e uma confiança das quais ele sente saudade. E a transição brusca para outro contexto, de desconhecidos com códigos de conduta distintos, posturas e valores diferentes, foram sentidos de forma muito intensa. Por disse ter se arrependido – se sentia sozinho – e também se acha muito sensível, por não ter sido capaz de suportar isso de forma que não sofresse. E que nunca contou a sua mãe pelo que passava, tinha medo de preocupa-la ainda mais. *O comportamento dos brasileiros é muito diferente do meu, sabe. Eu tinha que ser forte, sabe?... Eu ia pra faculdade chorando, voltava... final de semana. Chorava todo dia... Fiquei muito magro. Mas eu sofria sozinho, na minha... Eu sei que eu sou muito sensível...*

Durante a entrevista falamos de um episódio no qual estávamos eu e uma colega, David e outro rapaz de Guiné Bissau. Estávamos na casa deste rapaz de Guiné Bissau. Minha colega já havia ficado com este rapaz de Guiné Bissau e estavam conversando de um lado e eu e David conversávamos em outro. Iríamos os três embora juntos, nos despedimos e então, David e o rapaz conversaram em crioulo enquanto saíamos. A moça conosco ficou indignada por falarem numa língua que só eles compreendiam, disse isso diretamente a eles, inclusive que “era

uma babaquice aquilo.” Quando David tentou explicar, ela se exaltou ainda mais e os dois discutiram. David ficou indignado, dizendo que ela o havia chamado de babaca. E foi embora sozinho, não quis mais nossa companhia. Quando ficamos a sós, disse a minha colega que não achava que tinha sido legal da sua parte se importar com eles falando em crioulo. Ela retrucou e disse que os *estrangeiros deveriam fazer um esforço sim para falarem em português, já que estavam ali para estudar e aprender a língua*. Depois de conversarmos ela admitiu que havia exagerado, e que numa ocasião oportuna se desculpava com ele.

Este não é um caso isolado, não só o crioulo causa estranhamento entre os brasileiros – engraçado é que nativos falando em inglês causa um estranhamento diferente, geralmente os brasileiros ou se esforçam para se comunicar ou se constroem por não conseguirem se comunicar em inglês – e também o português falado pelos estudantes do PALOP. Algumas vezes ouvi relatos sobre os estudantes serem advertidos a falarem direito o português, pois não eram compreendidos na “língua que falavam”. Durante um churrasco Tiago me contou sobre um dia que fez uma pergunta ao professor em sala de aula – estudou sistemas de informação na Faculdade Metodista Granbery - e este o criticou pelo modo como falava “errado”: *ele me ofendeu sabe, faltou dizer que eu era burro, que não sabia falar. Meus amigos me consolaram, pois fiquei mal, reclamei na diretoria, mas acho que nada aconteceu com o professor. Eles não entendem que falo um português diferente e que estou aqui tentando aprender*.

David explica – sobre o episódio com minha colega - que até entende que deve falar português, que é errado falar uma língua que os brasileiros não entendem. Mas que quando os africanos se encontram acabam falando em crioulo porque é uma coisa espontânea: *não é para falar mal dos brasileiros...sua raiz as vezes é mais forte que você, entende?* E acrescenta um exemplo: *Imagine que você está estudando nos EUA e só fala em inglês, daí você encontra outros brasileiros. Então, sem querer você vai falar português, sabe?! Sua cultura é mais forte do que você. Você fala a sua língua mais depois volta ...eu não sou perfeito, eu erro! Todo mundo erra, já passei muitas coisas sinistras aqui velho...*

Além disso, percebo que falar em crioulo é algo que os remete a um pertencimento comum. Eles descontraem e se divertem assim. Na maioria das vezes que vejo africanos se encontrando eles se saúdam em crioulo, falam e riem bastante.

Considero que esta seja uma forma de “relaxar” de um contexto estrangeiro e amplo, e se reportar as raízes ao se sentir parte de algo mais sólido e tradicional.

Sobre as expectativas de se formar, David disse que sua formatura está prevista – *dando tudo certo* – para o meio do ano de 2015. E que depois de pretende voltar para casa o mais rápido possível: *quero tentar ao menos fazer algumas coisas lá...tenho muito, sei lá velho...eu gosto mesmo é do meu “Cabo Verde, de ficar lá sabe?! Eu gosto muito de retribuir, sacou velho? Aquela confiança que as pessoas depositaram em mim.* Perguntei então se essa confiança, se referia aos amigos e parentes, ou a questão do programa, já que é uma exigência o retorno do estudante para contribuir com o desenvolvimento de seu país, ele responde: *o programa diz que você tem que voltar, mas eu particularmente acho que tenho que ajudar o meu bairro, sabe?!... Indaguei a ele sobre se a ajuda se restringia ao seu bairro ou a Cabo Verde em geral e eis a resposta: “...ah, estou muito decepcionado sabe?!... com alguns políticos. Acho que de onde você veio, sua raiz, você deve louvar! ...tenho que ir lá para ajudar mesmo, para dar minha contribuição, para as pessoas mais ou menos que é... a minha evolução... mostrar minha experiência fora. Mais pra juventude, pras crianças mesmo. Para dar o entendimento que a educação vem em primeiro lugar. E ajudar em algum tipo de programa...”*

Existem universidades em Cabo Verde, e David afirma que cursar o ensino superior lá seria mais fácil para ele. A decisão de migrar para o Brasil se deu mais em busca de uma experiência mais ampla do que cursar o ensino superior, *porque estudar assim tem uma diferença mesmo.*

Terminamos a entrevista falando do crioulo e do português; a questão do PALOP e a experiência de ter duas línguas maternas. Foi quando chegou um amigo de David de Guiné Bissau, iríamos assistir o jogo do Brasil juntos. Neste dia o Brasil ganhou de 3x0 do Japão.

2 – Carlos:

Carlos é um congolês de 28 anos, estudante do curso de engenharia civil da UFJF, ingresso através do PEC-G em 2008, primeira geração de congoleses a virem cursar o ensino superior no Brasil - ano em que o convênio se estendeu ao Congo e outros países africanos. Nos conhecemos num dos eventos africanos e conversamos muitas vezes através do Facebook. Quando o convidei para a entrevista aceitou de

imediatamente e disse que compraria até um “espumante” para tomarmos durante a conversa.

O processo de seleção pelo qual Carlos passou é similar ao de David. Primeiro a seleção de documentos e análise do currículo escolar. A diferença consiste que no Congo são duas línguas oficiais, o francês e o inglês. E como um dos requisitos para cursar o ensino superior no Brasil é o português fluente, alunos de países cuja língua oficial não é o português, precisam fazer um curso de seis meses para aprender o idioma. Caso a universidade na qual o aluno irá cursar o ensino superior não disponibilize tal curso, ele deve então estudar a língua em outra universidade. No caso de Carlos o idioma foi aprendido no Rio de Janeiro, na UFRJ.

O estudante disse que quando chegou ao Brasil só sabia falar bom dia, mas como chegou *na parte da tarde parecia que não tava falando nada. A gente ficou brigando com esse português, pra lá, pra cá, só fazendo mímica, sabe?! Depois de seis meses os estudantes se submetem a uma prova de proficiência e se não passarem voltam para casa. Não tem segunda chance não, têm que estudar pra valer!*

Diga-se de passagem, o português de Carlos é excelente. Ele é poliglota, além de falar fluentemente inglês, francês e agora o português, é fluente em mais dez línguas locais - são mais de 200 línguas locais no Congo, cada estado uma língua o que eles chamam de “língua estadual”. Este conhecimento de línguas se deu através do convívio escolar, no qual estudantes de vários estados acabavam por ensinar e aprender mutuamente suas línguas diferentes. Disse ainda que este conhecimento o ajudou muito a aprender o português.

A questão das etnias diferenciadas parece mais marcante no Congo na fala de Carlos. Sua família é da etnia Luba. Mas disse que a convivência de diferentes etnias já não geram conflitos há bastante tempo. Os conflitos no Congo, segundo Carlos, são conflitos econômicos que “vêm de fora”, pelo relacionamento do país com as grandes potências. As empresas de fora – da Europa e EUA principalmente – são as fomentadoras de conflitos, pois criam divergências de interesses na

exploração de riquezas do país.⁸⁵ *O Congo é um país de muitas riquezas minerais, por isso ser alvo de muitas empresas estrangeiras...*

A apresentação do Brasil pela mídia é uma questão recorrente na maioria das conversas com africanos- que também apareceu na entrevista com David – sobre a manipulação de informações. Carlos afirmou, *a mídia mascara tudo.*

C: *Quando eu morava lá no Congo até deu problema, pois a família não queria me deixar vir para cá. Porque todo mundo acha que o Brasil é só Amazônia, que não tinha nada, nada... nem imaginava que tinha prédio aqui no Brasil... O que a gente via do Brasil na televisão era só futebol, carnaval... Quando eu estava vindo pra cá os amigos estavam mezando falando que eu ia me tornar jogador de futebol.*

A: E você queria vir só para o Brasil ou você tinha outra opção?

C: *Eu tinha outra opção. Canadá e EUA. Mas eu não quis não, porque... ah, uma visão política que a gente pensava que o pessoal que estuda nesses países aí... que vão para Europa voltam com a mente poluída. Voltam para trabalhar para esses países, como peões que trabalham para o interesse desses países – peão no sentido do jogo de xadrez .*

Carlos fala de uma formação nestes países direcionada para que os congoleses lá formados se tornem “espíões” que visem garantir e expandir os interesses das grandes potências na extração de riquezas no Congo. Conversando com outros amigos, achou interessante tentar um país desconhecido –no caso o Brasil - para que pudesse ter uma formação menos enviesada política e economicamente.

Disse que dentro do avião sua impressão sobre o Brasil já começara a mudar: *opa que lugar é esse que a gente tá?* Disse que se espantou ao avistar São Paulo e

⁸⁵ Carlos apresenta um grande conhecimento acerca dos conflitos políticos no continente africano. Suas origens que vão da colonização ao imperialismo, a imposição de fronteiras pelas grandes potências, assim como a criação e intensificação de rivalidades étnicas promovidas pela associação com o colonizador, que visava sempre à subordinação de um povo enquanto o outro tornava-se aliado. O caso do genocídio em Ruanda por exemplo, foi um caso discutido por nós durante a entrevista. Carlos me deu sua visão do conflito que ocorreu no país em 1994. A divisão do país pelos Belgas de acordo com características fenópticas entre Tutsi e Hutus. Muitos refugiados do conflito cruzaram a fronteira do Congo em busca de proteção. Segundo Carlos muitos se casaram e formaram família em território congolês e que agora estariam “ dando muito trabalho para gente”. “Agora eles estão querendo um território só para eles dentro do Congo.” Entre outras questões.

aquele “monte de prédios”. *Como assim São Paulo? Na televisão a gente não vê isso! E já logo pensei em como eles[a mídia] mentiram.* Em seu segundo dia no Brasil sua mãe telefonou perguntando se havia comida, se ele estava se alimentando, foi quando ele começou a desconstruir a imagem de um Brasil miserável para sua família. Segundo Carlos, alguns amigos com quem conversa pela internet até hoje não acreditam no Brasil que ele narra - com prédios, supermercados, bancos e etc. – dizem que ele faz isso para “esconder o jogo”.

Perguntei a Carlos- devido a ele insinuar durante a entrevista tal questão - se ele considerava o Congo fosse um país mais desenvolvido que o Brasil, o que ele respondeu sem titubear: *com certeza!* Disse ainda, que ao chegar ao Brasil percebeu que as imagens que passavam do Congo aqui eram de cidades paupérrimas, lugares que ele nem conhecia. *Mas nós temos cidades bonitas, praias bonitas, têm tudo. Mas porque eles só mostram isso... campo de refugiados, pessoas em aldeias. Porque a gente tem aldeia, mas as pessoas não entendem, lá temos uma visão de conservar as coisas, porque cultura é cultura. Pra gente é isso, temos Ministério da Cultura e Ministério da Mulher e Família e o ministério pega firme.(...) temos esses povos indígenas. Alguns saem, outros não, e outros saem e voltam. Mas é nosso interesse conservar o povo indígena, os pigmeus...e eles não saem da floresta não. Iguais os índios aqui, usam flecha e tal. Governo manda coisas; não existe conflitos de terras, pois o governo os protege.*

No Brasil a mídia só mostra o aspecto pobre e negativo não só do Congo como da África em geral, afirma Carlos. Segundo ele, ao publicar fotos de cidades do Congo, ou lugares “bonitos” alguns colegas brasileiros se espantam e perguntam. *Que isso, é lá mesmo? A África é assim? Porque tem isso né Aline, tem gente que acha que a África é só miséria, selva. E tem gente que acha que a África é um país.*

Outro aspecto do estranhamento cultural abordado por Carlos é a questão da desigualdade social. Segundo ele, no Congo também há ricos e pobres, mas não existe a segregação que ele vê aqui no Brasil, que quando uma pessoa é rica, ou se torna rica, menospreza os pobres, “não se mistura”. Carlos afirma que no Congo uma mansão, com carros na garagem e “cheia de coisas dentro” pode ficar ao lado de uma “casa pequenininha de pobre” e que a relação entre as pessoas entre classes distintas se dá de forma tranquila. *Se o cara tem a grana, a grana é dele, se o outro tem a miséria, e miséria é dele. Se você acha que porque tem grana é mais do que o*

outro você vai se dá mal. Se você é um cara que tira onda e tal, você vai ter problema para arrumar emprego. Se você é rico e têm uma loja, mas trata as pessoas mal, ninguém vai entrar na sua loja. A informação passa pra todo mundo, vaza na hora, todo mundo fica sabendo no bairro.

Carlos fala de sua sociedade de forma a fazer alusão a relações mais comunitárias. Por exemplo, segundo ele em cada bairro há grupos de jovens que de certa forma fazem “a segurança” do bairro. Todos se conhecem e se ajudam mutuamente. As questões familiares, por exemplo, ultrapassam a esfera de cada família em particular e geralmente se tornam um problema para a comunidade em geral. *As pessoas se intrometem um na vida do outro, mas no bom sentido. Alguns assuntos nem chegam à polícia, são resolvidos pela comunidade.*

O estudante faz uma comparação com os brasileiros a respeito deste sentimento de pertencimento comunitário presente no Congo. Durante as manifestações de junho – sobre o aumento das tarifas de transporte público e a melhoria na qualidade dos serviços públicos – disse que uma das professoras chegou à sala de aula disposta a discutir a questão. E foi perguntando aos alunos se eles tinham participado da manifestação. A maioria dos alunos disse que não tinha ido – praticamente todos – e alegaram ter sido por não usarem o transporte público por já terem seu próprio carro. Carlos então chama atenção para o que julga ser um aspecto individualista e classicista dos brasileiros: *então se o problema não o afeta ele não vai, não tá nem aí pro resto do povo não. Lá no Congo não existe isso não. Por isso que lá no Congo eu digo que não têm esse tipo de desigualdade. Quando tem um problema ele é de todo mundo.*⁸⁶

De acordo com o estudante a educação das crianças também não é algo circunscrito à família. Crianças que fazem “coisas erradas” podem ser punidas, inclusive com castigos físicos, por outros adultos, membros da comunidade. A reputação do indivíduo é algo extremamente importante e todas as suas condutas são

⁸⁶ Também abordamos a questão do uso e do tráfico de drogas, assaltos, roubos e a criminalidade em geral. Também no que tange a homossexualidade e prostituição. As pessoas envolvidas nesta situação são considerados párias sociais. São discriminados e possuem lugares próprios para ficarem, se ultrapassarem tais limites podem ser linchados e até mortos. “lá o povo é meio radical neste sentido”, afirma Carlos. As prisões levam a morte; tribunais separados... Mas devido à complexidade do assunto, não o abordarei aqui.

avaliadas: estudos; família a qual pertence; se já desrespeitou alguma moça; se brigou com alguém, entre outros. Se você tem uma má reputação não consegue emprego, casamento, ou seja, não consegue se sentir inserido de forma apropriada na sociedade e acrescenta: *por exemplo, ser estudioso é algo muito valorizado.*

Carlos vem do interior do Congo, da cidade Tshikapa, é o caçula de uma família de nove irmãos – dois meninos e sete meninas. A maioria mora fora do país e só vão ao Congo para passear e visitar a família. A primogênita terminou o ensino médio, é casada e mora no Congo. Um dos irmãos é médico formado no Congo, mas fez sua especialização e pós-graduação na África do Sul. Quatro irmãs estudaram fora do país, uma estudou na França, outra na Bélgica, Holanda e África do Sul, e outras duas se formaram no Congo. Uma das irmãs é casada com um sul-africano e as demais são casadas com congoleses. A segunda irmã quando saiu para estudar deixou o país quando Carlos tinha 4 anos e quando retornou para visitar o país ele já havia saído do país, eles nunca se encontraram. Carlos tem 32 sobrinhos e afirma: *quero me casar e ter uma casa cheia também. É bom demais!*

Segundo Carlos, no Congo tanto as escolas públicas como as particulares são pagas. As escolas públicas possuem um preço bem mais acessível que as escolas particulares. Estas além de serem mais caras são mais rígidas, possuem prestígio, e são na maioria de orientação católica. Apesar de sua família ser evangélica estudou em colégio católico. Cursou Engenharia de Minas em uma universidade privada, e quando estava quase se formando conseguiu essa “bolsa do PEC-G” – para cursar uma universidade gratuitamente no Brasil.

Perguntei a ele sobre a condição do programa – da necessidade de que a família comprove ser capaz de arcar com as despesas do estudante no Brasil. Carlos confirmou que a família foi o principal suporte financeiro. Atualmente recebe uma bolsa⁸⁷ mérito da UFJF – cerca de um salário mínimo, *mas essa bolsa a família nem sabe não, a galera usa para diversão, para aproveitar um pouquinho, brincar. As bolsas são poucas, a concorrência é muito grande, então a maioria dos estudantes conta apenas com a ajuda da família mesmo.*

⁸⁷ Há dois tipos de bolsa: a bolsa mérito – para recebê-la você deve ter um rendimento acadêmico acima de 80% - e a bolsa promissões, para a qual todos podem concorrer.

A mãe de Carlos era professora de geografia no ensino médio. Parou de dar aula quando o pai de Carlos faleceu, pois ele deixou para ela “algumas coisinhas” que lhe garantiam o sustento. O pai de Carlos foi uma pessoa politicamente atuante, também foi pastor e empresário. Possuía algumas fazendas e lojas e quando faleceu sua mãe herdou a maior parte dos bens e se aposentou.

O avô de Carlos era descendente de uma família real do Congo e tinha várias mulheres⁸⁸, por isso Carlos têm por parte de pai 54 tios. Sua mãe também era filha de um “rei tradicional” e possui 33 irmãos. O irmão mais velho do pai de Carlos se tornou o rei quando o avô morreu. *Ai quando a gente crescia em casa tinha um monte de gente, monte de primos e primas, não dava pra saber quem era irmão de sangue e quem não era, nos tratávamos todos como irmãos(...) aos dezessete anos descobri que só estávamos na casa eu e mais uma irmã do mesmo pai o resto era tudo primo. Ah, mas o ambiente era bom!*

O pai de Carlos morreu de parada cardíaca duas semanas antes da sua viagem para o Brasil, aos 76 anos. Tal fato fez com que ele quase desistisse da viagem: *era sábado, ele tinha comprado pra mim terno, gravata, camisa, sapato. Ele falou pra mim que comprou caro pra caramba. Porque a gente conversava como se fosse amigos mesmo sabe. Porque eu fui assim, o mais amado. Ele me chamava de ministro e eu chamava ele de presidente... Ele disse que comprou roupa chique pra caramba (...) roupas de marca – europeia e norte americanas – nós gostamos de roupa de marca...*

Seu último contato com o pai foi por telefone, quando lhe disse que enviaria para ele tudo que havia comprado – ele estava na capital resolvendo as questões da viagem – e justamente neste dia seu pai faleceu. No início a família não quis que ele soubesse para que não desistisse da viagem. Como já estava nas vésperas de embarcar e ficou sabendo da morte já muito perto do enterro ele não pode viajar para participar do sepultamento. Disse ter ficado muito desanimado e triste e que não queria mais viajar. Nessa indecisão acabou sendo o último dos seus conterrâneos a vir para o Brasil.

⁸⁸ Há uma mulher oficial que é a rainha e os herdeiros legítimos. As demais mulheres não possuem os mesmos direitos.

A mãe a principio não o incentivara, achava o Brasil um lugar perigoso. O pai, contudo, era o membro da família que mais o incentivou a estudar no Brasil:*uma dádiva que ele falava pra mim[...]qualquer lugar do mundo, qualquer canto do mundo sempre têm vida. O problema é você saber se encaixar. Se você souber se encaixar, mesmo onde tem guerra e tem fome, se você se encaixar nesse lugar você vai viver. E aí eu uso isso sempre pra mim. As pessoas perguntam e aí Carlos, você vai voltar? E eu digo, não sei, onde eu me encaixar melhor eu vou ficar, né?!*

Carlos viajou bastante pelo Brasil, conheceu cidades na Bahia, em Alagoas, Sergipe, Natal e outros lugares do Nordeste. Para o estudante, dentre os lugares que conheceu no Brasil o Rio de Janeiro foi o “mais especial.” *O carioca é mais aberto, direto, bem claro. O carioca conversa, é receptivo, simpático [...] Mas do lado da educação é complicado, não são muito educados não.* Perguntei a ele se achava – como já haviam me dito outros africanos – se os cariocas falavam muito “palavrão”: *nossa senhora! Quando a gente aprendia português no Rio, quando encontrava os cariocas ensinavam a gente a falar palavrão. Aí chegava na escola a professora falava bom dia e a gente dizia: tá bom pra caralho professora!*

No Rio ele morava com intercambistas africanos, numa república. Mas saíam para poder praticar o português e era quando os amigos cariocas ensinavam a falar palavrão. Disse que com o tempo foi aprendendo a diferenciar pelo jeito de falar *a isso aí é besteira* e a parar de cometer gafes como as que ocorreram na escola.

Carlos disse preferir a cidade do Rio de Janeiro a Juiz de Fora, mas nas universidades do Rio não havia vaga para seu curso. Quando cursava o quinto período na UFJF de seu curso surgiu uma vaga no UFRJ, mas ele desistiu porque teria de fazer matérias extras. *Mas eu adoro o Rio, qualquer feriado ou férias eu vou pra lá. Aqui, o povo de Juiz de Fora é mais educado, mas é um pouquinho fechado. Você tem que ficar em cima dele senão ele não fala nada.* Disse ter notado a diferença principalmente na relação com as mulheres, que no Rio se elas estão “afim” deixam claro. *Mas que em Juiz de Fora é mais difícil, as meninas não mostram nada.*

Perguntei ao Carlos se ele sentia diferença da forma como foi “recebido” em Juiz de Fora e no Rio. Ele disse que não, que só percebeu essa diferença, do carioca ser mais “aberto” e mal educado, e o juizforano educado, mas “fechado”. Carlos

disse não conhecer bem os paulistas, mas que seus amigos dizem que são os “piores” – os mais difíceis de conviver.

Falamos de um conhecido em comum também congolês, que viera para o Brasil há muitos anos como refugiado político. Reside em Juiz de Fora, dá aulas de francês instrumental na Universidade e também aulas particulares – não é professor efetivo, concursado. Hoje em dia não há migração para o Brasil de refugiados, este rapaz veio na época da dita esta foi na época da ditadura no Congo – todos que trabalharam com os políticos na época da ditadura, depois que ela acabou, tiveram que sair do país. Segundo Carlos o povo congolês sente saudade da ditadura, que “foi a melhor época do país”, que descobriram isso depois. Na época, o país estava com a economia comparável a do Canadá por exemplo, e melhor que a do Brasil.... O que havia de ruim era que o país “era dele” - Mobuto -⁸⁹, ministros ou eleições, era tudo por indicação dele. Carlos falou que hoje o país é uma democracia, perguntei a ele se “funciona” ele disse que sim, mas com roubo. Questionei se há muita corrupção e ele disse, *um pouquinho, né? Igual no Brasil.*

Sobre a expectativa de formar e retornar ao país de origem Carlos se expressa: *ai não sei, formo no fim do ano ou no meio do ano que vem. Onde tiver vida eu vou, se for aqui, ou se for no Congo. Mas acho que vai ser aqui, porque aqui tem bastante chance de empregos, e o fato de falar francês e inglês me ajuda muito.*

A: Mas e o a regra do PEC-G sobre Ter que voltar, inclusive o diploma só é entregue lá.

C: *Então, só têm que ir lá para pegar o diploma... fora isso, tá tudo tranquilo, Sem problemas.*

3. Paulo:

Paulo é de Guiné Bissau, da capital Bissau, tem 23 anos e é aluno do curso de Ciências Contábeis da UFJF, também ingresso pelo PEC-G no ano de 2012. Coursou o ensino fundamental e médio em escolas particulares de Guiné Bissau. Afirma

⁸⁹ Mobutu (1930-1997) foi presidente do antigo Zaire entre 1965 e 1997, atual República Democrática do Congo . Foi um dos mais poderosos governantes do continente africano. Mais informações em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/mobutu.jhtm>

que, como no Brasil, o ensino público é bastante precário, ocorrem muitas greves que depois obrigam os alunos a pagarem durante as férias, além do ensino não ser de qualidade como nas escolas privadas. O ensino privado, segundo Paulo, possui maior credibilidade apesar de também depender do desempenho individual; por outro lado, há muitos alunos de ensino público que conseguem superar as adversidades e “crescer”.

Em Guiné existem universidades estaduais e são de difícil acesso devido ao processo de seleção, mas diferentemente do Brasil, os alunos do ensino público acabam por ocupar a maior parte das vagas oferecidas. Há uma política de favorecimento aos mais carentes, semelhante à política de cotas no Brasil, porém com um percentual de vagas maior destinado aos mais pobres.

Paulo vem de uma família monoparental, não conviveu com o pai. Disse que sua mãe desde pequeno foi sua *mãe, vó, tudo mesmo...* Em sua casa moravam ele, a mãe e a avó. Seu avô apenas visitava a casa deles, mas foi ele quem a construiu. Como outros homens de Guiné, possuía mais de uma mulher. Paulo argumenta que *este é um costume antigo, que o homem podia ter várias mulheres, mas isso com nós jovens está mudando, temos outra mentalidade*. Afirmou ser apegado ao avô, que era muito presente em sua vida. Ele morreu em 1997, quando Paulo tinha sete anos. Sua família descende da etnia Pepé Manjalo, mas por ser também católica, os ritos do qual participava eram diferenciados e não havia regras quanto à poligamia. *A gente era católico mas a gente fazia a nossa religião. Protestante que não gostava, tinha muita regra, sabe*. Segundo o estudante a maior parte do país é católico. Segundo ele, com a migração de diversas etnias - fula, mandingas entre outros - atualmente cerca de 25% da população do país é muçulmana.

Seu pai é guineense, mas vive na Espanha desde a infância de Paulo; migrou para trabalhar, em busca de melhores condições de vida, apesar de nunca ter apoiado sua família financeiramente. Seus pais eram casados, mas *foi aquelas coisas de juventude*. *Minha mãe era muito jovem, tinha cerca de 19 anos ou 20. E meu pai e ela moravam no mesmo bairro, namoravam desde jovens... minha mãe conta sempre a história*. Quando sua mãe engravidou seu pai “abandonou a família”, “conseguiu” ir para Portugal e de Portugal para Espanha. Disse que com certa idade perguntou a mãe o paradeiro do pai e foi quando ela “começou” a contar-lhe como

tudo aconteceu. Paulo viajou para a Espanha em 2009 para conhecer o pai. *Foi muito bom cara! Antes eu não tinha vontade de ir porque eu odiava meu pai cara!*

Hoje sua mãe, que trabalha como contadora, se casou novamente e tem uma filha de 8 anos. Segundo o estudante a família materna é de classe média e por isso ela teve a oportunidade de estudar e também teve ajuda para criá-lo. Perguntei sobre o que seria a classe média em Guiné Bissau: *a minha mãe pode estudar, passear. A gente tinha uma condição de vida boa mesmo. Mas não é rico não.* É provável, que diante a condição de vida da maioria da população de Guiné Bissau a família da mãe de Paulo e de outros guineenses que aqui conheci, faziam parte de uma restrita classe média já que outros guineenses afirmam que há condições de vida bem precárias no país. Antônio, por exemplo, afirmou que cerca de 50% da população é analfabeta.

O estudante afirma que a vontade de estudar fora do país começou cedo, porque sempre quisera conhecer outras partes do mundo. Em 2009 quando viajou para a Europa passou uma semana em Portugal na casa da tia e depois pegou um metrô para a Espanha, onde ficou por mais de um mês com seu pai.

Assim que voltou para Guiné começou a se preparar para o *vestibular no Brasil* – como ele disse. Aprovado no processo de seleção, disse que o que o trouxe ao Brasil foi o PEC-G: *porque aqui é uma cooperação para estudar aqui, né? Através do PEC-G, era minha chance.*

Perguntei a Paulo por que o Brasil: *eu gostei do Brasil, tipo assim... Meus conterrâneos já estudavam aqui, era mais fácil pra mim estudar aqui. Minha mãe queria que eu estudasse na Rússia porque meu tio estudou lá. Ele foi pra lá em 83, fez agronomia. Agora ele tem família lá, tem casa...*

Paulo explicou que a princípio se animara com a ideia de ir para Rússia⁹⁰ mas depois pensou bem e viu que haveria muitas dificuldades, como a língua que ele teria de aprender e também conviver com o racismo, que segundo ele é muito acentuado. Seu tio conversara com ele sobre isso, relatou muitas situações de preconceito pelas quais tinha passado. No entanto, o tio diz que as coisas têm

⁹⁰ Como relatado no capítulo 3 desta dissertação os principais destinos dos estudantes africanos dos países lusófonos após a Independência eram os países de orientação comunista como Cuba e a extinta União Soviética.

mudado por lá, que agora que ele havia se casado e tido uma filha – com uma moça russa – as coisas estavam melhores neste sentido.

Então quando surgiu a oportunidade de vir para o Brasil ele achou melhor. Ouviu sobre a fama do brasileiro ser hospitaleiro, e que o idioma português o ajudaria. Disse ter ponderado sobre a história do Brasil e sua relação com a África. Pensou que se sentiria menos “estranho” aqui do que na Rússia. Indaguei então sobre a possibilidade de estudar em Portugal – o que muito dos seus conterrâneos fazem – ele disse que nunca pensou nesta possibilidade *porque é muito foda Portugal, porque têm muita gente que vai pra lá estudar, mas acaba seguindo uma vida de balada, minha mãe não queria isso.*

A: Mas no Brasil também tem muitas baladas nas quais os estudantes podem, digamos, se perder...

P: *Mais é diferente... e estudante não tem como, é saber dividir as coisas. Estudante também tem que se divertir, não adianta ficar estudando como um carola.*

Sobre o processo de seleção para conseguir uma vaga através do PEC-G, Paulo diz que a acha a concorrência muito acirrada em Guiné Bissau – eram mais de 300 concorrentes para 120 vagas. Disse que além de sorte ele também possui mérito próprio - principalmente pelo seu histórico escolar, pois 50% da seleção é uma análise do histórico e as demais documentações, e 50% a prova escrita⁹¹. E explica: *you can buy a good diploma there, but the exam is important, because you will test your knowledge, your handwriting, your writing. It is not like forging.*

Perguntei sobre o apoio da família para que viesse ao Brasil e mais uma vez a resposta foi negativa. Sua mãe - muito cuidadosa com ele, por ser seu único filho homem - era contra, pelos mesmos motivos narrados por outros estudantes: o alto índice de criminalidade no Brasil. Além disso, o Brasil por ser bem longe de Guiné Bissau, deixava sua mãe ainda mais apreensiva. Ele disse que com o tempo, dizendo a ela como era importante para ele estudar e como queria muito vir para o Brasil

⁹¹ Durante a realização de outras entrevistas ainda não havia sido citado um processo de seleção com uma prova escrita no país. Paulo foi um dos últimos guineenses a migrar para o Brasil através do PEC-G, que passara por algumas mudanças no seu processo seletivo.

acabou por convencê-la. Paulo argumenta que entende que na maior parte do mundo há violência, criminalidade, etc.

Sobre o critério sócio-econômico para a vinda dos africanos ao Brasil Paulo disse o seguinte: *isso é o que mais conta, não adianta falar que você tem um tio que vai te ajudar – se tivesse ido para a Rússia . No meu caso, se não fosse a minha mãe eu ia ficar lá, ralando lá em Guiné cara! Mas minha mãe tipo, tem uma condição normal, não é ótima, é normal. Minha mãe tem casa, tem carro. Ela nem se importa muito com isso. Igual carro... ela até comprou um taxi para fazer um dinheiro lá e me sustentar [no Brasil] lá você pode ser um empresário individual, comprar um transporte para seu benefício mesmo.*

Questionei a ele se sua posição socio-econômica foi um critério importante para que fosse selecionado. Ao mesmo tempo em que ele diz que não, pois é o último critério a ser avaliado, diz também que as pessoas que não possuem essa condição acabam por não vir, pois o custo de vida no Brasil é bem mais alto do que em Guiné Bissau. Além disso, não teriam como arcar com as despesas dos trâmites burocráticos e com a viagem.

Paulo chegou ao Brasil em fevereiro de 2012. Desembarcou em Fortaleza, depois foi para Belo Horizonte, onde pegou o ônibus para Juiz de Fora. Disse que a escolha de estudar Ciências Contábeis na UFJF se deu em parte por não ter conseguido vaga para o mesmo curso em Fortaleza – UFC-nem em São Paulo - USP. Ele havia escolhido primeiramente estas cidades por já haver conhecidos e parentes morando lá. Em Juiz de Fora ele não tinha nenhum amigo ou conhecido, mas como só havia vaga para o curso desejado aqui, optou por vir e *não desistir. Pensei, se só tem vaga lá eu vou encarar. Se já tem africano lá eu vou mesmo lá cara!* Então, através das redes dos guineenses conheceu um rapaz que morava em Juiz de Fora, estudante do PEC-G que o recebeu e o ajudou nos primeiros meses de adaptação. Este amigo já se formou, agora trabalha no Rio e está tentando o mestrado.

Conversamos sobre a obrigatoriedade do retorno após se formar – como já foi explicado anteriormente, o diploma só é entregue no país de origem e caso o estudante permaneça no Brasil após o prazo determinado sua situação se torna ilegal – esta é uma questão complicada já que muitos não desejam voltar a seus países. Paulo diz que é complicado, pois não “podem” concorrer com os brasileiros – no

mercado de trabalho e também nas seleções de mestrado e doutorado. Pessoalmente, Paulo afirma não ver problemas quanto à obrigatoriedade do seu retorno, que ele entende que é importante voltar ao seu país para poder *contribuir com o seu desenvolvimento*. Ele afirma que há *uma vida lá* o esperando, sua mãe e sua família. Mas que só não voltaria caso se casasse aqui, se tivesse filhos. Aí ele ia preferir ficar.

Relatou que suas primeiras experiências na UFJF foram tranquilas. No início morava com o amigo que o recepcionara e que agora mora no Rio – atualmente mora com Hilton, um congolês estudante de arquitetura na UFJF. Diz que a convivência com os africanos é muito amigável, que as brigas são poucas e amenas. Paulo conseguiu uma bolsa promissa através do governo guineense e também conseguiu ser atendido pelo apoio estudantil da UFJF, trabalhando na Central de Atendimento da universidade. Mesmo assim ainda conta com a ajuda de sua mãe, como disse ele, *por garantia*.

No início se sentiu um pouco sozinho e com muita saudade de casa. Mas disse que sempre teve uma convivência boa com os brasileiros na universidade, o que o ajudou muito. *Não tenho nada a reclamar, graças a Deus. Eu gosto de conhecer as pessoas, eu vejo as pessoas... escolho os amigos, com quem falar, desde o início da faculdade. Não vou falar que todo mundo é bom... Eu não desrespeito ninguém e também não gosto de desrespeito, de fazer gracinha, falar o que vêm na cabeça... aí dá tudo certo. Graças a Deus nunca tive briga, graças a Deus e a educação que minha mãe me ensinou.*

Fez algumas viagens para o Rio de Janeiro e para Fortaleza a passeio, mas que conviveu apenas com seus conterrâneos nesses lugares, portanto não sabe diferenciar se as pessoas desses lugares são “diferentes” das pessoas de Juiz de Fora. Ele diz que não concorda com a fama dos juizforanos serem fechados, diz que alguns são e outros não. Mas que na faculdade alguns também acham que ele é metido, por ele ser mais “na dele”. Mas que quando as pessoas o conhecem mudam de opinião. *Qualquer parte do mundo você vai fazer apenas alguns amigos, não dá pra ser amigo de todo mundo.*

Perguntei a ele sobre viajar a Guiné-Bissau de férias, já que a maioria dos seus conterrâneos passa mais de cinco anos sem voltar ao país. Contou que está negociando com sua mãe uma viagem a Guiné para passar as férias no final de 2103

e início de 2014, mas que vai depender, sobretudo, do calendário da universidade devido às greves. Afirma não ser fácil, pois os custos da viagem são altos, que ele e sua mãe estão juntando dinheiro para isso. Mas como sua avó está muito velhinha-87 anos – ele não quer ficar muito tempo sem vê-la, pois caso aconteça algo ele vai ficar muito arrependido. Diz também ter saudades dos amigos de infância: *as amizades que tenho lá nunca vou ter aqui cara!*

Disse que no início passou por uma crise de se sentir arrependido e de querer voltar, e que acha isso normal. Pois todos quando chegam se sentem sozinhos, começando tudo novo: *lembro da vida que eu tinha lá... era mais fácil. Nem todo momento aqui é bom, né?* Paulo fala sobre ter assumido uma outra postura sobre a vida ao migrar para o Brasil. Em Guiné Bissau morava com a família, era “cuidado” aqui tem de ser mais responsável e dono de si, pagar suas contas, está é uma coisa que o pressionou muito no início.

Os costumes no Brasil que mais causaram estranhamento ao estudante foram os mesmo que ele experimentou na Europa: *diferença nas turmas, sabe? Têm uns que te cumprimentam, outros que não te cumprimentam, e eu não convivi com isso sabe. Lá [Guiné Bissau] todo mundo convive junto, brinca junto... mas agora já estou acostumado aqui no Brasil.*

Perguntei a ele sobre as mulheres, se ele achava que o comportamento era muito diferente. Sobre o que ele achava, por exemplo, dos movimentos feministas na universidade:

P: *Pô, isso lá é o que mais existe, que isso!*

A: Lá existem muitas feministas?

P: *Feministas em que sentido assim? Que não gostam de ser mandadas pelos homens?*

A: É...tipo isso...

P: *Pô, mulher é muito foda lá! Que isso cara, tipo, a mulher se respeita, entendeu? E minha mulher tipo, eu vou respeitar o sexo da mulher... trabalho, emprego.*

A: Mas lá, por exemplo já existe a busca por direitos iguais?

P: *Agora tá tendo. Tem uma religião lá, muçulmanos. Que é foda cara. Mulher não pode estudar⁹², não pode ter emprego. Mas é uma coisa geral da religião, não só do meu país... Lá mulher – hoje em dia – fica solteira porque não gosta de homem vagabundo, que não trabalha...*

A: *Lá tem muito homem “vagabundo”?*

P: *Vagabundo do tipo que não respeita a mulher, entendeu? Chega lá, a mulher tem que fazer tudo pra ele. Então agora a mulher prefere, mesmo que tenha um filho, prefere ficar solteira. De 100% das mulheres lá, que eu vejo, só 40% são casadas. A nossa geração ainda não sei pode estar se adaptando, mas a geração da minha mãe é assim.... Hoje em dia nenhuma mulher quer saber de homem que têm mais de duas mulheres... acho que minha geração não quer mais isso.*

O assunto se enveredou para o racismo – um dos motivos pelos quais havia desistido de migrar para a Rússia. Paulo, como muitos africanos, não concorda que haja racismo no Brasil. Vê a “segregação” que se opera mais no âmbito econômico como um auto-preconceito dos negros, que se sentem inferiores. Afirma que os negros brasileiros não se orgulham de sua cor como os africanos e os negros americanos.

A: *E entre os africanos, há uma amizade mais geral aqui. Ou você acha que pode haver mais uma divisão entre países, ou também por afinidade?*

P: *Não, não. Acho que rola tudo, a gente é irmão aqui cara. Africano cara, a gente é tudo negro. A gente sabe cara, não tem esse negócio de país. Eu moro com Hilton de outro país – Congo – a gente se dá muito bem aqui, ele é meu irmão. Até nos EUA cara, pela história dos EUA era preconceito cara, os negros só vacilavam... Você viu aquela história do menino negro que foi confundido com assaltante e morto pelo policial. Ow, todos os negros lutaram, até o Barack Obama, os negros famosos... Mas se fosse aqui no Brasil quem ia importar? Morreu, morreu é bandido cara. Os negros no*

⁹² Em Recife, no I Encontro Internacional do Estudantes PEC-G e PEC-PG, conheci uma moça muçulmana que estava no Brasil há cerca de cinco anos para cursar o ensino superior oriunda de Guiné Bissau, mas de fato é notório que as mulheres, principalmente as de Guiné Bissau migram em menor número.

Brasil não são unidos, eu acho isso! Pra história do Brasil mudar os negros têm que se unir, tem que sentir orgulhoso...

Neste momento seu argumento quanto à situação social da sua família muda. Ele afirma ser pobre, e que sua mãe e seus tios tiveram de estudar muito pra melhorar de vida: *pô, os brancos estudam pra caramba, por isso.*

A: Você acha que no Brasil os brancos estudam mais que os negros por uma questão de opção mesmo?

P: *Ah, mais ou menos cara. Aqui a gente vê muita negra, muita pobre engravidando com 15, 16 anos... é difícil ver isso lá em Guiné.*

A: Mas lá em Guiné Bissau também há uma boa parte da população que não tem acesso ao ensino, não é?

P: *Têm, mas só se você não quer estudar, porque tem escola pública...*

A: Mas e os conflitos políticos que ainda acontecem em Guiné Bissau, com sucessivos golpes de Estado, falta de liberdade de expressão e perseguição política. Você não vê isso como um conflito gerado também pela desigualdade econômica? Como é?

P: *O conflito político em Guiné têm muito a ver com conflito de etnias que querem dominar o país...*

Outra questão abordada na entrevista foi em relação a um estranhamento observado em campo: a convivência com os homossexuais. Como já tratada anteriormente, a maioria dos africanos que conheci – evangélicos, católicos e muçulmanos – se espantam com a presença e a “liberdade” de ser homossexual no Brasil. A maioria é categoricamente contra. Não é o caso de Paulo, que falou do assunto de forma a não demonstrar uma opinião definida, mas segundo ele não há homossexuais em Guiné Bissau: *a África ainda tá muito atrasada nisso aí. Nunca vi gay nem travesti, nem nada disso em Guiné...*

No fim da entrevista, enquanto caminhávamos de volta a universidade – todas as entrevistas foram realizadas na residência dos entrevistados quando os mesmos estavam sozinhos – Paulo afirmou: *sabe Aline, se me perguntarem quem sou digo que em primeiro lugar sou africano, depois guineense.*

As reflexões suscitadas pelas entrevistas com estes três estudantes africanos apresentam formas distintas e também similares de vivenciar a experiência migratória para o Brasil.

David, por exemplo, relatou suas experiências negativas na convivência universitária, as brincadeiras de “mau gosto” e um estranhamento profundo com os costumes dos jovens brasileiros. O estudante - oriundo de um estrato social mais carente - narra a trajetória dos seus irmãos no sentido de buscar, através do estudo e da migração estudantil, meios para sua família ascender socialmente social. Também apresenta uma preocupação com o retorno e com o desenvolvimento do seu bairro e a possibilidade de se tornar um exemplo de vida para os jovens de sua comunidade. Deste modo inclui como parte do seu “projeto” o objetivo de retornar e mostrar que “batalhar” pelo curso superior é o meio mais propício para mudar as condições de vida da população.

Carlos e Paulo apresentam uma experiência migratória menos conflituosa. Suas famílias são de classes mais favorecidas; já haviam viajado para outras partes do mundo e disseram se sentir mais a vontade no contexto da sociabilidade estudantil brasileira. A posição econômica mais confortável pode ser um possível fator de atenuação dos conflitos objetivos e subjetivos que ocorrem no processo de deslocamento e a inserção na sociedade de destino.

A importância das redes sociais para a concretização do “projeto” da migração estudantil é um ponto em comum, principalmente nas falas de David e Paulo. Ambos relatam que a presença de conterrâneos no Brasil os motivou na escolha do país e da cidade para cursar o ensino superior: as redes operaram de modo a interligá-los em todo o processo, na escolha, na viagem, na hospedagem e nos primeiros meses que são os mais difíceis na adaptação do estudante no novo contexto social. As redes sociais também funcionam após a chegada, de modo a mantê-los em constante contato com outros africanos. Eles saem juntos, frequentam a casa um dos outros, promovem festas onde se encontram e celebram a cultura africana e/ou as de seus respectivos países. Todos os estudantes entrevistados eram amigos entre si e durante vários momentos das entrevistas se referiam uns aos outros, incluindo-os na narrativa de suas trajetórias e nas experiências vivenciadas no universo da sociabilidade estudantil juizforana.

Para além das entrevistas, à maior parte dos interlocutores da pesquisa se conhecem e a grande maioria são amigos. Neste sentido, é possível vislumbrar no contexto migratório formação de uma “comunidade africana”, interligada em redes, que opera como uma espécie de auxílio mútuo através da confraternização e da

solidariedade forjadas de modo a construir “um lugar comum” no qual estes estudantes se sintam inseridos e apoiados.

O fato de todos os estudantes terem narrado uma visão negativa do Brasil antes da migração merece atenção especial. A ideia de um Brasil extremamente pobre e violento por parte destes estudantes chama atenção já que esta também é uma visão que grande parte dos brasileiros possui do continente africano. Esta representação, construída através dos veículos midiáticos, opera de modo a obscurecer um entendimento mais complexo e profundo sobre o que se passa nos dois lados do Atlântico. Tanto os países africanos dos quais estes estudantes são oriundos, como o Brasil, possuem graves problemas sociais, mas é notório que nos espantemos – africanos e brasileiros - com a forma exacerbada pela qual nos olhamos reciprocamente. Desta forma, a migração estudantil de africanos para o Brasil, e o intercambio cultural por ela propiciado, pode nos ajudar a desconstruir uma visão extremamente negativa e enviesada de ambos os lados, através das conversas e dos esclarecimentos mútuos acerca de ambas as realidades, como muitas vezes presenciei nas conversas entre africanos e brasileiros.

A esta visão negativa do Brasil construída em seus países de origem, se contrapõe a outra que é a de uma extrema “valorização do lar”. David fala de Cabo Verde e seu bairro Coqueiro, enfatizando não só as “melhores fases da sua vida” como também trazendo comparações sobre o caráter e a personalidade de caboverdianos e brasileiros. Deixa claro, por exemplo, que os caboverdianos são mais “amigos”, “leais” e “respeitosos”. Fala também de um contexto no qual não existe racismo, de valorização da família, etc. As experiências narradas por David trazem um brasileiro genérico, que “brinca muito” e “desrespeita”. Sua fala é sobre as dificuldades em estabelecer relações de amizade com estes brasileiros a princípio, trazendo toda responsabilidade – de uma experiência conflituosa – para estes. Motivado por um contexto mais individualista brasileiro que se contrapõe ao seu contexto de origem, mais comunitário, e desta forma mais valorizado pelo estudante, afirma, por exemplo, que “está aprendendo a lidar” com os estudantes brasileiros e que antes era “bobo”, deixando subentendido que ficar “esperto” é desenvolver uma espécie de “malícia” na qual ele seja capaz de interagir neste “outro” universo social. Ao mesmo tempo, fala de sua decepção com alguns africanos, ou seja, os conflitos não se restringem entre ele e os brasileiros, os conflitos são, portanto, parte

do contexto social no qual está se inserindo; são também parte do processo de adaptação do estudante ao Brasil e das questões subjetivas e objetivas que implicam cursar o ensino superior em outro país.

Carlos traz em sua narrativa a ideia de que seu país de origem – o Congo – possui costumes e valores mais rígidos, que são compartilhados e vivenciados intensamente pela sociedade de forma mais homogênea. Fala também de um Congo econômica e socialmente mais desenvolvido que o Brasil, onde mesmo em contexto de desigualdade econômica, a desigualdade social não se faz presente. De modo a deixar entender que não faz “tanta” diferença “ser pobre ou rico no Congo”, já que socialmente todos possuem os mesmo valores e direitos. Tal visão é de certa forma paradoxal, já que Carlos narra também o valor do estudo em seu país, a história de vários irmãos que migraram para estudar e com isso, construíram carreiras que lhes permitissem uma condição econômica mais confortável. Sendo assim, é possível pensar que há uma “supervalorização do lar” como o lugar ideal, um país que é, por exemplo, melhor de se viver que o Brasil.

Tanto Carlos como David, trazem suas narrativas a valorização de um contexto social mais comunitário em contraposição a sociedade brasileira na qual tal sentimento de “pertencimento comum” e solidariedade parecem estar ausentes. No caso do racismo, por exemplo, a responsabilidade é atribuída aos próprios negros, por não valorizarem sua “cor” e pelo fato de não se unirem, e principalmente, de praticarem preconceito uns contra os outros.

Paulo é mais jovem e no momento da entrevista estava no Brasil há pouco mais de um ano. Apesar de ter uma ideia parecida com a de Carlos quanto ao racismo brasileiro, narra uma percepção diferente da de Carlos e David em relação a sua terra natal – Guiné Bissau. Paulo afirma que o país está sofrendo transformações significativas em relação à condição das mulheres; em relação as uniões matrimoniais e questões sociais mais abrangentes. Ele passa a ideia de uma juventude que está disposta a romper com as tradições de modo a operar transformações que visem “melhorar” as condições de vida da sociedade guineense. Apesar de relatar a saudade da família e dos amigos, ele não supervaloriza os costumes e o caráter dos seus conterrâneos como os outros dois entrevistados. Desta forma é possível refletir que uma nova geração de migrantes possa estar mais

disposta a ponderar as diferenças culturais e sociais entre a sociedade de origem e a de destino, do que a geração anterior.

Com exceção de Paulo que é o primogênito de sua família, os estudantes apresentam trajetórias que mostram que há uma geração de africanos que saem de seus respectivos países para cursar o ensino superior e encontram-se espalhados pelo mundo. A geração de seus pais, por exemplo, não empreendeu o “projeto” da migração estudantil de forma significativa. Mesmo que haja uma história da migração estudantil de africanos que remonte ao início do século passado, é no período atual que o fenômeno têm se acentuado, e possibilitado, por exemplo, que um estudante como David, pertencente a um extrato mais pobre da sociedade caboverdiana, cursar o ensino superior em solo estrangeiro.

Para Gilberto Velho (1994; 1978), quando os indivíduos empreendem seus projetos, estes “precisam nascer e ser comunicados em ambientes essencialmente fragmentários”; eles o fazem dentro de um “campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes”(VELHO, 1978, p. 20). Além disso, os projetos são por si só complexos, e neste contexto os indivíduos podem ser portadores de projetos que a princípio possam parecer diferentes, ou até mesmo contraditórios. Como é o caso de sair do país de origem para estudar com o objetivo de retornar após se formar, retorno este que visa contribuir com o desenvolvimento do país – como é o discurso oficial do PEC-G -, ou para contribuir no sustento familiar ou o desenvolvimento de sua “comunidade – como David se propõe. Os projetos envolvidos na migração estudantil estão imbricados na própria demanda da modernidade, na qual temos que nos reinventar ao mesmo tempo em que temos de ser únicos. Paradoxo no qual pode se vislumbrar uma fragmentação externa – as demandas sociais - de modo a refletir a fragmentação interna – os múltiplos pertencimentos - e vice-versa, uma espécie de jogos de espelhos, que segundo Velho:

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de *ethose* visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será sua autopercepção de *individualidade singular*. (VELHO,1994 *apud* VIANA *et al*, 2013: 21)

A diferença da migração estudantil dos demais tipos de migração é que esta pretende ser temporária, ao mesmo tempo em que estes indivíduos não possuem um projeto concreto de retorno. Ficar, retornar ao país de origem ou migrar para outro país são possibilidades que se apresentam, num (re)definir permanente dos projetos de vida. A identidade neste contexto apresenta-se em suspenso, liberdade propiciada pelo universo da sociabilidade universitária, que de certa forma “protege” estes estudantes no período de formação superior. No entanto, de acordo com o contexto social, familiar e econômico, diferentes pressões sociais são exercidas. No plano objetivo e dentro dos parâmetros do PEC-G, o compromisso com o retorno e as diversas regras que os impedem de trabalhar, estudar em cursos noturnos e permanecer legalmente no Brasil depois de formados. No plano subjetivo, o compromisso com a família e a comunidade, a saudade de casa; ou no caso de se pretender ficar, a decisão de romper com essa etapa da migração estudantil, tornando-se um trabalhador e/ou um pai de família em terras estrangeiras.

8 - Considerações finais:

Influenciados pela ideologia moderna, nos habituamos a conceber o indivíduo nas análises sociais, como uma representação que parte de uma unidade particular, ao mesmo tempo em que este é constrangido a valorizar constantes transformações. Paradoxo no qual, ao associar forças sociais contraditórias, como projeto e identidade, levou o antropólogo Gilberto Velho (1994) a utilizar como categoria analítica a metáfora da “metamorfose”. A metamorfose seria um processo social pelo qual o indivíduo se move de forma contínua entre códigos distintos, de modo e se (re) construir permanentemente. Ao recorrer a essa percepção de mudança que o conceito de metamorfose implica, caracteriza-se o trânsito permanente entre os distintos papéis sociais que nos leva à vida nas sociedades atuais. “O indivíduo é, mas pode não ser o mesmo”, quando, por exemplo, escolhe migrar do seu país para cursar o ensino superior. Mudança individual que muitos se propõem/ou estão sujeitos nas sociedades contemporâneas. Influenciada por essa perspectiva analítica – entre outras – busquei refletir acerca das transformações da identidade negra, transformações estas que sempre estiveram presentes nos intercâmbios culturais empreendidos pela diáspora dos africanos, atribuindo a eles papel importante na construção do que chamamos de modernidade.

Assim, é necessário compreender de que forma os atores constroem essas categorias – identidade, papéis sociais e projeto - que colocam em ação, para refletirmos acerca dos princípios que organizam o trabalho de produção simbólica da realidade. Motivada por tal questão busquei uma análise sócio- histórica dos países africanos que fornecem estudantes migrantes para o Brasil; assim como a relação Brasil-África e também sobre a (re)constituição de uma identidade negra no século XX. A situação pós-colonial não caracteriza apenas as ex-colônias, mas é também traço importante para se entender as ex-metrópoles e os intensos fluxos migratórios, assim como onde eles se inserem na atualidade (CUNHA, 2009). Portanto, à análise histórica dos povos negros espalhados pelo mundo se apresenta na investigação no intuito de compreender de que modo a noção "campo de possibilidades" se insere no universo das migrações estudantis de africanos para o Brasil. A importância da abordagem histórica na presente pesquisa é direcionada na busca de reflexão de sua gênese, de como se relacionam entre si, e

mais, como são as estratégias individuais que perpetuam ou desafiam essa configuração objetiva, para a devida compreensão das alternativas que os grupos sociais constroem para si. Sem este entendimento, a partir do ponto de vista do presente estudo, tornar-se-ia impossível a reflexão de como os interlocutores da pesquisa escolheriam ou transitariam dentro do projeto traçado na migração para o Brasil, em busca do ensino superior; entre a sociedade de origem e a de destino, assim como suas “margens de manobras” e iniciativas.

A intenção foi entender os negros como agentes políticos, do período colonial aos dias atuais - passando pelo entendimento do que Gilroy chamou de “Atlântico Negro”, como uma metamorfose identitária que alavancou esses sujeitos à categoria de indivíduos – antes negadas pelo ocidente – de modo a propiciar novos “papéis sociais” por eles desempenhados.

Compreender a migração estudantil de africanos para o Brasil e o contexto lúdico do ambiente universitário; assim como os conflitos vivenciados na interação com os brasileiros, nos leva à tentativa de apreender algumas das especificidades essenciais das sociedades contemporâneas: a fragmentação identitária; a multiplicidade de papéis sociais, através de um permanente vai-e-vem entre mundos possivelmente antagônicos, ou seja, coloca definitivamente em cheque a noção de homogeneidade social ou cultural. “Ser africano” no contexto migratório traduz a necessidade de “forjar” uma identidade continental, acionada de modo a atenuar conflitos e a propiciar a inserção no novo universo social. O estabelecimento de uma “comunidade africana” pode ser entendido também como um conjunto de laços e vínculos de solidariedade e apoio mútuo, amenizadores de tal maneira, em que o “estar longe de casa” seja sentido de forma menos intensa, ao mesmo tempo em que se cria uma representação que implique papéis sociais mais definidos por esses estudantes, de maneira que logrem “se apresentar” como tal à sociedade na qual buscam se inserir.

Na análise antropológica atual é necessário lidar simultaneamente com a problemática de unidade e fragmentação proposta por Velho (1994), para que seja possível a reflexão sobre o trânsito dos indivíduos entre as alternativas que as sociedades deixam em aberto, e por outro lado, compreender de que forma estes indivíduos levam a cabo seus projetos individuais a partir da realidade e as experiências vividas. Ser estudante caboverdiano e africano, por exemplo, é uma

forma de vivenciar o contexto migratório e universitário, identidade que não é produzida somente pelo seu contexto de origem ou a partir de escolhas objetivas do indivíduo, é produzida principalmente na forma pela qual este universo universitário o “acolhe”. Desta forma, é possível ver a identidade de forma fragmentada, ao mesmo tempo que ilustra a maneira como os processos sociais - imbricados no processo migratório - operam de modo a tornar as “escolhas” possíveis. Dentro desta perspectiva, há o reconhecimento de que as experiências em comum vividas pelos indivíduos – e suas culturas e identidades em fluxo – relacionam-se com a própria produção da(s) sociedade(s).

A Cultura não é uma entidade definida, mas uma linguagem acionada e modificada constantemente, pelos sujeitos que desempenham ‘papéis’ ao mesmo tempo em que vivenciam experiências particulares. A estrutura social, por sua vez, não é homogênea em si mesma, mas deve ser uma forma de representar a ação social de atores diferentemente e desigualmente situados no processo social. Estrutura social, *tout court*, pouco pode valer se não for utilizada com a preocupação de perceber não só a continuidade da vida social, mas a sua permanente e ininterrupta transformação”(VELHO, 1974 *apud* VIANNA *et al*, 2013, p.18).

Manuela Carneiro da Cunha (2009) chama atenção para o fato de queos antropólogos foram os principais provedores da ideia de “cultura”, que posteriormente passa a ser adotada e renovada nas “periferias”, como um argumento político e utilizada como *arma para os fracos*. Esta “cultura” seria algo que os povos – a análise de Cunha trata dos povos tradicionais indígenas - já teriam previamente consolidado. A maior parte destas sociedades “periféricas” compreenderiam a noção de “cultura para si”, para que pudessem exibí-la diante do mundo, celebrando-a e utilizando-a no intuito da reparação de danos políticos sofridos durante anos de subordinação, processo que se apresenta de maneira que os possuidores desta “cultura” busquem demonstrá-la performaticamente.

A perspectiva analítica de Manuela serve para uma reflexão acerca das festas africanas no contexto migratório. Celebrar a África de forma positivada, trazendo seu “exotismo” como produto, ao mesmo tempo a afirmação de sua importância para os brasileiros. Assim, celebram este lar “idealizado”e saudosista que serve simultaneamente para aplacar a saudade da terra natal e reafirmar seus valores e o pertencimento comum.

Segundo Manuela, a cultura (sem aspas) é um conjunto de esquemas interiorizados que organiza a percepção e a ação das pessoas, garantindo um certo grau de comunicação entre grupos sociais. Portanto, para a antropóloga, a cultura é compartilhada por todos em determinados contextos, já que ela se apresenta como um complexo de pressupostos e modos de pensamentos, hábitos, estilos que interagem entre si. Sendo assim, as diferenças entre a cultura e a “cultura” apresentam disparidades significativas em termos analíticos, pois não pertencem ao mesmo universo de discurso. (CUNHA, 2009)

Manuela afirma sobre sua opção por colocar a “cultura entre aspas” quando está se referindo aquilo que é dito acerca da cultura. E ainda:

[...] falar sobre a “invenção da cultura” Não é falar sobre cultura, e sim sobre “cultura”, o metadiscurso reflexivo sobre a cultura. O que acrescentei aqui é que a coexistência de “cultura” – como recurso e como arma para afirmar identidade, dignidade e poder diante de Estados nacionais ou da comunidade internacional – e cultura - aquela rede invisível na qual estamos suspensos – gera efeitos específicos(CUNHA, 2009, p.373).

É possível refletir sobre as representações culturais forjadas pelos africanos utilizando o conceito de “cultura”. A XV Festa Africana, narrada no capítulo seis, nos dá uma dimensão da manipulação dos elementos culturais africanos de modo a promovê-los e exibi-los enquanto portadores da “cultura” de seus países. As danças, os trajes, as comidas típicas são usadas como parte de uma performance, que busca revigorar a inserção como estrangeiro portador de valores, costumes e condutas diferenciadas, e também da atuação política destes estudantes no Brasil. Por outro lado, terminadas as apresentações, estes estudantes trocam de roupa e desta forma não se diferenciam dos brasileiros. Eles dançam, conversam, festejam e se interagem conosco, o que nos leva a pensar que a cultura – sem aspas – entra em ação, de modo que neste momento, pertencemos todos a um mesmo universo social.

Esta pesquisa sobre a migração de estudantes africanos para Juiz de Fora pretendeu uma análise que abarcasse tanto a “cultura” como a cultura e a forma pela qual interagem entre si. Buscou-se entender tanto a manipulação da “cultura” africana e/ou negra no universo da sociabilidade juvenil, tanto como a forma que esta se interliga ao universo da cultura mais amplo; das relações internacionais entre Brasil e os países africanos, na qual se engendram as políticas de fomento a

migração – notadamente o PEC-G. Refletir de que forma as migrações estudantis destes estudantes operam, através de suas redes sociais e os acordos governamentais, de modo a contribuir para as reflexões acerca das (re)significações identitárias dos sujeitos imbricados no processo, e das transformações culturais e políticas num mundo cujo a cultura e a “cultura”, se encontram em constante intercâmbio e renegociação.

Referências Bibliográficas:

ABC – Agência Brasileira de cooperação – **Ministério das Relações Exteriores**
Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/educacao-para-estrangeiros/programa-pec-g> . Acesso em: 24 dez. 2012.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Miguel Vale. O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso lusófono. **In: BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela. Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2002. P.23-37.

AZEVEDO, Leonardo Francisco; LAIER, Aline Cristina. Desafios do trabalho de campo: de quando, ainda, os índios somos nós. Paper apresentado na **Jornadas de Antropologia da UNICAMP**, Campinas, São Paulo: 2013.

BAHIA, Luiz Henrique Nunes. As Áfricas e suas ordens políticas: entre o otimismo e o pessimismo. **In: Colóquio sobre as relações Brasil-África**. MRE, Dez.2002. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0174.pdf> . Acesso em: 12 jan.2013.

BARBIERI, Flávio Alisson; CARVALHO, José Alberto Magno de; MACHADO, Carla Jorge; SANTOS, Mauro Augusto dos. **Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias**. Texto para discussão n°398. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. 08,2010. Belo Horizonte: UFMG,2010. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20398.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2012.

BARRETO, Alessandra S.; DUTRA, Rogéria C. A. **Quando o campo se move: trajetórias e projetos entre redes locais e transnacionais**. Antropolítica (UFF), v.32, p.65-85, 2012.

BARTH, F. A identidade Pathan e sua manutenção[1969] ; Processos étnicos na fronteira entre os Pathan e os Baluchi[1963]. **In: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro, Contracapa, 2000.

BRASIL, Portal. Brasil.gov.br. Ministério da Educação. **Educação para estrangeiros: Programa PEC-G e PEC-PG**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/educacao-para-estrangeiros/programa-pec-g>. Acesso em: 29 de set. 2012.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.

DUMONT, Louis. Um estudo comparativo da ideologia moderna e do lugar que nela se ocupa o pensamento econômico. **In: Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica** , Bauru: Edusc. 2000. p.13-42.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAZITO, Dimitri. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade. In: **Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, 11,2002. Ouro Preto, Minas Gerais: 2002 Disponível: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf. Acesso em: 07 mai.2012.

FONSECA, Dagoberto José. As Universidades e os trânsitos da juventude: Angola, Portugal e Brasil - olhando não só para o retrovisor; **XI Luso Congresso Afro Brasileiro de Ciências Sociais** . 08/2011. Salvador: BA, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000400006. Acesso em: 19 de set.2012

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas. O antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GELLNER, Ernest. **Linguagem e Solidão. Uma interpretação do pensamento de Wittgenstein e Malinowski**. Lisboa: Edições 70, 2001.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

GOFFMAN, Erving. [1959] **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e Educação: origens de um Diálogo **Cad. CEDES** , Campinas, v 18, n. 43, dezembro de 1997. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de set. de 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621997000200002>.

_____. Entre lugares: antropologia e educação no Brasil. **Educação Revista do Centro de Educação UFSM**, Vol. 34, n. 1, abril, 2009, p. 29-46. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/1171/117112634003.pdf> Acesso em: 30 de ago.2012.

_____. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: **Colóquio Internacional Saber e Poder**, 10, 2008. Campinas, UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/focus/textos/GUSMAO%20-%20Africa%20e%20Brasil%20no%20mundo%20academico.pdf> . Acesso em: 20 de jul. 2012.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**. Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, n.3, 1997. p.7-39.

HOLENSTEIN, René. **Para quando a África?** Rio de Janeiro: Pallas, 2009. Entrevista concedida a Joseph Ki-Zerbo.

JARDIM, Antonio de Ponte. Movimentos pendulares: reflexões sobre a mobilidade pendular. In: OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto; OLIVEIRA, Antonio Tadeu Ribeiro de (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. p.58 – 70.

JOSEPH, Isac. A respeito do bom uso da Escola de Chicago. In: VALLADARES, Licia do Prado (Org.). **A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.104 -131.

LIMA, Roberto Kant de. **Antropologia da academia: quando os índios somos nós**. Niterói: EDUFF, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. São Paulo: Paulo Civita Editor, 1978 [1922].

MARCUS, George. **Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível Mundial**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, n.34, 1991, p.197-221.

MARTINE, George & CAMARGO, Lísio. Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas.v.1, n. 112, p.99 – 144, jan/dez, 1984. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol1_1984/1984v1_3artigo_p99_144.pdf Acesso em: 12 mar. 2012.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale (2004). **“O Mito Atlântico”: Relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8028> Acesso em: 13 de ago.2012.

PATARRA, Neide & PACHECO, Carlos Américo. Movimentos migratórios anos 80: novos padrões? . **Anais do 1º Encontro Nacional sobre Migração**, Curitiba, 1997. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/1EncNacSobreMigracao/AnaisENSMigracaoCuritiba1997p445a462.pdf> >. Acesso em: 05 abr. 2012.

PEIRANO, Marisa. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. **In: Uma Antropologia no Plural**. Brasília: UNB, 1991.

PEREIRA, Fábio André Lagoa. **Relatório de Estudo: Portugal e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)**. Business and Development Studies da Business School de Copenhaga, Dinamarca, 2005. Disponível em: <http://aabdev.files.wordpress.com/2009/05/relatorio-de-estudo-portugal-e-os-palop.pdf> . Acesso em: 19 mar. 2013.

PINA CABRAL, João de. Reflexões finais. In: SARRÓ, Ramon & LIMA, Antónia

Pedroso de. (orgs.). **Terrenos metropolitanos – Ensaio sobre a produção etnográfica**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

RIBEIRO, Cláudio Oliveira. **União Africana: possibilidades e desafios**. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Uniao-Africana-Possibilidades-e-desafios.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2012.

_____. Crise e Castigo: as relações Brasil-África no governo Sarney. **Revista Brasileira de Política Internacional**. n.51, ano 2; p.39-59, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v51n2/v51n2a04.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2103.

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. **Identidade e resistência no urbano: o quarteirão soul em Belo Horizonte**. Tese de doutorado, UFMG, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-7CTHCY/rita_aparecida_da_conceicao_ribeiro.pdf;jsessionid=59699855B93D02389E0FFC589F05EEEE?sequence=1 Acesso em: 8 fev. 2103.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Antropologia da globalização. Circulação de pessoas, mercadorias e informações. **Série Antropologia Vol. 435**, Brasília: DAN/UnB, 2011.

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. [1899]. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Vol. 15, n.4, Rio de Janeiro, out./dez. 2008. Tradução:

ROJO, Luiz Fernando. Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. **Cadernos de Campo**, n.12, 2004, págs. 41-56.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SALES, Tereza. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa. **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, São Paulo, 1992. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol9_n1_1992/vol9_n1_1992_4artigo_50_64.pdf. Acesso em: 20 abr. 2012.

SANTOS, Dina Maria Rosário dos. Nômades do saber: um estudo sobre as migrações estudantis na UNEB e no IFBA. In: **Anais do Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão da Faculdade Senac, 2010**. Disponível em: http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/IV/anais/comunicacao/032_2010_ap_oral.pdf. Acesso em: 08 de ago. 2012.

SARAIVA, José Flávio Sombra. A nova parceria para o desenvolvimento Africano (nepad) no contexto internacional. In: **Colóquio sobre as relações Brasil-**

África.MRE, Dez.2002. Disponível em:<http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0174.pdf> . Acesso em: 8 mar.2013.

SARRÓ, Ramon & LIMA, Antónia Pedroso de. Introdução – Já dizia Malinowski: sobre as condições da possibilidade da produção etnográfica. In: SARRÓ, Ramon & LIMA, Antónia Pedroso de. (orgs.). **Terrenos metropolitanos – Ensaios sobre a produção etnográfica**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

SILVA, Alberto da Costa. O Brasil, a África e o Atlântico no século XXI. **Estudos Avançados**. São Paulo, Ano 08, n.21, mai.1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200003 . Acesso em: 18 jan. 21013.

SILVA, AntonioOzaida. A representação do negro na política brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, Ano 04, n.40, Set.2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/040/40pol.htm> . Acesso em: 05 mar. 2013.

SILVA, Márcia Maro da. **A independência de Angola**, Dissertação de doutorado. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.248 p. 2008. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0492.pdf>. Acesso em 24 out. 2012.

SILVEIRA, José Augusto Ribeiro da; LAPA, Tomas de Albuquerque, RIBEIRO, Edson Leite. Percursos e processos de evolução urbana: uma análise dos deslocamentos e da segregação na cidade. **Revista Arquitextos**. São Paulo, Ano 08, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.090/191>>. Acesso em: 11 mai. 2012.

SPEKTOR, Matias. Origens e direção do Pragmatismo Ecumênico e Responsável (1974-1979). **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília, v.47, n.2, p.191-222, Dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 mai. 2013.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

THOMAZ, Omar Ribeiro. Tigres de Papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa. In: BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela. **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2002. P.23-37.

TILLY, Charles. **O acesso desigual ao conhecimento científico**. Tempo Social. São Paulo, USP. v.18, n.2, 2006.

_____. **Cities and Migration**. The Center for Research on Social Organization, University of Michigan. dec, 1976.

_____. **Migration in modern European history.** The Center for Research on Social Organization, University of Michigan, Oct, 1976.

_____. Transplanted Networks. In: MCLAUGHLIN, Virginia (ed.) **Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics.** New York: Oxford University Press. 1990. p. 79-95.

TOURAINÉ, Alain. O retorno do Actor. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira – **A Aventura Sociológica,** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WERBNER, Pnina. The Translocation of culture: and the force of multiculturalism in history. **The Editorial Board of The Sociological Review, 2005.** p. 745-768.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.